

Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

**AS IMPLICAÇÕES DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE
CONSUMO DE ÁLCOOL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO BREVE
APLICADA POR PROFESSORES**

Marília/SP

-2011-

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
Programa de Pós-Graduação em Educação

**AS IMPLICAÇÕES DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE
CONSUMO DE ÁLCOOL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO BREVE
APLICADA POR PROFESSORES**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP para a obtenção do título de Doutor em Educação

Orientador: Prof. Dr. Raul Aragão Martins

Marília/SP

-2011-

C957i Cruz, Luciana Aparecida Nogueira da.
As implicações do curso de formação continuada sobre consumo de álcool: uma proposta de intervenção breve aplicada por professores. / Luciana Aparecida Nogueira da Cruz. – Marília, 2011.
158 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências 2010.

Bibliografia: f. 138-146
Orientador: Raul Aragão Martins

1. Ensino médio – Estudantes – Uso de álcool.
 2. Adolescentes – Consumo de álcool. 3. Intervenção breve - BASICS. 4. Formação continuada – Curso.
- I. Autor. II. Título.

CDD 373

LUCIANA APARECIDA NOGUEIRA DA CRUZ

**AS IMPLICAÇÕES DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE
CONSUMO DE ÁLCOOL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO BREVE
APLICADA POR PROFESSORES**

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR

Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP

Área de Conhecimento: Educação

Presidente: Prof Dr Raul Aragão Martins

2º Examinador: Profa Dra Maévi Anabel Nono.

3º Examinador: Profa Dra Lourdes Marcelino Machado.

4º Examinador: Profa Dra Liana Abrão Romera.

5º Examinador: Prof Dr. Alonso Bezerra de Carvalho.

Marília, 09 de fevereiro de 2011.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a confiança e autonomia dadas a mim pelo orientador e amigo Professor Raul Aragão Martins. Também agradeço à Professora Maévi Anabel Nono por elucidar muitas de minhas dúvidas e contribuir tanto na qualificação quanto na defesa deste trabalho. E aos professores que aceitaram fazer parte da banca de defesa, professor Alonso, professora Lurdinha e Liana.

Às minhas amigas, companheiras de pós Izabella, Patrícia, Júlia, Fabiana e Rosana que leram e corrigiram meu trabalho sempre que solicitei.

Aos meus amigos irmãos Ronaldo e Cristiano que mesmo sem entender muito bem o que faço, respeitaram meu mau humor e angústias.

Ao meu companheiro João Ricardo que apóia, respeita e admira minha dedicação ao trabalho.

À Gerson Rossi que prontamente aceitou corrigir esta tese em suas férias.

À escola e aos professores Ana Lúcia, Ana Maria, Mary, Célia, Edna, Marisa, Sandra, Silvia, Solange, Terezinha e Valter que de braços abertos receberam a idéia de realizar um projeto pioneiro. Em especial a Professora coordenadora pedagógica Mafalda, que mesmo não fazendo parte do projeto, sempre auxiliou-nos em tudo que lhe foi solicitado.

À Capes, agradeço o importante suporte financeiro para a realização desta pesquisa.

E aos meus pais, Cida e Loro.

CRUZ, L. A. N. da. As implicações do curso de formação continuada sobre consumo de álcool: uma proposta de intervenção breve aplicada por professores. 2011. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, 2011.

Resumo

O consumo de álcool entre o público jovem tem se iniciado em idade cada vez mais precoce e com frequência cada vez maior. Por essa razão buscou-se realizar uma pesquisa com adolescentes, matriculados no ensino médio público, por profissionais da própria escola com apoio de um grupo de pesquisadores da UNESP (e não por pessoal externo à escola) em uma escola pública estadual de ensino médio de uma cidade do noroeste paulista, Brasil. Realizou-se um curso de formação continuada no local de trabalho com um grupo de professores e a fim de habilitá-los a desenvolver pesquisa sobre o padrão de beber de adolescentes e aplicar uma intervenção breve baseada no procedimento *Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students* (BASICS). Essa intervenção é usada para a redução de danos e diminuição do consumo de álcool. O objetivo dessa pesquisa de doutorado foi avaliar as implicações que o curso de formação continuada teve na efetivação da pesquisa (levantamento e intervenção breve) dos profissionais da escola e na prática escolar desses profissionais, e a eficácia da intervenção breve aplicada por profissionais da educação. Os resultados apontam que a realização da pesquisa contribuiu significativamente para a prática docente e na autovalorização profissional. Notou-se que o vínculo entre professor e alunos facilitou a realização da intervenção breve alcançando índices significativos na redução de consumo de álcool, principalmente entre os alunos do primeiro ano do ensino médio. Assim, conclui-se que formar profissionais de escolas para pesquisa e aplicação de intervenções breve é válido e deve-se começar o trabalho de intervenção com alunos dos últimos anos do ensino fundamental ou primeiro ano do ensino médio.

Palavras-chave: formação continuada; intervenção breve; consumo de álcool; estudantes

CRUZ, L. A. N. da. Implications of continuing education course on alcohol consumption: a brief intervention proposal conducted by school teachers. 2011. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, 2011.

ABSTRACT

The consumption of alcohol among teenagers has been initiated earlier and more often than ever. Therefore, we propose a study with teenagers enrolled in public high school conducted by in-house educators (not a third-party intervention as commonly occurs) supported by Unesp researchers in a public high school located in the northwest of São Paulo state. A continuing education course has been delivered to the group of educators in order to prepare them for the development of a research on teenagers' drinking behavior and to lead a Brief Intervention based on the BASICS method - Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students. Such intervention has been conducted to decrease alcohol consumption and its harmful effects. The aim of this Ph.D. research is to evaluate the implications of the continuing education course on the effectiveness of the study held by school professionals, on their teaching practices, and on the efficiency of a Brief Intervention conducted by these educators. Results show that the study benefited the educators teaching practices and their professional self-image. It's evident that the degree of closeness between educators and students was a facilitating factor for the success of the brief intervention, which achieved significant levels of alcohol-use reduction especially among freshman high school students. Therefore we may conclude that it is valid to provide educators with research background and practical knowledge on brief intervention methods and that intervention must comprise middle school and freshman students especially.

Key-words: continuing education; brief intervention; consumption of alcohol; students

LISTA DE APÊNDICES

A	Roteiro da entrevista realizada com a equipe da escola em 2008.....	147
B	Roteiro da entrevista realizada com a equipe da escola em 2009.....	148
C	Ementa do Curso de formação continuada para professores em serviço sobre uso de SPA entre estudantes e IB.....	149
D	Cronograma do curso de formação continuada para os membros da equipe da escola.....	150
E	Instrumento do levantamento inicial.....	152
F	Instrumento da entrevista.....	154
G	Folheto explicativo.....	157

LISTA DE FIGURAS

1	Quantidade média de doses consumidas por grupos.....	107
2	Frequência média de beber por grupos.....	107
3	Figura 3 – Padrão <i>binge</i> de beber por grupos.....	108
4	Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana.....	109
5	Média de doses na semana por grupos.....	109
6	Média de dias na semana por grupos.....	110
7	Pontuação no AUDIT por grupos.....	110
8	Quantidade média de doses consumidas por grupos.....	112
9	Frequência média de beber por grupos.....	112
10	Padrão <i>binge</i> de beber por grupos.....	112
11	Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana.....	113
12	Média de doses na semana por grupos.....	114
13	Média de dias na semana por grupos.....	114
14	Pontuação no AUDIT por grupos.....	115
15	Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana.....	120
16	Quantidade média de doses consumidas por grupos.....	122
17	Frequência média de beber por grupos.....	124
18	Padrão <i>binge</i> de beber por grupos.....	124
19	Pontuação no AUDIT por grupos.....	125

LISTA DE QUADRO

1	Valores antigos e novos das variáveis categóricas do teste	
	Q_F.....	98

LISTA DE SIGLAS

IB	Intervenção Breve
GR	Grupo de risco – sujeitos que apresentam beber de risco
GG	Grupo geral
SPA	Substâncias psicoativas
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
AUDIT	Alcohol use disorders identification test
BASICS	<i>Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students</i>
EDA	Escala de dependencia do álcool
NIAAA	National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism

LISTA DE TABELAS

1	Frequência e porcentagem dos alunos matriculados e que responderam ao levantamento inicial por série e período.....	67
2	Frequência e porcentagem do número de participantes dos grupos por período, ano escolar, nível socioeconômico (NSE) e religião.....	69
3	Frequência e porcentagem dos participantes por grupo e série...	69
4	Frequência e porcentagem dos participantes submetidos a IB e que concluíram o seguimento nº 1.....	70
5	Frequência e porcentagem dos participantes submetidos a IB e que concluíram o seguimento nº 2.....	71
6	Frequência e porcentagem dos participantes submetidos a IB e que concluíram o seguimento.....	71
7	Frequência e porcentagem do resultado do AUDIT por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião.....	97
8	Frequência e porcentagem de respostas na variável "Quantidade" por resultado no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião.....	99
9	Frequência e porcentagem de respostas na variável "Frequência" por resultado no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião.....	100
10	Média, desvio padrão e "p" do número de eventos de beber se embriagando por pontuação no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião.....	101
11	Frequência e porcentagem das respostas das questões sobre quantidade e frequência de beber do teste Q_F por grupos.....	102
12	Média, desvio padrão e "p" do número de eventos de beber se embriagando por grupo.....	102
13	Frequência e porcentagem do tipo de bebida por grupo de dia da semana.....	103
14	Frequência e porcentagem dos participantes no teste EDA por grupos.....	105

15	Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1.....	106
16	Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1 e 2.....	111
17	Frequência e porcentagem do resultado do AUDIT por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião.....	116
18	Frequência e porcentagem de respostas na variável "Quantidade" por resultado no AUDIT, período, sexo, nível socioeconômico e religião.....	117
19	Frequência e porcentagem de respostas na variável "Frequência" por resultado no AUDIT, período, sexo, nível socioeconômico e religião.....	118
20	Média, desvio padrão e "p" do número de eventos de beber se embriagando por pontuação no AUDIT, período, período e sexo.	118
21	Frequência e porcentagem das respostas das questões sobre quantidade e frequência de beber do teste Q_F por grupos.....	119
22	Frequência e porcentagem dos participantes no teste EDA por grupos.....	121
23	Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1.....	123

SUMÁRIO

Introdução	14
2 O professor e a pesquisa	21
2.1 Formação do professor pesquisador	21
2.2 Formação continuada de professores.....	31
3 O consumo de álcool	36
3.1 Conceitos.....	36
3.2 Política Nacional Sobre Álcool.....	38
3.3 Pesquisas sobre consumo de álcool.....	40
3.4 Fatores que contribuem para o uso de álcool entre adolescentes e jovens.....	43
3.4.1 Influência do grupo de pares.....	45
3.4.2 Expectativas quanto ao uso de álcool	47
3.4.3 Influência das propagandas.....	48
3.5 Estudos sobre intervenção breve.....	50
3.5.1 No que consiste o método BASICS?.....	52
4 Método	56
4.1 Escola.....	56
4.2. Participantes.....	58
4.3. Instrumentos para a avaliação do curso de formação continuada.	60
4.4 Procedimento.....	62
4.4.1 Criação da equipe de trabalho da escola.....	63
4.4.2 Curso de formação continuada em serviço.....	63
4.4.3 Detalhamento da pesquisa realizada pela equipe da escola	66
4.4.3.1 Participantes	67
4.4.3.1.2 Participantes dos grupos geral e de risco.....	68
4.4.3.1.3 Participantes do seguimento nº 1 (4 meses após a IB).....	69
4.4.3.1.4 Participantes do seguimento nº2 (9 meses após a IB).....	70
4.4.3.1.5 Participantes do seguimento com alunos ingressantes em 2009 (4 meses após a IB).....	71
4.4.3.2 Instrumentos do levantamento inicial, da entrevista e dos seguimentos.....	72
4.4.3.3 Procedimentos do levantamento inicial e formação dos grupos.....	72

4.4.3.4	Procedimento da entrevista e intervenção breve.....	74
4.4.3.5	Forma de registro e análise de dados da pesquisa realizada pela equipe da escola.....	76
4.5	Análise de dados da avaliação do curso de formação continuada.	76
4.6	Considerações éticas	77
5	Resultados.....	79
5.1	Entrevista com a equipe da escola no início do curso.....	80
5.2	Entrevista com a equipe da escola no término do projeto.....	84
5.3	Análise das gravações dos encontros do curso de formação continuada em serviço e do acompanhamento da pesquisa da equipe da escola.....	92
5.4	Resultados da pesquisa e da IB realizada pela equipe da escola com os alunos do ensino médio.....	96
5.4.1	Resultados do Levantamento Inicial.....	97
5.4.2	Resultados da Entrevista.....	101
5.4.2.1	Resultados do teste Quantidade e Frequência – Q_F.....	101
5.4.2.2	Resultados do teste Perfil Breve do Bebedor.....	103
5.4.2.3	Resultados do EDA.....	104
5.4.3	Resultados da intervenção breve.....	105
5.4.4	Resultados dos seguimentos.....	106
5.4.4.1	Resultados do seguimento nº 1 (4 meses após a IB)	106
5.4.4.2	Resultados do seguimento nº 2 (9 meses após a IB)	111
5.4.5	Resultados da pesquisa realizada com os alunos ingressantes em 2009.....	115
5.4.5.1	Resultados do levantamento inicial com os alunos ingressantes em 2009.....	116
5.4.5.2	Resultados da Entrevista com os alunos ingressantes em 2009.....	119
5.4.5.3	Resultados da intervenção breve com os alunos ingressantes em 2009.....	122
5.4.5.4	Resultados do seguimento com os alunos ingressantes em 2009 (após 4 meses da IB).....	122
6	Considerações finais.....	126

6.1	Formação continuada.....	126
6.2	Consumo de álcool entre adolescentes.....	131
6.3	Recomendações.....	135
	Referências	138

1 INTRODUÇÃO

A maioria das pessoas adultas de todo o mundo já experimentou algum tipo de bebida alcoólica e há uma proporção considerável que usa periodicamente durante a maior parte da vida. Pesquisadores de todo o mundo buscam o esclarecimento dos dados comparativos entre taxas de uso de álcool na vida em diversos grupos etários, sexo e regiões ou países. A Organização Mundial de Saúde – OMS comparou a evolução de consumo de álcool *per capita* entre as décadas de 70 e 90 do século XX, em 137 países. No Brasil, o consumo cresceu 70,44%. Esse aumento o colocou entre os 25 países que mais aumentaram o consumo durante esse período (BRASÍLIA, 2008). Cabe esclarecer que consumo *per capita* significa a produção interna menos exportação mais importação, dividido pela população com mais de 15 anos de idade. Esses dados são fornecidos pelas indústrias produtoras de bebidas e calculado internacionalmente de forma padrão. Esses cálculos não incorporam dados clandestinos de produção e venda, isso significa que esse número tende a ser maior (BRASÍLIA, 2008). Dados publicados pela Organização Internacional do Trabalho – OIT revelam que entre 10 e 12% da população economicamente produtiva acima de 14 anos de idade apresenta algum tipo de problema relacionado com o uso abusivo ou com dependência de álcool (BRASÍLIA, 2008).

Os levantamentos nacionais referentes ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil apresentam resultados elevados para o uso de álcool entre o público adolescente. Os resultados do *I Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudos envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001* (CARLINI et al., 2002) mostram que 48,3% dos adolescentes (entre 12 e 17 anos de idade) já fizeram uso de álcool na vida e 5,2% já apresentam sintomas de dependência (6,9% do sexo masculino e 2,5% do feminino). Este estudo foi repetido em 2005 e o número de adolescentes que preenchem o critério de dependência de álcool passou para 7,0% (7,3% do sexo masculino e 6,0% do feminino) (CARLINI et al., 2006). Este resultado é relativamente modesto quando comparado com adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, MT, que mostram 13,4% deles preenchendo os critérios de alcoolismo (SOUZA, ARECO e SILVEIRA FILHO, 2005). Martins, Manzato e Cruz (2005) revisando os principais estudos sobre uso de álcool entre os estudantes de nível

fundamental e médio, encontram os seguintes resultados: uso no ano variando de 75% a 85%; no mês em torno de 64%; e em estudo realizado na cidade de Cuiabá (MT) encontrou-se a média de 12,1 anos de idade (DP 3,6) para o início do uso de álcool (SOUZA e MARTINS, 1998). Especificamente na cidade em que se deu o presente estudo, no interior do Estado de São Paulo, 77% de escolares de ensino médio já fizeram uso de álcool na vida (SILVA, et al., 2006). Estes números são elevados quando comparados às médias encontradas no estudo envolvendo as 24 maiores cidades de São Paulo (com mais de 200 mil habitantes), em que 35% de pessoas entre 12 e 17 anos de idade já fizeram *uso na vida* de bebidas alcoólicas e a prevalência de dependentes nessa faixa etária chega a 3,9%, enquanto 4,9% relataram perda de controle sobre o álcool, e 3,5% apresentam tolerância aos efeitos do álcool (GALDURÓZ et al., 2000).

O álcool além de ser a substância mais usada pelos adolescentes e jovens, também é o principal responsável pelo seu envolvimento em diversas situações de risco. Não é exagero tecer inúmeros exemplos de danos sociais causados pelo seu uso, como mortes por afogamento, quedas fatais e disparos de armas (WERNER e ADGER, 1995). Dados brasileiros mostram que o uso de álcool está associado à atividade sexual precoce (SCIVOLETTO et al., 1999) e maior número de reprovações na escola (TAVARES, BÉRIA e LIMA, 2001). Estudo realizado em Curitiba indicou que 58,9% dos autores de crimes e 53,6% das vítimas de 130 processos de homicídios, ocorridos entre 1990 e 1995 na cidade, estavam sob efeito de bebida alcoólica no momento da ocorrência (DUARTE e CARLINI-COTRIM, 2000). O governo federal aponta que

O álcool está relacionado a mais de 60 diferentes condições médicas, violência e acidentes, problemas escolares e no ambiente de trabalho, admissões em hospitais de saúde mental e ocorrências de morte, mesmo em indivíduos que não apresentam um quadro de dependência ao álcool. [...] O consumo de álcool é responsável por cerca de 60% dos acidentes de trânsito, não sendo necessário apresentar um quadro de dependência para que isso ocorra (BRASÍLIA, 2008, p.66-67).

Mesmo com todos os danos provocados pelo consumo de bebidas alcoólicas, existe grande aceitação e complacência social, tanto para o consumo de álcool quanto o de tabaco. Ou seja, há, por parte da sociedade, o incentivo para o consumo de drogas legais. Um bom exemplo são as fabulosas propagandas e patrocínios por parte das empresas de bebidas e de cigarro (as

restrições variam de acordo com as Leis de cada país). O elevado consumo das drogas legais (álcool e tabaco) é visto como um dos problemas sociais mais preocupantes a ser resolvido para a constituição de uma sociedade justa e saudável (BUCHER e OLIVEIRA, 1994; VELHO, 1993).

“O consumo excessivo acompanha a sociedade moderna em suas contradições, como um grave e urgente problema de saúde pública” (BRASÍLIA, 2008, p. 98). E por se tratar de um grave problema de saúde pública cabe a instituições e profissionais tanto da Saúde quanto da Educação buscar alternativas para amenizar tal problema.

No âmbito da Educação é comum que instituições escolares esperem, por parte de setores públicos, ações efetivas voltadas para solucionar o problema do uso de drogas entre os alunos. Em trabalhos de pesquisas e de intervenções em escolas observamos que os profissionais da educação demandam ajuda para lidar com questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas – SPA. Eles carecem de informações sobre o tema e delegam a responsabilidade para tratar do assunto a profissionais externos à escola.

Muitas escolas, por exemplo, solicitam a presença de profissionais da saúde ou da segurança para realizar trabalhos voltados à prevenção ou coibição (no caso da polícia, explicar os trâmites legais que envolvem o uso ou venda de drogas a menores ou por menores de 18 anos) do uso de SPA. Geralmente estes profissionais, que não fazem parte do quadro de profissionais da escola, são requisitados para realizarem palestras informativas ou campanhas educativas, mas esse tipo de trabalho dificilmente tem continuidade, pois os profissionais apenas passam pela escola e os alunos não os tem como referência dentro do ambiente escolar.

Também existem escolas em que gestores e professores se engajam em trabalhos voltados para alertar os alunos dos “perigos” que rondam o uso de drogas, muitas vezes esses trabalhos são pautados em materiais educativos enviados pelo Governo (SÃO PAULO, 1996). O mais comum é oferecer informações sobre os malefícios das drogas ilegais, pois o álcool, o cigarro e os medicamentos não são considerados tão vilões quanto as drogas ilegais. Alguns profissionais da educação realizam ações isoladas e com pouca eficácia porque não envolvem uma equipe preparada e organizada para o mesmo fim. Pode-se

atribuir, como uma das causas da ineficácia dessas ações, a formação do professor.

Os cursos de graduação em licenciaturas ainda não abordam temas como o uso de SPA entre estudantes. Como consequência, tem-se profissionais da educação inseguros e desinformados para lidar com tal questão. A formação de professores em serviço é apontada como um dos fatores para a qualidade do ensino, e pesquisas recentes têm mostrado as possibilidades desta atuação, especialmente as referentes à parceria universidade-escola (ANDRÉ, SIMÕES, CARVALHO e BRZEZINSKI, 1999; GATTI, 2003; LIBÂNEO, 2001; MIZUKAMI et al., 2003; RAPOSO e MACIEL, 2005).

Os cursos de formação inicial não têm a possibilidade de oferecer uma formação completa. É praticamente impossível abordar todos os assuntos que dão conta das problemáticas do cotidiano escolar. Por essa razão surgem muitos programas de formação contínua e, infelizmente, muitos deles transformaram a “educação em um grande mercado” (PIMENTA, 2006). Também é muito raro encontrar cursos de formação continuada voltados para profissionais da Educação sobre a temática “uso de SPA”. Foi pensando nestas questões a respeito da formação continuada de professores em serviço e a preocupação com o uso de bebidas alcoólicas entre o público adolescente e jovem que pautou-se o presente estudo.

Primeiramente foi elaborado o projeto e apresentado ao Programa Especial Melhoria do Ensino Público da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, o projeto intitulado “Aplicação de intervenção breve por professores de escola pública para redução do uso de álcool entre estudantes de ensino médio”. Esse programa apóia pesquisas que visam a melhorar os problemas concretos de escolas públicas paulistas. De acordo com a FAPESP o objetivo desse programa é

[...] co-responsabilizar pesquisadores e instituições pela qualidade e constante inovação no ensino público, em todos os níveis. Instituições de pesquisa e escolas se envolvem via os projetos vinculados a esse programa na produção de conhecimento, que pode servir de base para o delineamento de políticas públicas educacionais e para o aperfeiçoamento da qualificação dos professores (MIZUKAMI, p.97, 2003).

Cabe dizer que o Programa Ensino Público não oferece auxílio para “atividades de formação continuada de professores em suas diferentes

modalidades e para produção de material didático, a não ser que sejam caracterizados como atividade de pesquisa” (MIZUKAMI, p.97, 2003). Por essa razão, o presente trabalho consolidou parceria com uma escola pública de ensino médio com a finalidade de oferecer uma atividade de formação continuada e, ao mesmo tempo, investigar as possibilidades e limitações de tal atividade na atuação dos professores envolvidos.

A preparação da equipe de profissionais da escola que realizaria a pesquisa foi o objeto de estudo da presente tese de doutorado. Portanto, este estudo teve, como foco, o trabalho de formação continuada em serviço de professores para identificação e intervenção junto a adolescentes que já fazem uso de risco de álcool. Objetivou-se: (1) avaliar as implicações e limitações da formação continuada no local de trabalho no desenvolvimento de uma pesquisa e aplicação de Intervenção Breve (IB) para a redução do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio público; (2) avaliar as implicações e limitações da formação continuada nas práticas dos professores e no relacionamento escola-universidade (conceito de pesquisa, como se relacionam com as atividades de pesquisa na aplicação da Intervenção Breve e na relação ensino-pesquisa); (3) verificar a eficácia da Intervenção Breve aplicada por profissionais de ensino.

Teve-se, como motivação para a elaboração do presente estudo, experiências com pesquisas relacionadas ao uso de álcool e outras drogas com estudantes de escolas públicas (CRUZ, 2006; MARTINS, 2006; MARTINS, 2009a). Nestas pesquisas anteriores, inclusive no mestrado, foram realizados levantamentos sobre o padrão de uso de álcool entre estudantes e aplicação de IB, mas os terapeutas eram pesquisadores da universidade e não da escola onde as pesquisas foram realizadas. A partir destes estudos e de leituras sobre pesquisas nacionais e internacionais, relacionadas ao problema “uso de álcool entre adolescentes”, surgiu o interesse em preparar um grupo de profissionais da própria instituição escolar para realizarem, eles próprios, uma pesquisa e a IB, pois estes profissionais fazem parte do contexto escolar dos adolescentes e já possuem vínculos com eles. Dentro desta perspectiva acreditamos que uma equipe escolar capacitada possibilita um trabalho sistematizado e contínuo com todos os alunos da escola.

Para a preparação dos professores, foi organizado um curso de formação continuada em serviço. O papel dos profissionais da universidade (orientador e alunas de mestrado e doutorado) foi fornecer embasamento teórico a fim de

preparar, orientar e auxiliar no desenvolvimento de uma pesquisa que consistiu no levantamento do padrão de consumo de álcool (screening) e numa intervenção breve baseada nos princípios da redução de danos.

A população alvo da pesquisa realizada pelos profissionais da escola foram alunos das três séries do ensino médio. O grande diferencial foi o fato dos terapeutas que realizaram a intervenção breve não serem profissionais externos à escola, mas sim da própria escola (professores, diretora e vice-diretora), ou seja, profissionais que atuam diretamente com a população que recebeu a intervenção breve. Cabe salientar que a intervenção usada foi baseada no método *Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students* – BASICS (DIMEFF et al., 2002). Esse método apresenta um procedimento em que a IB pode ser realizada por qualquer profissional, desde que esteja capacitado para isso. A intervenção breve (IB) tem, como objetivos, detectar o problema e motivar o sujeito a alcançar determinados comportamentos a fim de reduzir os riscos de danos provenientes do uso de SPA. Geralmente, profissionais da Saúde usam a IB como complemento das atividades clínicas e assistenciais. É um método rápido, barato e com eficácia considerável.

A realização de todo o projeto envolvendo o curso de formação dos professores, a pesquisa e a IB teve duração de dois anos, no primeiro ano foi realizado o curso de formação continuada em serviço com a equipe da escola e a pesquisa com os alunos, no segundo ano deu-se sequência aos seguimentos e novo levantamento e IB com os alunos ingressantes.

A tese está organizada em três capítulos teóricos, um metodológico, um sobre os resultados e um último acerca das considerações finais. O capítulo 1 destinou-se à introdução aqui apresentada e o segundo capítulo aborda o tema ensino e pesquisa, abrangendo a questão da formação do professor pesquisador e a formação continuada no cenário educacional atual. O terceiro capítulo teórico apresenta pesquisas nacionais e internacionais sobre o consumo de álcool e sobre intervenções breves. O quarto traz o método com cada etapa cuidadosamente detalhada da presente pesquisa. O quinto capítulo apresenta os resultados das entrevistas feitas com os profissionais da escola no início do curso de formação continuada e no final da realização da pesquisa, também são apresentadas as análises das gravações dos encontros feitos entre os profissionais da escola e os pesquisadores da universidade. Além disso, são

apresentados os resultados da pesquisa (padrão de consumo e intervenção breve) feita com os alunos do ensino médio. No sexto e último capítulo são discutidas as considerações finais.

2 O PROFESSOR E A PESQUISA

Quando se fala em pesquisa científica, geralmente remete-se à idéia de estudos sistematizados realizados por cientistas titulados, altamente capacitados e vinculados a centros de pesquisas como universidades, por exemplo. As pesquisas realizadas por professores do ensino fundamental e médio são escassas e as que existem recebem críticas severas por parte de muitos estudiosos da área educacional. No presente capítulo, apresentam-se autores nacionais que discutem o *locus* das pesquisas na área da educação e quem são os responsáveis pela realização dessas pesquisas. É fato que o assunto esbarra na formação do educador. A escolha dos autores citados no presente capítulo se deu em razão de serem importantes estudiosos que fazem leituras aprofundadas dos pesquisadores Schön (1987) e Perrenoud (1992).

Apresenta-se, também, a questão da formação do professor pesquisador e conceitos amplamente utilizados nas pesquisas educacionais como o de professor pesquisador reflexivo e professor crítico reflexivo. Além disso, discorre-se sobre a temática da formação continuada do professor em serviço.

Não se teve a pretensão de aprofundar sobre o tema formação de professores no presente estudo. O que coube aqui foi uma breve explanação de leituras de autores nacionais sobre o tema apenas para fundamentar o estudo realizado com professores.

2.1 Formação do professor pesquisador

No Brasil a bibliografia referente ao tema "formação de professor" se intensifica no início da década de 90, com estudos de autores como Perrenoud, Nóvoa, Carr e Kemmis. Estes autores destacam o papel da reflexão na prática docente e no aprimoramento do trabalho do professor. Na segunda metade dos anos 90, a formação de professores passa a ser vista numa perspectiva mais ampla em vários estudos com o conceito de professor prático reflexivo, ou que abordam o tema numa linha crítica. Esta linha crítica é representada por pesquisadores como Pimenta, Lüdke, Geraldi, Marin, Fiorentini e Pereira.

Libâneo (2006, p.61) salienta que Pimenta e outros autores abordam as idéias de Donald Schön, mas destacam a importância das "trocas reflexivas

sobre as práticas dos professores, da cultura interna das escolas que também demandam as práticas e da escola como comunidade crítica de aprendizagens”. Daí propõem a pesquisa colaborativa. A pesquisa colaborativa, segundo Pimenta (2005) objetiva criar, nas escolas, uma cultura de análise das práticas que são realizadas, com o auxílio de pesquisadores de universidades a fim de que os professores transformem suas ações e práticas institucionais.

A importância da pesquisa na formação de professores acontece no movimento que compreende os docentes como sujeitos que podem construir conhecimento sobre o ensinar na reflexão crítica sobre sua atividade, na dimensão coletiva e contextualizada institucional e historicamente. Nessa direção, encontramos pesquisas denominadas de colaborativa, realizadas na relação entre pesquisadores-professores da universidade e professores-pesquisadores nas escolas, utilizando como metodologia a pesquisa-ação. Nestas, os professores vão se constituindo em pesquisadores a partir da problematização de seus contextos. Na reflexão crítica e conjunta com os pesquisadores da universidade, são provocados a problematizar suas ações e as práticas da instituição e a elaborar projetos de pesquisa seguidos de intervenção (ZEICNER, 1998; FIORENTINI; GERALDI; PEREIRA, 1998; PIMENTA; GARRIDO; MOURA, 2000 apud PIMENTA, 2006, p. 523).

Há consenso entre os estudiosos da área de formação de educadores quanto à importância da pesquisa na formação e na prática docente, mas deve-se ter cautela quanto ao uso de termos como “professor pesquisador reflexivo” e “professor reflexivo”. Libâneo (2006) aponta que há variações e diferentes formas de compreender o conceito de reflexividade. O que alerta para o perigo da relativização desse conceito. Ele aponta dois tipos básicos de reflexividade: o do *professor crítico reflexivo* característico da fundamentação marxista e da abordagem sócio-histórica e *professor reflexivo* que tem como base teórica o construtivismo piagetiano.

Lüdke (2001) também alerta para a ampliação desmedida do conceito de reflexão tal como proposto por Donald Schön (1983). Esses termos têm sido usados de forma corriqueira nas pesquisas de educadores.

André (2001), atenta para o fato de o conceito de professor pesquisador ser muito aberto e, por esse motivo, sofrer variadas interpretações. Existe o risco em desvalorizar a atividade docente associado ao movimento em defesa do professor pesquisador, já que a pesquisa tem seu status e prestígio. Também há o risco do professor ser considerado o culpado pelos problemas da educação,

pois sendo ele professor pesquisador, ocupa o papel social de agente de mudança nas questões educacionais. Para evitar esses riscos, a autora acha melhor abandonar o conceito de professor-pesquisador e fala de "possibilidade de articulação entre ensino e pesquisa na formação docente."

[...] para alguns, formar o professor pesquisador significa levar o futuro docente a realizar um trabalho prático ou uma atividade de estágio, que envolve tarefas de coleta e de análise de dados. Para outros, significa levar os futuros professores a desenvolver e implementar projetos ou ações nas escolas. E há ainda os que se valem do prestígio comumente associado à pesquisa para divulgar essa idéia como um novo selo, um modismo ou uma marca de propaganda (ANDRÉ, 2001, p.57).

Outro ponto que chama a atenção nas pesquisas são as condições oferecidas ao professor para realizar pesquisa. Para que o professor realize pesquisa ele precisa dispor, pelo menos, de requisitos necessários para a sua elaboração, como tempo, material e espaço. André (2001) questiona se não é exigir demais do professor esses requisitos além de seu trabalho diário. A autora defende ainda que

Querer que o professor se torne um profissional investigador de sua prática exige que se pense nas exigências mínimas para sua efetivação, ou seja: é preciso que haja uma disposição pessoal do professor para investigar, um desejo de questionar; é preciso que ele tenha formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria técnico-pedagógica; que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada (p.60).

Além dos cuidados ao adotar conceitos como o de professor pesquisador reflexivo e atentar para as condições oferecidas ao professor pesquisador, cabe indagar quem é esse professor e de que pesquisa se fala. A partir dessas observações é possível começar a entender que tipo de pesquisa vem sendo produzido nas escolas (ANDRÉ, 2001).

Lüdke (2001) também considera que deva ser vista com cuidado esta proposta de professor pesquisador, como expõe a seguir.

Na verdade, falar em produção de conhecimento pelo professor ainda é *tabu*. Em primeiro lugar, porque as condições concretas de trabalho docente no Brasil tornam extremamente

improváveis as possibilidades de a pesquisa vir, a curto ou médio prazo, ser inserida no perfil profissional dos professores de ensino fundamental e médio. Nas condições atuais, pesquisar é um fardo praticamente impossível de se carregar. Em segundo lugar, há enormes resistências entre os acadêmicos e formadores de professores em admitir essa possibilidade. Se a pesquisa do professor se baseia no modelo científico tradicional, acusam-na de ser positivista e ultrapassada; se a pesquisa do professor parte para outras abordagens, acusam-na de ser pouco científica (LÜDKE, 2001, p.30).

É fato que, em se tratando de pesquisa em Educação, centros de pesquisas como as Universidades públicas são responsáveis pela maioria da produção científica voltada ao tema. E quanto às pesquisas realizadas por educadores que estão na escola, alguns trabalhos de pesquisa de professores não poderiam ser considerados como pesquisas, segundo Foster (1999 apud SANTOS, 2001, p.15), pois há problemas de metodologia e de validade dos resultados por falta de evidências. Ele critica dizendo que “[...] mesmo professores altamente motivados, tem dificuldades em conduzir pesquisas de bom nível.” em decorrência do “[...] fato de que pesquisar e ensinar são atividades distintas, que dependem de diferentes tipos de conhecimento, habilidades e disposições”. Outro ponto agravante a ser considerado na pesquisa em educação é a ênfase na abordagem qualitativa, pois

[...] pesquisadores iniciantes sentiram-se atraídos pelas aparentes facilidades do trabalho metodológico com a pesquisa qualitativa, em grande parte devido ao desconhecimento dos recursos oferecidos pelos métodos quantitativos, insubstituíveis em determinados problemas de pesquisa. [...] Mas ainda podemos registrar grande quantidade de “pesquisas” que se limitam a transcrever dados obtidos por entrevistas, ou narrativas de professores sobre suas carreiras docentes ou trajetórias de vida, ou por observação de seu trabalho em sala de aula, sem cuidar da análise desses dados à luz de teorias que possam ajudar esclarecer o problema investigado [...] (LÜDKE; CRUZ, 2005, p. 84-85).

Assim, a formação do professor pesquisador fica fadada aos centros de pesquisas. Beillerot (1991 apud LÜDKE; CRUZ, 2005, p. 99) chama a atenção para não menosprezar a sequência de pesquisas que abrem caminho aos pesquisadores de nível superior das universidades, não se pode supervalorizar e ter como científicas somente as pesquisas das grandes universidades.

Santos (2001) aponta que nos últimos anos tem sido muito discutida a relação pesquisa e ensino. Isso acontece em decorrência, principalmente, do aumento das pesquisas nas universidades por causa da consolidação dos programas de pós-graduação. Porém, isso não significa ter contribuído para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação nessas mesmas universidades. A autora justifica que

[...] a baixa integração entre ensino e pesquisa é decorrente da forma como está estruturado o campo acadêmico no interior das universidades e das complexas relações que este mantém com as diferentes áreas do conhecimento, com os órgãos de fomento à pesquisa, com o campo editorial e com o setor produtivo dentre outros (SANTOS, 2001, p. 11).

As universidades privilegiam as atividades de pesquisa em razão dos recursos públicos e privados que elas proporcionam e pelo status acadêmico que confere às instituições. Prova disso está no valor que esse tipo de atividade assume nos processos seletivos e de promoção na carreira docente. Na universidade pública a atual recompensa financeira (GED – Gratificação de Estímulo a Docência) avalia as atividades de ensino pela quantidade de aulas dadas, não se examina a qualidade do ensino ministrado, o que não representa melhoria na qualidade do ensino. Por outro lado, as atividades de pesquisa e extensão nas universidades públicas passam pelo crivo de colegiados dos departamentos e órgãos de financiamento e fomento a pesquisa. Assim as atividades de pesquisa e suas publicações são consideradas como elementos fundamentais na qualificação do corpo docente. Dessa forma há uma assimetria entre ensino e pesquisa na universidade, pois, se de um lado há incentivo ao acúmulo de horas aulas, por outro há a valorização nos processos seletivos e de promoção do docente de suas atividades de pesquisa e publicações (SANTOS, 2001).

As avaliações dos programas de pós-graduação feitas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes solicitam que “[...] esses programas explicitem as relações que mantém com os cursos de graduação, indicando diferentes formas de integração existentes entre eles.” (SANTOS, 2001, p.12-13). Contudo, muitos docentes consideram suas atividades de ensino desconectadas das atividades de pesquisa, seus trabalhos de pesquisa não se traduzem em cursos mais atualizados como poderia acontecer. E parte

dos bons pesquisadores dedica-se muito mais aos cursos de pós-graduação do que aos de graduação. Mesmo com a consolidação dos programas de pós-graduação ainda não houve significativa contribuição para a melhoria da formação na graduação. De fato a pesquisa é importante na graduação, pois o aluno tende a seguir desenvolvendo pesquisas na pós-graduação. Existe, ainda, o fato de se exigir que o aluno tenha boas notas, por ser condição para obtenção e manutenção de bolsas.

Portanto, pode-se dizer que existe certo incentivo, por parte das agências de fomento, para que pesquisas sejam desenvolvidas nos cursos de graduação, mas esta realidade está longe de ser fato na vida de milhares de estudantes de graduação no Brasil. Pensando não só naqueles que estão em universidades públicas, mas também nos que frequentam instituições de ensino superior particulares. Na maioria dessas instituições, nem professores e tampouco alunos recebem incentivos para pesquisa.

Especificamente nos cursos de graduação em licenciatura, a idéia de formar o professor pesquisador passou a ser vista com maior importância nos últimos anos. Tal temática vem sendo discutida nos cursos de formação de professores. Porém, há posições distintas quanto a formação e trabalho do professor como investigador. Existe um grupo que defende a idéia de que ensinar e pesquisar envolve habilidades diferenciadas. E outro grupo que defende a pesquisa como essencial para o trabalho docente e que os cursos devem enfatizar a formação dos professores para a atividade de pesquisa.

Santos (2001) cita como estudo corroborador do primeiro grupo o de Foster (1999) e como representantes da segunda posição cita Stenhouse (1975) e Donald Schön (1983, 1987). Foster (1999 apud SANTOS, 2001, p.14), em seu trabalho, coloca que “[...] a pesquisa educacional tem sido criticada, tanto por produzir trabalhos cujos resultados não têm relevância para a prática docente, como também por não ter acumulado um corpo estruturado de conhecimentos”.

André (2001) cita importantes autores brasileiros e internacionais que vêm trabalhando com tal questão, como Demo (1994), Lüdke (1993), André (1994), Geraldi, Fiorentini e Pereira (1998), Passos (1997) e Garrido (2000) no Brasil e Stenhouse (1984), Elliott (1996), Carr e Kemmis (1988) no exterior. Todos esses autores

[...] valorizam a articulação entre teoria e prática na formação docente, reconhecem a importância dos saberes da experiência e da reflexão crítica na melhoria da prática, atribuem ao professor um papel ativo no próprio processo de desenvolvimento profissional, e defendem a criação de espaços coletivos na escola para desenvolver comunidades reflexivas (ANDRÉ, 2001, p.57).

Entre os defensores da pesquisa na prática docente destaca-se Donald Schön (1983). Para ele “[...] o profissional reflexivo trabalha de forma tão rigorosa quanto o pesquisador, uma vez que procura identificar problemas e implementar alternativas de solução, registrando e analisando dados, o que faz com que a atividade profissional deixe de ser distinta da atividade de pesquisa.” (SANTOS, 2001, p.16). Schön (1983) fala do conceito de *reflective practitioner*, que significa um professor engajado na prática docente com uma atitude de reflexão sobre essa prática antes, durante e depois do desenrolar, procurando extrair elementos que ajudem a melhorá-la.

Para Donald Schön (1983) o conceito de professor reflexivo significa que a experiência exige novas soluções, ou seja, resolução de conflitos – reflexão na ação. Assim, os professores constroem um repertório que é usado para solucionar conflitos em situações semelhantes (repetição), mas quando surgem situações inusitadas é preciso a *reflexão sobre a reflexão na ação*. Com isso abre perspectivas para a valorização da pesquisa na ação dos profissionais, colocando as bases para o que se convencionou chamar de *professor pesquisador* de sua prática. Ele propõe que a formação não se dê mais nos moldes do currículo normativo que primeiro apresenta a “[...] ciência, depois a sua aplicação e por último um estágio que supõe a aplicação dos conhecimentos técnicos profissionalizantes.” (PIMENTA, 2006, p.19).

Schön (1983) propõe uma formação profissional baseada numa epistemologia da prática. A prática é momento de construção de conhecimento, de reflexão, análise e problematização da prática (PIMENTA, 2006).

Outros estudiosos seguem Pedro Demo que trata da pesquisa como princípio científico e educativo, sobre pesquisa e construção de conhecimento e como educar pela pesquisa (LÜDKE, 2001, p.10).

A idéia referente ao professor trabalhar como pesquisador,

[...] identificando problemas de ensino, construindo propostas de solução com base na literatura e em sua experiência, colocando em ação as alternativas planejadas, observando e analisando os

resultados obtidos, corrigindo percursos que se mostram pouco satisfatórios. Essa idéia é defendida como forma de desenvolvimento profissional dos docentes e também como uma estratégia para a melhoria do ensino (SANTOS, 2001, p. 16).

Segundo a perspectiva de Stenhouse (apud RAMOS, 2005), “[...] a pesquisa deveria ser a base do ensino dos professores. A formação em pesquisa é o que permite, na concepção desse autor, que o professor desenvolva uma consciência crítica de suas ações”. E “[...] deve favorecer o trabalho voltado para questões diárias das salas de aula” (NUNES, 2008, p. 103).

André (2001) concorda com Bernard Charlot que, em uma palestra em São Paulo no ano de 2001, diferiu ensino de pesquisa. Ela acrescenta que

A tarefa do professor no dia-a-dia de sala de aula é extremamente complexa, exigindo decisões imediatas e ações, muitas vezes, imprevisíveis. Nem sempre há tempo para distanciamento e para uma atitude analítica como na atividade de pesquisa. Isso não significa que o professor não deva ter um espírito de investigação. É extremamente importante que ele aprenda a observar, a formular questões e hipóteses e a selecionar instrumentos e dados que o ajudem a elucidar seus problemas e a encontrar caminhos alternativos na sua prática docente. E nesse particular os cursos de formação tem um importante papel: o de desenvolver, com os professores, essa atitude vigilante e indagativa, que os leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza (p. 59).

Na proposta de Diretrizes para Formação Inicial de professores da Educação Básica em cursos de Nível Superior (BRASIL, 2001), a pesquisa é apontada como essencial na formação docente. Esse documento distingue pesquisa acadêmica ou científica da pesquisa do professor. E André (2001) salienta

Se o documento tinha boa intenção de valorizar a pesquisa na formação docente, acabou provocando uma reação oposta ao reduzir o papel da ciência na formação docente, criando uma dicotomia entre pesquisa acadêmica e pesquisa do professor e vedando a possibilidade de que o professor possa fazer pesquisa acadêmica ou científica (p.67).

Existe ainda grande distância entre pesquisa e prática educacional. Nunes (2008) compara a área da Educação com outras áreas como a medicina e a engenharia, que têm suas práticas alicerçadas em conhecimentos científicos.

Isso não acontece com a Educação, pois os dados de pesquisas são geralmente ignorados pelos profissionais da área educacional.

[...] a unificação da pesquisa científica com a prática profissional requer não somente a reconceitualização do magistério como uma profissão ancorada na própria Ciência. São necessárias também, modificações nos sistemas subjacentes ao conhecimento, principalmente às relativas a desenvolvimento, validação e implementação de dados de pesquisa nas salas de aula (NUNES, 2008, p. 99-100).

Também há um distanciamento entre pesquisa e a implementação de estratégias de ensino. A formação do professor fica centralizada na teoria e depois os estágios dão ênfase à parte prática, mas a pesquisa fica às margens da formação do professor.

Outro conceito que tem aparecido muito nas pesquisas em educação é o de pesquisa-ação, ou pesquisa cooperativa, ou pesquisa em colaboração. Esse tipo de pesquisa tem sido apontado como alternativa viável, como opção metodológica para o professor conduzir estudos dessa natureza. Há algumas reservas ao adotar esse método. As críticas mais comuns recaem sobre o risco de rebaixamento do nível de exigência acadêmica, sobre a dificuldade enfrentada pelo pesquisador em desenvolver análise objetiva e rigorosa e sobre o fato de que muitos trabalhos se intitulam como pesquisa-ação, mas na verdade são relatos de experiência. Desde o início da década de 80, John Elliot defende a idéia de que a pesquisa-ação tem como objetivo fundamental “[...] melhorar a prática em vez de gerar conhecimentos” (ELLIOT, 1991, p.67 apud LÜDKE, 2001, p.30).

Não podemos perder de vista que pesquisa é construção de conhecimento e pesquisa-ação é construção de conhecimento mais ação. Em vários casos, ou observamos uma coisa ou outra, ou nenhuma coisa, nem outra. Ou seja, não se faz a pesquisa, nem a ação proposta (LÜDKE; CRUZ, 2005, p. 101).

Lüdke (2001) trata do tema do professor pesquisador e levanta questões como a possibilidade de articulação entre pesquisa e prática no trabalho e na formação de docentes; como se dá a formação do professor-pesquisador e do pesquisador-professor; a viabilidade de integrar a pesquisa no dia-a-dia do professor; qual o tipo de pesquisa e como preparar o professor para ela; a

possibilidade do professor investigar a sua própria prática; os problemas, os cuidados e que proveitos devem ser considerados nessa tarefa; que significados perpassam a constituição do professor pesquisador. Pautada nesses questionamentos, a pesquisa descrita por Lüdke (2001) consistiu em estudar quatro escolas da rede básica de ensino público da cidade do Rio de Janeiro, consideradas "especiais" por apresentarem, oficialmente, atividades de pesquisa por parte dos docentes.

A escolha das quatro escolas se deu porque nelas a pesquisa se constitui em uma das possíveis atividades e que oferecem ao professor condições de atuação como "professor pesquisador". Usou-se, como método, a entrevista com coordenadores e com professores selecionados. Investigou-se a concepção de pesquisa dos professores, a noção de pesquisa que eles têm e que formação para a pesquisa recebeu ou não o professor. Concluiu-se que existem poucas publicações sobre o tema "pesquisa do professor de escola básica" e ainda prevalece nos estudos brasileiros o termo "pesquisa educacional" e que "[...] os professores da escola básica possuem muito mais limitadas condições não só para a divulgação como também para o próprio desenvolvimento da atividade de pesquisa do que seus colegas das universidades" (LÜDKE, 2001, p.28).

Embora haja na rede, por certo, escolas que desenvolvem algum tipo de atividade de pesquisa, o professor de ensino básico é, na maioria das instituições, responsável por um grande número de turmas, nas quais atua introduzindo e organizando o conhecimento escolar no seu campo de saber específico. Toda a sua carga horária de trabalho semanal é, em geral, comprometida com o tempo despendido em sala de aula, tendo em princípio, um tempo livre destinado à preparação de aulas e a outras atividades (LÜDKE, 2001, p.15-16).

Assim, o professor, para se envolver em uma pesquisa, necessita além de um tempo que a prática docente não permite e é fato que também precisa de estudos. Muitas vezes, esses estudos são oferecidos em cursos de formação continuada em serviço.

2.2 Formação continuada de professores

As ações de formação continuada no Brasil são recentes, datam de meados da década de 60. Um dos primeiros trabalhos foi o “treinamento e formação permanente” realizado pela escola de aplicação da USP em 1967, que foi desenvolvido conjuntamente com as reformulações do Projeto Político Pedagógico da unidade escolar em questão e tinha como características a heterogeneidade, autonomia e a interdisciplinaridade dos professores da equipe. Porém, pode-se dizer que houve uma “involução” nas ações de formação continuada. Essa involução aconteceu em razão das práticas tecnicistas de formação, sob a modalidade de cursos realizados pelo Ministério da Educação e da Cultura – MEC nos anos 70 e 80. Os professores que participaram dos “treinamentos” seriam “multiplicadores” em seus locais de trabalho. Essa modalidade influenciou consideravelmente o modo de desempenhar a formação contínua de professores no Brasil, “[...] pois acreditava-se, com base nos resultados positivos que apresentavam a parcela de professores participantes dos treinamentos, na viabilidade e eficácia dos cursos para os professores de ensino” (GALINDO, 2007, p. 25).

A necessidade de ações de formação continuada resulta da democratização escolar. Com a constituição de 1988, as pessoas de classes socioeconômicas desfavorecidas passam a ter acesso à escola, e “[...] dessa mudança decorrem inúmeras dificuldades de manutenção do sistema educacional tal qual se configurava”, dificuldades que permanecem ainda nos dias de hoje (GALINDO, 2007, p. 26). A fim de solucionar o problema da falta de professores, recrutavam-se professores sem qualificação para o exercício do magistério e com isso surgia a necessidade de capacitação para aqueles que passaram a atender toda a massa da população e não mais uma pequena elite.

Na década de 90 a formação contínua sofre alguns avanços conquistados na forma de Lei. Também surge o interesse por parte de estudiosos em pesquisar a temática, o que acarreta o aparecimento deste campo teórico.

Quanto à questão legal, dois documentos foram responsáveis pelo início da legalização da formação continuada dos professores no país: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 (BRASIL, 1996a) e a Lei Federal 9424/96 (BRASIL, 1996b) que regulamentou o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e da Valorização do

Magistério). Posterior a essas publicações, surgem também os Referenciais para Formação de Professores - RFP (BRASIL, 1999) e as Diretrizes Gerais para a Rede de Formação Continuada (BRASIL, 2005).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 (BRASIL, 1996a) estabelece o direito à formação continuada a todos os profissionais do ensino da educação básica em seu título VI, e aponta fundamentos e responsabilidades para com a formação continuada no país por meio dos artigos 61, parágrafo I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; 63, parágrafo III – programas de educação continuada para os profissionais da educação dos diversos níveis. E artigo 67, parágrafo II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim.

Os Referenciais para Formação de Professores – RFP (BRASIL, 1999, p. 70) definem que o papel da formação continuada no Brasil é o de “[...] propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais [...], apoiar-se na reflexão sobre a prática [...] e promover processos constantes de auto-avaliação [...] para construção contínua de competências profissionais”. Porém, tal documento não deixa claro o que seria na prática a citada formação continuada. Como aponta Galindo (2007) a Rede Nacional de Formação Continuada - RNFC (BRASIL, 2005)

[...] considera a formação inicial como parte da política de formação continuada, sob ações de certificação em massa de profissionais (professores) não habilitados. Há uma perceptível confusão conceitual entre formação em serviço e formação continuada [...] As novas políticas da SEB/MEC (BRASIL, 2005) tem focado a formação inicial com o eixo das ações formativas, o que nos leva a inferir uma dualidade de concepções acerca da formação de professores, especialmente do conceito de formação continuada. Essa “confusão”, porém, não se encontra nos documentos de organismos internacionais que são claros quanto às falhas estruturais nos sistemas educacionais dos países em geral, e quanto à necessária distinção entre formação inicial, formação continuada, formação em serviço e treinamento. [...] o que se tem chamado de formação continuada de professores nessa política? Certificar educadores que não possuem formação nos parece um avanço, entretanto, essa certificação faz parte de uma política de formação em serviço; portanto, o uso do termo “formação continuada” parece ter sido impróprio (GALINDO, 2007, p. 35-36)

Ao invés de valorizar a formação inicial dos professores, esta tem sido desvalorizada e, como consequência, a profissão docente também é menosprezada e há grande incentivo à formação continuada. Esse parece ser o objetivo de nossas políticas educacionais atuais (MIZUKAMI, 2002, p. 26). Há muitas críticas ao incentivo à formação continuada, porque este tende a distanciar e até mesmo desvincular o professor da instituição universitária, o que significa afastá-lo do local onde se dá a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Porém, as universidades que adotam um modelo clássico de formação continuada onde é o *locus* da produção de conhecimento, oferecem esse conhecimento ao professor, e ele detendo tal conhecimento deve aplicar na sua prática. Muitos cursos de 30 até 180 horas são oferecidos para alterações na prática pedagógica, com a idéia de reciclagem. Este termo "reciclagem" foi abandonado, pois ao reciclar algo, não há mudança significativa, por exemplo, ao reciclar o vidro ele volta ser vidro. Portanto, "reciclar" na educação não mudaria nada.

Contrariamente a essa concepção clássica de reciclagem e reagindo a ela, vem se desenvolvendo uma série de reflexões e pesquisas voltadas a uma nova concepção de formação continuada. O *locus* da formação a ser privilegiado é a própria escola; isto é, é preciso deslocar o *locus* da formação continuada de professores da universidade para a própria escola.

Todo processo de formação tem de ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do saber docente. Para um adequado desenvolvimento da formação continuada, é necessário ter presentes as diferentes etapas do desenvolvimento profissional do magistério [...] (CANDAU apud MIZUKAMI, 2002, p.27)

Nessa perspectiva, a formação continuada deixa de ser reciclagem como no modelo clássico "[...] para tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade do docente" (MIZUKAMI, 2002, p.28).

[...] ganhou força a *formação contínua* na escola, uma vez que aí se explicitam as demandas da prática, as necessidades dos professores para fazerem frente aos conflitos e dilemas de sua atividade de ensinar. Portanto, a formação contínua não se reduz em treinamento ou capacitação e ultrapassa a compreensão que se tinha de educação permanente. A partir da valorização da pesquisa e da prática no processo de formação de professores,

propõe-se que esta se configure como um projeto de formação inicial e contínua articulado entre as instâncias formadoras (universidade e escolas) (PIMENTA, 2006, p. 21-22).

Como disse a autora, é de suma importância o papel da universidade na formação docente de qualidade como espaço no qual a pesquisa é o caminho metodológico para essa formação, seja ela inicial ou continuada.

Além das ambiguidades conceituais nos documentos que regem a formação continuada no Brasil, existem ainda as concepções distorcidas dos professores acerca dessa formação. Concepções essas que dificultam ou até boicotam o desenvolvimento de ações voltadas à formação continuada. A esse respeito Belintane (2002) diz que

Em pesquisas realizadas em várias redes escolares sobre expectativas de professores, sempre detectamos as repetitivas demandas que costumam ocorrer em todo projeto de formação contínua e que, em geral, assim se expressam: "queremos que o curso traga elementos úteis à prática escolar", "que ajude a resolver os problemas concretos da nossa prática", "a teoria vinda da universidade está muito distante da nossa prática", etc. (p. 180).

A partir das críticas apresentadas, Pimenta (2006) salienta que é indiscutível a contribuição da perspectiva da reflexão no exercício da docência, colocando o professor como pesquisador de sua própria prática e a escola como um lugar de formação contínua. Porém existem problemas a ser superados, como "[...] o individualismo da reflexão, a ausência de critérios externos potencializadores e uma reflexão crítica, a excessiva (e mesmo exclusiva) ênfase nas práticas, a inviabilidade da investigação nos espaços escolares e a restrição desta nesse contexto" (PIMENTA, 2006, p.43).

A literatura científica tem sugerido que professores expostos a cursos e práticas de pesquisa em programas de formação ou aperfeiçoamento de professores tendem a apresentar uma atitude mais positiva a respeito da realização de pesquisas em sala de aula (COOKE et al., 1993 apud NUNES, 2008, p. 103).

Quanto à interação entre pesquisadores e escola, ela "[...] não nasce de uma única reunião, mas vai sendo conquistada uma simetria de poder e de influência entre pesquisadores e professores, condição fundamental para o sucesso da atividade coletiva" (ANDRÉ, 2001, p. 64). E é pautada nessa

concepção da autora que se deram os encontros com a equipe de profissionais da escola. Os encontros aconteceram continuamente durante os dois anos de desenvolvimento do projeto.

Como aponta Pimenta (2006, p. 24),

A transformação da prática dos professores deve se dar, pois, numa perspectiva crítica. Assim, deve ser adotada uma postura cautelosa na abordagem da prática reflexiva, evitando que a ênfase no professor não venha a operar, estranhamente, a separação de sua prática do contexto organizacional no qual ocorre. Fica, portanto, evidenciada a necessidade da realização de uma articulação, no âmbito das investigações sobre prática docente reflexiva, entre práticas cotidianas e contextos mais amplos, considerando o ensino como prática social concreta (p.24).

Supera-se a identidade necessária dos professores de reflexivos para a de intelectuais críticos e reflexivos (PIMENTA, 2002, p.46). Para que não corrêssemos risco de cair numa reflexão individualizada, tomamos cuidado para que as reflexões fossem voltadas para a prática dos problemas referentes ao uso de álcool e drogas entre os alunos enfrentados no cotidiano da escola e com uma visão ampla do contexto social em que os professores estão inseridos.

3 O CONSUMO DE ÁLCOOL

Este capítulo se inicia com a explanação de conceitos usados ao longo da presente tese. Também apresenta um breve histórico da Política Nacional sobre Drogas (BRASIL, 2005), dados de pesquisas sobre o uso de álcool entre a população geral e especificamente entre adolescentes e jovens, incluindo alguns fatores que contribuem para o uso de álcool por esse público.

3.1 Conceitos

Quando se trata de pesquisas envolvendo consumo de substâncias psicoativas (SPA), existem determinados conceitos em geral amplamente usados. No presente trabalho destacam-se alguns desses conceitos como: *padrão de consumo de álcool* e os tipos de padrão (*abstinência, moderado e pesado ou excessivo*). Também cabe definir o que querem dizer, no presente estudo, os termos *dose, nível de álcool no sangue (NAS), abuso, dependência, binge drink e grupos negativo e positivo*. Para tanto utilizaremos as definições da Organização Mundial de Saúde – OMS para definir tais termos (BRASÍLIA, 2006).

Para se estudar o consumo de álcool, indica-se usar medidas que se baseiem em quantidades e frequência de ingestão de álcool que possam situar um grupo num continuum de padrão de uso. Padrão de consumo de uma substância psicoativa (SPA) é a forma que o indivíduo faz uso da SPA, ou seja, a quantidade que costuma usar e a frequência desse uso. A OMS aponta como padrões de consumo para o álcool a abstinência, o beber moderado e o beber pesado (*heavy drinking*).

A abstinência é a abstenção do uso de álcool. As pessoas que praticam a abstinência são os abstêmios, o termo “atualmente abstinente” se refere a quem não fez uso da bebida nos últimos 12 meses.

Já o beber moderado significa beber quantidades moderadas que não chegam a causar problemas para quem ingere a bebida ou para outras pessoas. Seria uma quantidade equivalente a duas doses por dia para homens e uma dose para mulheres, ou seja, 14 doses por semana para eles e sete para elas. Isso não significa que um homem adulto, ao consumir 14 doses num único final de semana, esteja fazendo um uso moderado da bebida. Este tipo de consumo,

beber em grande quantidade em um curto espaço de tempo é caracterizado como um padrão de beber pesado ou excessivo.

Portanto, o beber pesado ou beber excessivo (*heavy drinking*) é um padrão de consumo equivalente à intoxicação e pode ser episódico ou habitual. O beber pesado episódico inclui ataques relativamente breves de consumo excessivo de álcool ocorrendo pelo menos algumas vezes por ano. Esses ataques podem durar alguns dias ou semanas. O beber pesado habitual inclui o consumo regular de grandes quantidades de álcool que podem ser prejudiciais para a saúde do indivíduo ou para seu funcionamento social.

O conceito de dose padrão, de acordo com a literatura norte-americana, corresponde a toda quantidade de líquido que contenha cerca de 12 gramas de álcool puro. Por exemplo, uma lata de cerveja (350 ml) equivale a uma taça de vinho (150 ml) e a 36 mililitros de destilado. No Reino Unido emprega-se o termo "unidade" que corresponde a aproximadamente 8-9 gramas de etanol. Dependendo dos costumes locais e do acondicionamento da bebida em cada país, há uma pequena variação quanto às quantidades de álcool escolhidas para definir uma dose padrão.

A definição de dose auxilia na compreensão do conceito de Nível de Álcool no Sangue (NAS) que significa a concentração de álcool no organismo. Esse nível é influenciado por fatores mais ou menos importantes para o metabolismo do álcool no organismo, como peso e sexo do indivíduo (MARTINS, MANZATO, CRUZ, 2005).

Como denominação de *abuso de álcool* tem-se o comportamento de uso continuado da substância, apesar dos problemas claramente causados ou exacerbados por seu consumo. Também significa o

[...] uso continuado de álcool durante o desempenho de atividades que podem ser perigosas se a pessoa estiver intoxicada (por exemplo, dirigir intoxicado, cuidar de crianças, etc.). O abuso de álcool é essencialmente um padrão de ingestão que resultou em efeitos deletérios à saúde, dificuldades sociais e/ou problemas legais. A *dependência de álcool* é caracterizada por comportamentos de busca excessiva do álcool que levam a um controle prejudicado do uso de álcool e, com frequência, incluem as modificações fisiológicas da tolerância e da abstinência (DIMEFF et al., 2002, p.19-20).

Entre o público adolescente e jovem não é comum o abuso ou a dependência de álcool. A conduta mais frequente que os pesquisadores têm

encontrado é o *binge drink*. Este é um termo em inglês usado para definir um padrão de “beber se embriagando”, é definido como o consumo de cinco ou mais doses de uma só vez. É comum em festas e eventos de lazer entre os adolescentes a ingestão de grande quantidade de álcool em pouco tempo, muitos fazem brincadeiras como o “vira vira” ou apostas para descobrir quem bebe mais.

No presente estudo, usam-se os termos *grupo negativo* e *grupo positivo* para distinguir os estudantes que apresentam o padrão de consumo de álcool abstêmio ou moderado dos que apresentam um padrão de consumo pesado, respectivamente, de acordo com os resultados do *Alcohol Use Disorders Identification Test* – AUDIT (BABOR et al., 1992). Isto é, os adolescentes que pontuaram menos de oito pontos fazem parte do grupo negativo e aqueles que pontuaram acima de oito pontos pertencem ao grupo positivo. Os adolescentes que compuseram o grupo positivo foram selecionados para participarem da intervenção breve realizada pela equipe da escola. O procedimento completo da intervenção breve é apresentado no método (capítulo 4).

3.2 Política Nacional Sobre Álcool

Para melhor compreensão da postura política adotada em nosso país em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, apresenta-se um breve histórico da criação e reformulação das políticas nacionais sobre álcool.

Até 1998, o Brasil não tinha uma política nacional específica sobre o tema da redução da demanda e da oferta de drogas. Foi a partir da XX Assembléia Geral Especial das Nações Unidas que foram tomadas as primeiras medidas e foi criada a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), diretamente vinculada ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Coube à SENAD mobilizar diversos atores, envolvidos com o tema drogas, para criar a política brasileira. E em 2002 através do Decreto número 4.345 de 26 de agosto de 2002 foi instituída a Política Nacional Antidrogas (PNAD) (BRASIL, 2002). Essa política foi realinhada em 2004 por meio de um Seminário Internacional de Políticas Públicas sobre Drogas e Fóruns regionais e nacional. Embasada em dados epidemiológicos científicos atualizados, a política passou a se chamar Política Nacional sobre Drogas. Em 2006 foi aprovada a Lei número 11.343/2006 que instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD) (BRASÍLIA, 2006), que prescreve medidas para prevenção do uso

indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, em consonância com a atual política sobre drogas (BRASÍLIA, 2008).

Em maio de 2007 o Governo Federal, por meio do Decreto Presidencial nº 6.117/2007, apresentou a Política Nacional sobre Álcool. Ela possui como

[...] objetivo geral estabelecer princípios que orientem a elaboração de estratégias para o enfrentamento coletivo de problemas relacionados ao consumo de álcool, contemplando a intersetorialidade e a integralidade de ações para a redução dos danos sociais, à saúde e à vida, causados pelo consumo dessa substância, bem como das situações de violência e criminalidade associadas ao uso prejudicial de bebidas alcoólicas (BRASÍLIA, 2008, p. 159).

Para os efeitos desta Política, é considerada bebida alcoólica aquela que contiver 0,5 graus GL (Gay-Lussac)¹ ou mais de concentração, incluindo-se, nesta categoria, as bebidas destiladas, fermentadas e outras preparações, como a mistura de refrigerantes e destilados, além de preparações farmacêuticas que contenham teor alcoólico igual ou acima de 0,5 graus GL. Essa política veio acompanhada de medidas passíveis de implementação e podem ser divididas em nove categorias:

- Diagnóstico sobre o consumo de bebidas alcoólicas no Brasil;
- Propaganda de bebidas alcoólicas;
- Tratamento e reinserção social de usuários e dependentes de álcool;
- Realização de campanhas de informação, sensibilização e mobilização da opinião pública quanto às consequências do uso indevido e do abuso de bebidas alcoólicas;
- Redução da demanda de álcool por populações vulneráveis;
- Segurança pública;
- Associação entre álcool e trânsito;
- Capacitação de profissionais e agentes multiplicadores de informações sobre temas relacionados à saúde, educação, trabalho e segurança pública;
- Estabelecimento de parceria com os municípios para a recomendação de ações municipais (BRASÍLIA, 2008, p.160).

Cabe destacar que a categoria “capacitação de profissionais e agentes multiplicadores de informações” corrobora com os objetivos propostos na

¹ Graus Gay-Lussac: indicam a porcentagem de álcool que uma mistura contém. Mede-se segundo a quantidade de álcool existente para cada 100 litros da mistura. Assim, uma mistura de 11º GL tem 11 litros de álcool puro para cada 100 litros de mistura.

presente tese. O diferencial é que este estudo detém-se à capacitação de profissionais da Educação.

Tendo em vista que o consumo de álcool associado à conduta de dirigir provoca danos catastróficos não só em populações vulneráveis, mas na população geral, em janeiro de 2008, o Poder Executivo encaminhou ao Congresso Nacional a medida provisória nº 415, proibindo a venda de bebidas alcoólicas nas rodovias federais e propondo alteração da Lei nº 9.503/97 do Código de Trânsito Brasileiro. Esta medida foi transformada em projeto de Lei e aprovado em maio de 2008. Essa Lei altera dispositivos do Código de Trânsito estabelecendo a alcoolemia zero e impondo penalidades severas à pessoa que dirigir veículo automotor após a ingestão de álcool. Anteriormente a lei só previa punições ao motorista que fosse flagrado com seis ou mais decigramas de álcool por litro de sangue (BRASÍLIA, 2008).

Mesmo amparado por Políticas e Leis que regulam a venda e o consumo de álcool, o Brasil ainda se encontra desamparado na efetivação dessas políticas e Leis².

3.3 Pesquisas sobre consumo de álcool

Dentre as pesquisas que mostram os padrões de uso de drogas na população de uma forma geral, têm-se os dados nacionais do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, que tem sido responsável pelos levantamentos realizados nos últimos anos.

Em 2001 o CEBRID realizou o *I Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001*. Esse estudo, de âmbito nacional, entrevistou pessoas com idades entre 12 e 65 anos e os resultados apontaram que o consumo se inicia ainda na infância e a substância mais usada pelo público jovem é o álcool. De acordo com o primeiro levantamento, 68,7% dos participantes do estudo fizeram uso de álcool alguma vez na vida e 11,2% da população brasileira já apresenta dependência de álcool. Entre os adolescentes, 48,3% deles tiveram experiência,

² É possível acessar a política nacional sobre álcool e outras drogas pelo sítio eletrônico www.obid.senad.gov.br da SENAD.

pelo menos uma vez na vida, com bebida alcoólica e o número de pessoas que já apresenta sintomas de dependência nessa faixa etária chega a 5,2% (CARLINI et al., 2002).

Em 2005 o CEBRID, em parceria com a SENAD, realizou o segundo levantamento nas 108 maiores cidades brasileiras. Comparando com os dados do primeiro levantamento, nota-se um aumento. Os números passaram de 68,7% para 75% da população entre 12 e 65 anos de idade, como já tendo feito uso de álcool alguma vez na vida e a metade destes fez uso pelo menos uma vez no último ano. E 38% nos 30 dias imediatamente anteriores à pesquisa havia bebido e, ainda, 12,3% apresentam sintomas de dependência (CARLINI et al., 2006).

Em 2006, a SENAD, em parceria com a Unidade de Pesquisas em Álcool e Drogas (UNIAD), realizou o *I Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*. Este levantamento investigou os padrões de consumo de álcool na população brasileira em 143 municípios. Os números indicam que 52% dos brasileiros acima de 18 anos de idade fazem uso de bebida alcoólica pelo menos uma vez ao ano, 11% dos homens adultos bebem todos os dias e 28% deles fazem uso de uma a quatro vezes por semana. Os dados apontam que 16% da população brasileira adolescente (14 a 17 anos) consumiu bebida alcoólica em excesso pelo menos uma vez nos últimos doze meses. Destes, 21% eram rapazes e 12% moças (LARANJEIRA et al., 2007).

No ano de 2003 foi feito um levantamento com crianças e adolescentes entre 10 e 18 anos de idade, em situação de rua, nas 27 capitais brasileiras e 76% deles já fizeram uso de álcool alguma vez na vida (NOTO et al., 2004).

O CEBRID realizou cinco levantamentos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio em várias cidades brasileiras, nos anos de 1987, 1989, 1993, 1997 e 2004. Do primeiro ao quarto levantamento foram estudadas apenas as dez maiores capitais de estados brasileiros (CARLINI-COTRIN et al., 1989; CARLINI-COTRIN et al., 1990; CARLINI et al., 1990, GALDURÓZ et al., 1994; GALDURÓZ et al., 1997), para, no último levantamento – *V Levantamento Nacional sobre o consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2004* – abranger todas as capitais brasileiras. Os dados indicam que 65,2% dos adolescentes já fizeram uso de álcool alguma vez na vida (definido como qualquer consumo em qualquer

momento da vida). Destes jovens, 63,3% fizeram uso no último ano e 44,3% nos 30 dias imediatamente anteriores à pesquisa. O consumo frequente (seis ou mais vezes no último mês) aumentou nos últimos quatro levantamentos, chegando a 11,7% nesse último levantamento; 6,7% fazem uso pesado (20 ou mais vezes no mês). Cabe destacar que 41% de crianças (que se encontram na faixa etária entre 10 e 12 anos) já experimentaram bebida alcoólica pelo menos uma vez na vida. E a idade em que iniciam o uso de bebida alcoólica se dá por volta dos 12,5 anos e começam a beber no ambiente familiar (GALDURÓZ et al., 2005).

Locatelli e colegas (2009) realizaram estudo que aponta o padrão de beber entre estudantes de escola particular de São Paulo, 88,5% dos sujeitos já fez uso na vida, 51,5% fez uso no mês, 9% dos participantes faz uso frequente, 37,3% fez *binge drink* no último mês e o primeiro uso teve como média de idade 13,3 anos em ambiente domiciliar. Esses dados se equiparam aos resultados do estudo de Cruz (2006; MARTINS et al., 2008a) realizado com 591 estudantes do ensino médio público de uma cidade de pequeno porte do interior do estado de São Paulo. Utilizando o AUDIT foi possível identificar 22,3% dos estudantes já apresentando um beber de risco ou excessivo, 30,8% consumiu de uma a quatro doses e 8,0% consumiu cinco ou mais doses no mês que antecedeu a pesquisa; 27,1% deles beberam de uma a três vezes no mês, enquanto que 8,0% consumiu mais de uma vez por semana e 21,2% dos participantes fizeram *binge drink*, ou seja, "beberam se embriagando". A média de idade de início de uso neste estudo foi de 13,56 anos, ou seja, um pouco mais alta do que nos estudos de Locatelli e colegas (2009) e Galduróz et al. (2005) mas, assim como nestes estudos, o contexto de experimentação também foi o ambiente familiar. No estudo de Alavarse e Carvalho (2006) com estudantes (na faixa etária de 13 a 19 anos) de ensino público e particular em um município ao norte do estado do Paraná, os resultados mostram que 82,18% dos adolescentes entrevistados experimentaram álcool, 66,39% iniciaram o uso entre oito e 14 anos de idade em casa com os pais e 25% já beberam até a embriaguez.

Silva e colaboradores (2006) realizaram estudo com 1.035 estudantes do ensino médio de escolas públicas no ano de 2003 na cidade em que se realizou a presente pesquisa. Tal levantamento apresentou índices que apontam o álcool como a droga mais usada entre os adolescentes já que 77% deles já fizeram uso pelo menos uma vez na vida, seguida pelo tabaco com 28,3%. No ano de 2004,

outro levantamento sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes, também na mesma cidade do noroeste paulista (MARTINS, 2006; MARTINS et al., 2008b), pesquisou 1.227 alunos do ensino médio em duas escolas públicas. Os números apontam que 17,8% dos estudantes beberam de forma problemática nos doze meses anteriores à pesquisa. Em uma análise detalhada dos dados, constatou-se que, deste grupo, 15% bebe mensalmente ou menos, 45% deles bebe de duas a quatro vezes por semana e 44,5% consome seis ou mais doses semanalmente. Este último dado confirma que, nas ocasiões em que os jovens consomem bebidas alcoólicas, eles bebem se embriagando.

Embora o uso do álcool seja proibido para crianças e adolescentes no Brasil, os estudos citados mostram que eles não só fazem uso desta substância, como quando o fazem, costumam fazê-lo de forma excessiva. E todos os estudos apontam um fato em comum quanto à experimentação: ela geralmente acontece no ambiente familiar. Por essa razão busca-se compreender alguns fatores que possam influenciar o uso de álcool entre os adolescentes.

3.4 Fatores que contribuem para o uso de álcool entre adolescentes e jovens

Existem fatores de risco e fatores protetivos para o uso ou não uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes e jovens, mas ainda são escassas as pesquisas sobre como os fatores de risco se combinam para criar um perfil de risco (DIMEFF et al., 2002; WOOD et al., 2004).

Martins e colegas (2005, p. 313-314) apontam como fatores de risco e fatores protetivos para o uso de substâncias, aspectos referentes a cinco domínios: individual, de pares, familiar, comunitário e escolar, tais como descritos em pormenores a seguir:

1) Fatores de risco:

a) No domínio individual: aspectos psicológicos (baixa auto-estima, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, falta de interesse pelos estudos) e sociais (baixa religiosidade, convivência com pais usuários de drogas);

b) No domínio de pares: a convivência com pares que usam drogas e dificuldade de relacionamento com colegas;

c) No domínio familiar: pais que fazem uso de drogas, relações conflituosas na família, a falta de interesse dos pais pelas atividades dos filhos, tolerância para comportamentos inadequados e falta de padrões de conduta;

d) No domínio comunitário: condições econômicas insuficientes, facilidade de acesso e permissividade em relação às drogas;

e) No domínio escolar: indefinição da importância dos estudos na formação das pessoas, ausência das relações escola-família, relações preconceituosas e falta de vínculo entre professor e aluno;

2) Fatores protetivos:

a) No domínio individual: autoconfiança e auto-estima elevada, relações abertas e de confiança com os pais, vinculação a um grupo religioso;

b) No domínio de pares: conviver com colegas que não usam drogas; ter sentimento de pertencimento ao grupo, escola ou comunidade;

c) No domínio familiar: valorização de padrão de vida saudável, modelos de condutas adequadas, vínculos familiares fortes e relações permeadas pelo diálogo;

d) No domínio comunitário: ter oportunidade de estudo, controle de venda de drogas legais e restrição às ilegais, incentivo à participação em projetos comunitários;

e) No domínio escolar: definição do papel da educação, integração família-escola, relações democráticas e amistosas nas escolas e relações positivas entre professores e alunos.

Outros estudos apontam como fatores que influenciam o uso ou não uso de álcool a convivência com os grupos de pares, com familiares e as crenças ou expectativas que o indivíduo tem sobre os efeitos provocados pelo álcool. Outro fator que também influencia significativamente o uso de bebidas alcoólicas é a propaganda.

3.4.1 Influência do grupo de pares

Dentre os fatores que influenciam o uso de álcool entre o público adolescente e jovem está a convivência com o grupo de pares. Segundo Zucker et al (1995) o risco que um indivíduo tem em desenvolver problemas com álcool depende da extensão da interação entre a estrutura biológica preexistente

exposta ao risco e seu contexto ambiental. Este, por sua vez, supera a estrutura biológica. Jessor e Jessor (1977) e Kandel e Andrews (1987) apontam a influência dos colegas como o fator de risco ambiental mais comum para o uso de álcool entre os adolescentes, e é o melhor prognosticador do consumo por jovens adultos. A influência exercida pelo grupo de pares também serve como processo de seleção de colegas. De acordo com pesquisas, é comum adolescentes que faziam uso pesado de álcool no ensino médio, ao ingressarem na universidade, procurarem pessoas com padrões de beber semelhantes para dividir repúblicas, moradias ou pensionatos, e o padrão tende a aumentar ainda mais quando passam a morar juntos. Os estudantes não percebem esse aumento e acreditam que seu padrão de beber é um padrão típico de estudantes universitários, mesmo estando acima da média. Os colegas se socializam uns com os outros em termos do beber pela modelagem, imitação ou reforço do comportamento do beber (DIMEFF et al., 2002). Em estudo recente de Silva (2010) confirmou-se a influência do grupo de pares no consumo de álcool dos adolescentes: 77% dos participantes disseram que estavam com amigos na última vez que beberam na semana que antecedeu a pesquisa; 84% deles admitiram já ter pressionado amigos a ingerir bebida alcoólica e 84% acreditam na influência de amigos no consumo de bebidas.

Outro fator que pode contribuir para o desenvolvimento de problemas relacionados ao álcool é o adolescente possuir histórico familiar de alcoolismo. Cruz (2006) concluiu que possuir um parente que faz uso excessivo de álcool é fator de risco para o adolescente. Quase 30% dos alunos que apresentaram beber de risco ou excessivo possuíam algum familiar com problemas relacionados à bebida. Um estudo realizado com colegiais e universitários identificou o uso de drogas entre familiares ou a complacência destes quanto ao uso como fator de risco (KERR-CORRÊA et al., 2001). Esse dado aponta o ambiente familiar como significativamente influente na formação dos hábitos com relação à bebida.

Soldera et al. (2004) aponta a importância do ambiente e estrutura familiar como possível fator protetor para o uso pesado de álcool (*heavy drink*). O uso foi menor entre os estudantes que se sentiam apoiados e compreendidos pela família.

Em estudo de Wood e colaboradores (2004), em que investigaram as influências dos pares e dos pais no consumo de álcool entre adolescentes,

observou-se, quanto à influência do grupo de pares, a existência de dois tipos de influências sociais que contribuem no beber do adolescente: ativa (*active*) e passiva (*passive*). A influência social ativa se refere à oferta explícita de uma substância. Por exemplo, encher com bebida alcoólica o copo do colega a todo instante ou comprar-lhe bebidas. Já a influência social passiva consiste na percepção ou interpretação individual sobre o beber e sobre padrões de reforço de outras pessoas. Esse tipo de influência inclui duas dimensões: modelagem social e percepção dos padrões. A modelagem social consiste na imitação do comportamento de beber de outras pessoas, tais como de amigos mais próximos. E a percepção dos padrões são as crenças que o indivíduo tem sobre a frequência típica que os adolescentes bebem. Os autores apontam que ainda existem poucas informações sobre como os adolescentes percebem os padrões de consumo de seus pares.

A influência dos pais sobre o beber dos adolescentes é um importante fator protetivo, principalmente a atitude dos pais quanto à permissividade para a conduta de beber. Vários fatores psicossociais familiares podem influenciar no comportamento de beber do adolescente. Esses fatores podem ser conceituados de acordo com as influências comportamentais dos pais, tais como a criação (*nurturance*) e o monitoramento (*monitoring*). Também valem os domínios de valores e as atitudes dos pais a respeito da permissividade quanto ao uso de álcool pelo adolescente.

Criação dos pais (*Parental nurturance*): comportamento dos pais que demonstram cuidado, preocupação e aceitação da criança, como o encorajamento das atividades da criança. O déficit no suporte dos pais na vida da criança tem sido um dos fatores apontados pelos especialistas como responsável por grande número de problemas dos adolescentes, inclusive o envolvimento com SPA.

Monitoramento feito pelos pais (*Parental monitoring*): monitorar as atividades dos filhos. O nível alto de monitoramento está relacionado ao nível baixo de consumo de álcool.

Atitudes dos pais (*Parental attitudes*): as atitudes dos pais com relação ao consumo de álcool pode ser comunicado aos filhos tanto abertamente quanto implicitamente por meio da imposição de limites ou, também, pelos pais expressarem seus valores quanto ao uso de álcool. A permissividade dos pais quanto ao uso de álcool pode ser determinante na iniciação de alguns

adolescentes e a transição para um beber pesado. A permissividade dos pais tem sido associada ao aumento do envolvimento precoce de adolescentes com álcool e drogas em vários estudos. E a desaprovação explícita do uso da substância tem sido um fator protetivo. Esse é outro aspecto que tem sido pouco estudado (WOOD et al., 2004).

3.4.2 Expectativas quanto ao uso de álcool

Outro fator contribuinte para o uso de álcool são as expectativas que a pessoa tem com relação ao uso e efeitos provocados pelas bebidas alcoólicas. Além das expectativas positivas, também existe a falsa crença de que “quanto mais, melhor”. Os jovens acreditam que o grau de fruição do álcool está diretamente ligado à quantidade consumida. É comum, entre os grupos de adolescentes, realizarem-se brincadeiras como o “vira-vira”, que consiste em beber muito e rapidamente. Estudos de Marlatt e outros pesquisadores descobriram que as expectativas positivas relativas aos efeitos do álcool estão relacionadas ao uso pesado. As expectativas envolvem autoconfiança, sociabilidade, desinibição social e atratividade física e sexual. “O álcool é percebido como um lubrificante social por aumentar a sensação de auto-adequação, ao mesmo tempo em que fornece uma desculpa e/ou saída para a desinibição social” (DIMEFF et al., 2002, p. 30). Segundo o pressuposto de Gouveia e colegas (1996), na medida em que uma pessoa tem um padrão de beber pesado (*heavy drinking*), mais terá expectativas positivas quanto aos efeitos positivos do consumo de álcool. Cabe lembrar que estes estudos investigaram estudantes universitários.

Em estudo recente de Martins e colegas (2009b) com estudantes do ensino médio, utilizando o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool – IECPA, as expectativas não tiveram relação com o padrão de consumo de álcool diagnosticado pelo *Alcohol Use Disorders Identification Test – AUDIT*. Os dados mostram que os sujeitos apresentaram diferenças em relação ao padrão de consumo de álcool, indicando padrões de abstinência moderado e pesado. Mas, em relação aos níveis de expectativas, todos os participantes da pesquisa apresentaram baixas expectativas (69,6% entre os sujeitos do grupo negativo e 71% entre os do grupo positivo). As conclusões desse estudo vão na contramão da bibliografia existente sobre a relação entre consumo excessivo de

álcool e expectativas quanto aos efeitos do álcool. Cabe ressaltar que o método utilizado ainda é pouco utilizado em pesquisas brasileiras e o número de sujeitos desse estudo foi pequeno. Apesar disso, os autores alertam para possíveis hipóteses que justificam os resultados contraditórios. Uma delas é a de que, no caso da população estudada – alunos de ensino médio – o consumo de álcool não passe pela expectativa, mas pela pressão que a própria sociedade exerce sobre os adolescentes no sentido de estimular o consumo de bebidas alcoólicas (amigos e mídia, por exemplo). Outra hipótese possível é em relação ao próprio instrumento de medida de expectativas, que embora seja indicado para adolescentes, o seu escore não foi testado especificamente com esta população, mas em população geral. Logo, o escore pode não ter captado a real expectativa da amostra estudada.

Portanto, esses estudos apontam a necessidade de investigar mais a fundo a relação entre expectativas e consumo pesado de álcool.

Entre todos os estudos citados, nota-se que o envolvimento dos adolescentes com bebidas alcoólicas perpassa fatores biopsicossociais. Foi consenso em todos os estudos a importância do papel da família e do grupo de pares na conduta de beber dos adolescentes. E quando se trata de relações interpessoais, trata-se dos sentimentos envolvidos nessas relações. O que demanda àqueles que pretendem intervir na conduta de beber dos adolescentes é considerar a importância dos vínculos afetivos. É o que se propõe na presente pesquisa, uma intervenção realizada por professores que já se relacionam com os adolescentes, ou seja, já mantêm vínculos afetivos com eles.

3.4.3 Influência das propagandas

Como mostram os estudos citados anteriormente, os danos causados pelo uso de bebidas alcoólicas são desastrosos. Mesmo assim, campanhas publicitárias incentivam seu consumo. Vivarta (2003), em trabalho que avalia o impacto da mídia sobre os comportamentos de crianças e adolescentes, considera que esta não coloca de forma clara que as duas substâncias psicoativas (SPA) mais consumidas pelos jovens, o álcool (sob a forma de cerveja) e o tabaco (cigarro), são drogas. Ribeiro, Pergher e Torossian (1998), analisando textos voltados para o público jovem, relatam que os textos

ênfatizam os efeitos nocivos das drogas e mostram o jovem como carente de informações e ainda incapaz de formular um julgamento crítico a respeito do que assiste. Noto et al. (2003) analisando 502 artigos publicados em 1998, evidenciam um descompasso entre as preocupações jornalísticas e dados epidemiológicos encontrados em nosso país. Gomide e Pinsky (2004, p.59) apontam que, enquanto as propagandas de bebidas alcoólicas são muito bem elaboradas, as campanhas educativas “são bastante frágeis”. De qualquer forma, basta ligar a televisão para assistir a uma avalanche de anúncios comerciais de cervejas. Isso acontece porque a legislação (Lei 9.294, de 1996) só considera bebida alcoólica aquela com teor alcoólico acima de 13º GL (Graus Gay-Lussac), excluindo, portanto, alguns vinhos, *coolers* e todas as cervejas. Isso significa que propagandas de cerveja podem ser transmitidas a qualquer hora do dia e durante qualquer programa televisivo, equiparando-se aos refrigerantes.

Em contrapartida, há, no Brasil, a autorregulamentação feita pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – CONAR. Segundo tal regulamentação, a propaganda não pode estimular o consumo exagerado do produto, não ter como alvo menores de idade e nem usar a sensualidade como principal conteúdo da mensagem (PINSKY, et al. 2009). Não é necessário ser perito em propaganda para observar que as propagandas de bebidas usam e abusam da sensualidade e atingem a faixa etária mais vulnerável às questões voltadas à sexualidade, que corresponde à adolescência e à juventude.

Analisando pesquisas referentes aos efeitos da propaganda no consumo de álcool entre adolescentes e jovens, Pinsky e colaboradores (2009) chegaram a algumas conclusões: a publicidade reforça atitudes pró-álcool; pode aumentar o consumo entre quem já bebe; pode desestimular a redução do consumo; pode influenciar as políticas públicas; influencia a percepção dos jovens sobre álcool e sobre as normas de beber; predispõe os jovens a iniciar o consumo de álcool antes dos 18 anos de idade.

A influência da publicidade no consumo tem, também, uma relação muito mais sutil do que a vontade de ir para o bar logo que se assiste a um comercial. É a imagem que se faz da bebida: a associação entre bebida e bons momentos, alegria, festa, relaxamento, sexualidade. Diante disso, o espaço para trabalhar com a “chata” prevenção é radicalmente diminuído (PINSKY et al., 2009. p.17).

A autora lembra que a publicidade não está apenas na TV, mas também em revistas, na mídia externa, internet, torpedos enviados via telefones celulares e no patrocínio de shows, festas e outros eventos associados ao público jovem. A publicidade atinge sobretudo aos adolescentes, de três formas: pela *exposição*, pela *resposta afetiva* (o quanto eles são atraídos, o quanto gostam dos conteúdos dos comerciais) e pela *lembrança* (o quanto eles se recordam da propaganda, o que geralmente tem a ver com o quanto eles gostam dos conteúdos abordados nas propagandas).

A publicidade de bebidas alcoólicas é um dos importantes fatores influenciadores dos hábitos de consumo de álcool da população, em particular entre os mais jovens. Seu papel estratégico não pode e não deve ser menosprezado. No Brasil, a publicidade de álcool, principalmente de cerveja, é bastante apreciada por sua qualidade e criatividade. E os adolescentes e adultos jovens parecem estar especialmente expostos a ela, sendo alvos preferenciais (PINSKY et al., 2009).

O conhecimento atual sobre o tema indica que a redução da exposição à publicidade tem impacto positivo e proporcional, ainda que não de forma linear, sobre o consumo de álcool, principalmente entre os mais jovens, que é justamente a população mais vulnerável.

Com tantos fatores influenciando o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes, vê-se necessário criar estratégias para reduzir o consumo elevado e uma das que têm alcançado resultados positivos é a intervenção breve.

3.5 Estudos sobre intervenção breve

As intervenções breves (IBs), de uma forma geral, objetivam detectar o problema e motivar o sujeito a alcançar determinadas ações. Geralmente são usadas como um complemento das atividades clínicas e assistenciais. Assim, são inseridas na rotina de atendimento. O profissional ocupa alguns minutos da consulta utilizando recursos didáticos para obter o maior número de informações do sujeito, avaliando e eliciando a motivação para a mudança. As IBs não necessitam de muito tempo e são incorporadas com sucesso a programas como o Programa de Saúde da Família.

O objetivo fundamental de qualquer intervenção breve é reduzir o risco de danos proveniente do uso continuado de substâncias psicoativas ou, mais precisamente, reduzir as chances e condições que favoreçam o desenvolvimento de problemas relacionados ao uso de substâncias. As metas são estabelecidas para cada paciente, individualmente, a partir da clara identificação do seu padrão atual de consumo e os riscos associados (MARQUES e FURTADO, 2004, p. 31).

Existem seis elementos componentes de uma intervenção breve, que são essenciais e que devem estar presentes para caracterizar a intervenção. São eles identificados por meio do acrônimo FRAMES, composto pela combinação das letras iniciais das palavras inglesas *Feedback*, *Responsibility*, *Advice*, *Menu*, *Empathic* e *Self-efficacy*.

O *Feedback* define a devolutiva dos resultados da avaliação feita pelo instrumento de rastreamento. Por exemplo, informa ao sujeito o resultado da pontuação no AUDIT e esclarece seu significado e os riscos associados àquela pontuação. *Responsibility* refere-se à autonomia e responsabilidade do sujeito na tomada de decisões, no cuidado e no compromisso com a mudança. *Advice* são as orientações e recomendações oferecidas ao sujeito. Estas orientações devem ser claras e desvinculadas de qualquer juízo de valor moral e devem preservar a autonomia de decisão do sujeito. O *Menu* é o fornecimento de um folheto informativo com dicas de ações de auto-ajuda. A *Empathic* refere-se ao modo empático e compreensivo que deve ser tomado por quem realiza a IB. *Self-efficacy* é o foco que o profissional deve ter no sentido de promover e facilitar a confiança do paciente em seus recursos e em seu sucesso, correspondendo a um reforço do otimismo e autoconfiança do paciente, voltado a uma maior autopercepção da eficácia pessoal e da consecução de metas assumidas (MARQUES e FURTADO, 2004, p.31-32).

Buscaram-se estudos que abordassem aspectos de prevenção e intervenção quanto ao uso de álcool. Encontraram-se dois tipos de estudos realizados no exterior. O primeiro tipo refere-se ao desenvolvimento, implementação e avaliação de projetos preventivos, que nos EUA chegaram a bom nível de maturação. O segundo tipo procura desenvolver instrumentos de levantamento inicial e diagnóstico, assim como procedimentos de tratamento para adolescentes que apresentam problemas devido ao uso de drogas.

Um estudo realizado em Israel com alunos secundaristas mostrou que, no seguimento de um e dois anos, o grupo que recebeu intervenção breve não alterou o seu padrão de beber, o que contrastou com o grupo controle, que aumentou significativamente as taxas de consumo de bebidas alcoólicas (PELEG et al., 2001).

Existem pesquisas mostrando o padrão de consumo de álcool entre estudantes de ensino fundamental e médio (CARLINI-COTRIN et al., 1989; CARLINI et al., 1990, CARLINI-COTRIN et al., 1990; CRUZ, 2006; GALDURÓZ et al., 1994; GALDURÓZ et al., 1997; GALDURÓZ et al., 2005; MARTINS, 2006; PELEG, 2001; SILVA, 2006; TAVARES, BÉRIA e LIMA, 2001) e entre universitários (DIMEFF et al., 2005; KERR-CORREA et al., 2001). Estudos envolvendo capacitação de professores voltados para o tema de consumo de álcool e outras drogas geralmente tratam de ações voltadas somente à prevenção (FONSECA, 2009; ROBAINA, 2009; MONTEIRO, 2008)

As pesquisas brasileiras na área de Intervenções apresentam sugestões para a atividade clínica, propostas de trabalho oriundas do poder público, como a da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1996) e relatos de intervenções com propostas sistematizadas de atuação bem como outras sem propostas sistematizadas (SILBER e SOUZA, 1998). No que se refere às intervenções sem propostas sistematizadas, são recomendadas intervenções breves, como por exemplo, o procedimento BASICS (*Brief Alcohol Screening and Intervention for College Studentes*).

3.5.1 No que consiste o método BASICS?

O método BASICS é uma forma eficiente e econômica de prevenção ao consumo excessivo de álcool. Obteve-se resultados positivos com estudantes colegiais e universitários norte-americanos (MARLATT et al., 1998). Esta intervenção visa à moderação de uso e conseqüente redução de danos que o consumo abusivo de álcool pode provocar. Esta abordagem já foi testada em universidades norte-americanas e no Brasil tem sido usada com universitários de câmpus da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Em pesquisa recente, foi testada a eficácia do BASICS com estudantes do ensino médio público. Esse estudo aponta que o padrão de consumo entre o

público adolescente ainda não está estabelecido, pois o hábito de beber varia mês a mês. Mesmo com a instabilidade de consumo, notou-se que a intervenção breve do BASICS nesta população também demonstrou ser adequada para fins de prevenção e intervenção ao uso abusivo de álcool. Houve redução significativa do padrão de beber entre os adolescentes (MARTINS, 2006).

O manual BASICS focaliza o programa *Triagem e intervenção breves a respeito do álcool para estudantes universitários*. Os estudantes que receberam a intervenção de apenas duas sessões apresentaram redução estatisticamente significativa de uso de álcool e, conseqüentemente, de seus efeitos negativos.

O BASICS é uma dentre várias modalidades de intervenção que fazem parte do Programa de Treinamento de Habilidades relacionadas ao álcool (ASTP). De todas as modalidades, o BASICS é a menos intensiva e a mais flexível e personalizada. Ele não gera confrontos, não estabelece juízos de valor, não é autoritário e não rotula. Ele é conduzido ao longo de duas sessões de 50 minutos, (adaptamos, para nossa população, a média de 20 minutos para cada encontro).

Na primeira entrevista, o terapeuta avalia o padrão de consumo do estudante e informa-o sobre as conseqüências comportamentais negativas derivadas do uso de álcool e outros comportamentos que possam ser riscos para a sua saúde. Uma informação personalizada baseada nessa avaliação, bem como um aconselhamento específico sobre maneiras de reduzir futuros riscos para a saúde associados ao uso de álcool, é então revisada na reunião subsequente. Consistente com a literatura a respeito de intervenção breve, nossas pesquisas indicaram que em geral, duas reuniões são suficientes para que os estudantes apresentem modificações substanciais em seus padrões de ingestão e reduzam as conseqüências negativas do uso de álcool (DIMEFF et al., 2002, p. 21-22)

O BASICS baseia-se no modelo de "Hábito Biopsicossocial". Nele, o envolvimento do indivíduo com o álcool não é considerado totalmente devido a sua própria iniciativa; os determinantes são múltiplos, e podem incluir fatores biológicos, psicológicos e sociais. Em contrapartida, acredita-se que a mudança de comportamento é possível desde que com a devida assistência (DIMEFF et al., 2002). Esta mudança está baseada nos princípios da Redução de Danos – RD (MARLATT, 1996; 1998). A RD é uma abordagem em que a meta principal é a redução de comportamentos prejudiciais do beber e não a abstinência como foco exclusivo e primordial.

O Brasil adotou a política de Redução de Danos (RD), diferente dos EUA, que ainda usam a política de “guerra às drogas” e “tolerância zero”. Esse tipo de política “tolerância zero” desencoraja algumas pessoas e aumenta os custos e prejuízos para quem não consegue resistir (NALDEMAN, 2007). A melhor abordagem não é reduzir a procura, é reduzir os danos. Países como a Austrália, Grã-Bretanha e Países Baixos adotaram a RD como política.

É bom reduzir o uso de droga, mas não é de modo algum tão importante como reduzir a morte, a doença, o crime e o sofrimento relacionados quer com o consumo excessivo, quer com as políticas de proibição, cujo fracasso já foi provado. No que as drogas legais, como o álcool e o cigarro, reduzir os prejuízos implica incentivar as pessoas a beberem responsavelmente e fazerem-se acompanhar de condutores que não beberam e convencer os fumadores a usar adesivos de nicotina, pastilhas elásticas, ou cigarros que não emitem fumo (NALDEMAN, 2007. p. 22).

O programa BASICS é preventivo. Prevenção é “tudo aquilo que possa ser feito para evitar, impedir, retardar, reduzir ou minimizar o uso, o abuso ou a dependência e os prejuízos relacionados ao padrão de consumo de substâncias psicoativas” (BRASÍLIA, 2008, p. 80). O programa de prevenção do BASICS destina-se a estudantes que bebem pesadamente ou que tenham riscos de desenvolver problemas relacionados a bebidas alcoólicas. Este tipo de prevenção denomina-se *prevenção indicada* ou *prevenção secundária*, que se diferencia da *prevenção universal*. Esta última se destina a toda uma população específica, por exemplo, a todos os estudantes de uma instituição. A prevenção indicada ou secundária tem, como foco, indivíduos que já apresentam evidências de problemas relativos ao uso de álcool. Existe, também, a *prevenção seletiva*, dirigida a subgrupos que apresentam riscos em razão de suas características pessoais ou estilos de vida, tais como estudantes que ingressam em grupos de pares que bebem pesadamente mas ainda não bebem ou não bebem em excesso (DIMEFF et al., 2002).

Cabe dizer que o BASICS foi projetado para estudantes universitários que fazem uso pesado de álcool e baseia-se num modelo que incorpora déficits de capacidade a aspectos motivacionais e de desenvolvimento.

Este modelo supõe que (1) muitos desses estudantes não tem informações, nem habilidade de defrontação para beber moderadamente, (2) certos marcos do desenvolvimento (por

exemplo, separar-se dos pais e assumir atividades de adulto) contribuem para o beber pesado e (3) fatores pessoais (por exemplo, crenças errôneas a respeito do álcool) e fatores ambientais (por exemplo, pressão dos pares, amigos que bebem pesadamente, padrão cultural de "beber até cair") inibem o uso de habilidades comportamentais que os estudantes tem em seu repertório (DIMEFF et al., 2002, p.18).

Esse terceiro item aponta que crenças errôneas a respeito do uso de álcool pode ser um aspecto motivacional, mas o estudo já citado de Martins (2009b), sobre expectativas, aponta que, entre estudantes do ensino médio, as crenças acerca do uso de bebidas alcoólicas não são um fator relevante.

4 MÉTODO

Foi realizado um curso de formação sobre o tema “consumo de álcool entre adolescentes e aplicação de intervenção breve” direcionado aos profissionais da escola parceira nesta pesquisa. Esse curso ofereceu, aos profissionais, conhecimentos que lhes possibilitassem o desenvolvimento de uma pesquisa com seus alunos do ensino médio. O objetivo desta tese de doutorado foi avaliar as implicações e limitações do curso nas práticas dos profissionais da escola e no desenvolvimento de uma pesquisa e aplicação de IB. Para essa avaliação, o método foi organizado em duas partes: uma de cunho qualitativo, que envolve a avaliação da formação continuada (entrevistas com os profissionais da escola e observações dos encontros) e uma de cunho epidemiológico descritivo, que constou na pesquisa realizada por estes profissionais com os alunos do ensino médio (levantamento inicial, intervenção breve e seguimentos).

O método se apresenta descrevendo, primeiramente, a escola que firmou parceria com o coordenador da pesquisa. Em seguida, apresentam-se as equipes participantes (equipe da escola e equipe da universidade), os instrumentos para avaliar as implicações do curso de formação continuada em serviço na prática dos profissionais da escola, o procedimento realizado e a análise dos dados referentes ao curso de formação. No item 4.4.3 descreve-se o detalhamento da pesquisa realizada pela equipe da escola: o objetivo da pesquisa, os participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento do levantamento inicial, da intervenção breve e dos seguimentos. Por último, tecem-se as considerações éticas.

4.1 Escola

A escola escolhida para ser parceira na realização da presente pesquisa é uma escola pública estadual de ensino médio de uma cidade de médio porte (cerca de 400 mil habitantes) da região noroeste do estado de São Paulo. A escola foi escolhida por localizar-se em uma região intermediária entre o centro

da cidade e bairros mais periféricos. Cabe dizer que a escola funciona em dois turnos - matutino e noturno - e atende alunos dos três anos do ensino médio. Quando firmou-se a parceria com a escola, no ano de 2008, a escola matriculou 634 alunos, mas 84 deles cancelaram as suas matrículas, restando 550 alunos. Ao final de 2009 somava um total de 508 alunos matriculados. Divididos em 17 salas de aula, havia sete salas para primeiro ano, cinco para os segundos e cinco para os terceiros.

Optou-se por essa escola em razão de já ter sido local de pesquisa da equipe da UNESP em 2005 e 2006 (MARTINS, 2006; MARTINS, et al. 2008b). Nestes anos, realizou-se uma pesquisa em que se fez um levantamento do padrão de consumo de álcool e outras drogas e também a aplicação de uma intervenção breve baseada no método BASICS (DIMEFF et al., 2002) com os alunos do ensino médio. A pesquisa apontou que a escola atende a uma população de níveis socioeconômicos variados, como "B", "C" e "D", segundo a ABA/ABIPEME (ALMEIDA; WICKERHAUSER, 1991). A origem desse público são os bairros adjacentes ao centro da cidade, que circundam a escola.

O espaço físico da escola se constitui em uma parte térrea e o primeiro andar. Existe um total de 19 salas de aula. A maioria fica no primeiro andar, mas também há salas no térreo. Além das salas de aula, a escola possui: uma sala de informática; uma biblioteca; um laboratório; uma sala para o professor de educação física; uma quadra coberta e outra descoberta; banheiros feminino e masculino para os alunos; bebedouros; sala da secretaria; sala da direção; sala da vice-direção; sala da coordenação; um auditório; um pátio coberto no térreo; cantina, cozinha e refeitório; e sala dos professores com banheiros feminino e masculino. Em uma área ao fundo do prédio da escola existe uma casa para depósito, almoxarifado e zeladoria com amplo quintal contendo árvores frutíferas. Possui também, estacionamento na área externa.

A sala da coordenação foi designada, pela escola, para a realização dos encontros entre a equipe da UNESP e da escola. Nessa sala, foram instalados o computador e a impressora comprados com o auxílio do Programa Melhoria do Ensino Público da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Estes aparelhos foram usados pelas equipes da escola e da UNESP na confecção dos relatórios e instrumentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

4.2 Participantes

Dentre os profissionais da escola que se prontificaram a participar voluntariamente da presente pesquisa, um total de nove se incluíram definitivamente no projeto. Eles constituíram a **equipe da escola**. Destes profissionais, sete são Professores de Educação Básica (PEB II), além da diretora e da vice-diretora. Exceto o professor de educação física, todas as demais são mulheres. Com exceção das gestoras, todos são professores efetivos e estão na mesma escola há mais de dois anos. Ao final de 2008, ou seja, depois de um ano de execução do projeto na escola, a diretora e a vice-diretora foram removidas para outras escolas. No início de 2009 foram incluídas, na equipe, as novas gestoras substituindo as anteriores.

Seguem informações referentes aos participantes da equipe da escola. Estes serão representados pela letra "P" (participante) e um número de identificação:

a) P1: 51 anos de idade, possui formação em letras, é responsável pela disciplina de língua portuguesa, atua como docente há 30 anos e 18 deles na atual escola;

b) P2: 47 anos de idade, formada em artes e leciona a disciplina de educação artística, seu tempo de serviço como professora é de 23 anos e está há 8 na escola;

c) P3: 43 anos de idade, com formação em matemática e leciona esta disciplina, há 23 atua como professora e há nove anos trabalha na escola atual, onde realizou-se a pesquisa;

d) P4: 42 anos de idade, graduou-se em letras, atua como professora de língua portuguesa há 16 anos, 10 deles na escola atual;

e) P5: 53 anos de idade, formada em ciências biológicas, 28 de serviço como professora de biologia e 7 na escola atual;

f) P6: 54 anos de idade, formação em matemática, pedagogia e engenharia elétrica, fez pós *latu sensu*, está com 35 anos de tempo de serviço e 20 anos na escola atual.

g) P7: 39 anos de idade, é o único homem da equipe da escola, atua como professor de educação física há 23 anos e 2 na escola atual, graduou-se em educação física com pós *latu sensu*.

h) P8: 41 anos de idade, formada em ciências econômicas e pedagogia, tem pós em gestão escolar, assumiu o cargo de diretora há um ano na escola. Possui 13 anos de tempo de serviço como professora (foi removida da escola depois de um ano participando do projeto).

i) P9: 47 anos de idade, formação em letras, pedagogia e pós em gestão educacional, 23 de serviço como docente, 11 anos atuou como coordenadora pedagógica e seu cargo no início da pesquisa era como vice-diretora. Ela foi quem incentivou os professores a participar e a efetivar a realização do projeto na escola (foi removida depois de um ano participando do projeto).

j) P10: 60 anos de idade, ingressou no cargo de diretora na escola parceira desta pesquisa no início do ano de 2009. É licenciada em ciências, ciências físicas e biológicas, matemática e pedagogia.

k) P11: 62 anos de idade, há 40 trabalha com educação, há 15 atua como vice-diretora. Tem formação em matemática e ciências biológicas. Ingressou como vice-diretora na escola parceira da presente pesquisa no início de 2009.

Chamou-se de **equipe da UNESP** o grupo formado por profissionais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" dos câmpus do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Ibilce de São José do Rio Preto e da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC de Marília. Segue a descrição da equipe:

a) Coordenador e orientador da pesquisa: professor do Ibilce – UNESP e docente da Pós-Graduação em Educação da FFC, câmpus de Marília. O professor orientador realiza pesquisas voltadas ao tema "consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e jovens" há cerca de 10 anos, com publicações na área (MARTINS, 2006; MARTINS, MANZATO, CRUZ, 2005; MARTINS, et al. 2008a; MARTINS, et al. 2008b; CRUZ, MARTINS, TEIXEIRA, 2009);

b) Duas alunas de graduação, curso de Licenciatura em Pedagogia, com bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq;

c) Uma aluna de mestrado da FFC – UNESP, campus de Marília, graduada em pedagogia. Abordou o tema "consumo de álcool" em suas

pesquisas de iniciação científica (com auxílio PIBIC/CNPq) e em sua dissertação (com bolsa da FAPESP).

d) Um estatístico, docente do Departamento de Estatística e Ciências da Computação do Ibilce – UNESP, campus de São José do Rio Preto.

e) Professora doutora em Educação, docente no Departamento de Educação do Ibilce – UNESP, campus de São José do Rio Preto. Atua no ensino, pesquisa e extensão na área de formação de professores, tanto inicial quanto continuada.

f) A aluna de doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FFC, campus de Marília, é psicóloga e mestre em Educação. Trabalha com a temática “consumo de álcool entre adolescentes” desde o mestrado concluído em 2006. É responsável por redigir e apresentar os dados na presente tese.

As alunas de graduação ficaram responsáveis pela digitação dos dados coletados pela equipe de profissionais da escola. As alunas de mestrado e doutorado, juntamente com o orientador da pesquisa, conduziram o curso de formação continuada e orientaram a equipe da escola no desenvolvimento da pesquisa (levantamento inicial, aplicação de intervenção breve, seguimentos da pesquisa) com os alunos da escola.

4.3 Instrumentos para a avaliação do curso de formação continuada

Em razão dos objetivos propostos no presente estudo – avaliar a concepção dos professores sobre pesquisa e as implicações e limitações do curso de formação continuada nas práticas educacionais - adotou-se como método a entrevista semi-estruturada. Segundo Biasoli-Alves (1998, p. 145)

Entrevista Semi-Estruturada exige que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível e a sequência e minuciosidade ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente. As questões nesse caso são abertas e devem ‘evocar’ ou ‘suscitar’ uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados; frequentemente elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos.

De acordo com a autora é necessário “[...] estudar e priorizar o acerto do método frente ao objeto e aos objetivos do projeto” (p.136). Assim, seguindo-se tal definição, montou-se um roteiro inicial de entrevista semi-estruturada que foi feita com os nove componentes da equipe da escola no início do curso de formação continuada. Um segundo roteiro foi elaborado e aplicado no final do projeto, depois que a equipe da escola realizou a pesquisa com os alunos (levantamento inicial e intervenção breve). Além das entrevistas, fez-se uso de observações, anotações e gravações dos encontros realizados entre as equipes da escola e da UNESP, para realizar posterior análise dos encontros durante o curso.

Ainda segundo Biasoli-Alves (1998, p. 143-144) o Relato Oral

[...] trata-se de uma estratégia que se define por depender da relação entre uma pessoa que pergunta e outra que, detentora da informação, responde à primeira; portanto, através do estabelecimento da empatia o pesquisador torna-se o receptor dos dados que seus informantes lhe passam o que dá a esta estratégia, uma especificidade que nenhuma outra prevê, quando se faz pesquisa com seres humanos. Tem-se através do Relato Oral informações sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além da descrição de ações (com ou sem controle de variáveis) e incorporar novas fontes para a interpretação de resultados.

O roteiro da entrevista semi-estruturada inicial se constituiu de informações referentes à formação acadêmica dos profissionais da escola, qual formação tinham e o tempo de serviço como professor, bem como o tempo de serviço especificamente naquela escola. O roteiro da entrevista abordou o conceito de pesquisa e procurou reconhecer se os participantes já haviam tido alguma experiência com pesquisa em suas atuações ou durante a graduação. Quanto ao interesse pelo projeto que lhes foi apresentado, foi perguntado o motivo pelo qual se prontificaram a participar e o que sabiam sobre o projeto. Perguntou-se, ainda, se haviam dúvidas ou expectativas quanto à realização do projeto com os alunos. Também questionou-se sobre o conhecimento prévio que tinham sobre o assunto “álcool e outras drogas”, quais as fontes de informações e as hipóteses que tinham sobre a iniciação do uso pelos jovens. Quanto à prática e experiência docente, foram questionados se já haviam notado algum aluno sob o efeito de bebida alcoólica e quais as hipóteses que possuíam a respeito das causas do uso de SPA entre os adolescentes (APÊNDICE A).

O segundo roteiro que foi aplicado ao final do projeto, depois que a equipe da escola realizou o levantamento inicial (*Screening*) e a intervenção breve com os alunos, se constituiu de questões referentes novamente ao conceito de pesquisa (objetivando verificar se houve mudanças nas concepções sobre esse conceito) e os sentimentos envolvendo o lugar deles (componentes de equipe da escola) como pesquisadores. Também buscou-se informações específicas sobre as implicações da pesquisa realizada pela equipe da escola, o que motivou, as expectativas, as vivências que tiveram durante a experiência de pesquisa (APÊNDICE B).

Abordou-se, ainda, sobre as implicações do curso nas práticas dos professores, ou seja, a relação ensino-pesquisa, se foi ou não importante, na visão deles, a realização de uma pesquisa e se observaram eficácia da intervenção breve que realizaram com os alunos. Havia questões que abordaram o relacionamento e as impressões emocionais entre eles e os alunos, bem como entre os membros que compunham a equipe da escola propriamente ditos. No que tange ao relacionamento escola-universidade, buscou-se as implicações que o trabalho de pesquisa teve em suas práticas como docentes na perspectiva deles e o que essa parceria trouxe de positivo para eles.

4.4 Procedimento

O procedimento será apresentado por etapas para melhor compreensão. A primeira etapa consistiu na criação da equipe de trabalho da escola; a segunda na realização de um curso de formação continuada em serviço com a equipe da escola que foi avaliado via observações e entrevistas realizadas com os profissionais da equipe da escola no início do curso e depois que a equipe finalizou a pesquisa de intervenção breve com os alunos. A terceira etapa consistiu no desenvolvimento da pesquisa pela equipe da escola com a orientação e auxílio da equipe da UNESP, com objetivos de identificar os alunos que apresentam o padrão de beber de risco e posterior aplicação de intervenção breve, visando à volta ao beber moderado ou mesmo à abstinência destes alunos, baseada no procedimento BASICS (DIMEFF et al., 2002). A seguir, descreve-se detalhadamente cada etapa do presente estudo.

4.4.1 Criação da equipe de trabalho da escola

Buscou-se, inicialmente, formar a equipe de profissionais da escola. O primeiro passo foi entrar em contato com a Diretoria de Ensino do município e com a diretora da escola escolhida. Selecionou-se a mesma instituição escolar na qual havia sido desenvolvida uma pesquisa referente ao uso de álcool e intervenção breve entre os alunos no ano de 2005 (escola descrita na seção 4.1 deste capítulo).

O projeto intitulado "Aplicação de intervenção breve por professores de escola pública para redução do uso de álcool entre estudantes de ensino médio", foi apresentado em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC, à diretora, vice-diretora e a todos os professores da instituição. Os interessados em participar se prontificaram voluntariamente e, então, formou-se a equipe com o total de sete professores, além da diretora e vice-diretora. Assim que foi consolidado o grupo de professores interessados no projeto, o passo seguinte foi se cadastrarem no Sistema de Apoio a Gestão – SAGE da FAPESP, para que o projeto pudesse ser submetido à apreciação desta agência de fomento à pesquisa.

Assim que se consolidou a equipe da escola, o projeto foi enviado ao Programa Melhoria do Ensino Público e aprovado pela FAPESP (Processo FAPESP nº 2007/04849-0). Com a aprovação do projeto, os professores passaram a receber bolsas de auxílio mensais, no valor de R\$ 300,00 reais.

Os dia e horário dos encontros semanais foram decididos em conjunto entre a equipe da escola e da UNESP. Por sugestão dos profissionais da escola, definiu-se que os encontros ocorressem após o HTPC.

4.4.2 Curso de formação continuada em serviço

Os nove profissionais que compuseram a equipe da escola participaram de um grupo de estudo organizado na forma de curso de formação contínua, coordenado pela equipe da UNESP. Os encontros semanais aconteceram no período da tarde em que não há aulas na escola e o local destinado para a realização dos encontros foi a sala da coordenação.

No primeiro dia de curso, em abril de 2008, foi apresentada a ementa do curso (APÊNDICE C), o cronograma das atividades do semestre (APÊNDICE D) e foi distribuído o material para as apresentações e discussões dos futuros encontros.

Um curso voltado para a demanda de uma escola específica, realizado na própria escola e com uma equipe da escola, ao invés de professores de várias escolas, certamente tende a influenciar na dinâmica da instituição. Esse pressuposto baseia-se na hipótese de que se um professor isolado, mesmo sensibilizado com as propostas do curso, não encontra no seu ambiente de trabalho abertura para discutir ou inovar o que viu no curso, seus conhecimentos se esvaecem no ambiente escolar cristalizado, sem influenciar significativamente a dinâmica da escola. "A formação contínua, se for realmente contínua, exige um cotidiano de estudos e pesquisas. Para se dar conta de um bom programa de ensino é preciso um domínio razoável das teorias e conhecimentos e técnicas que sua execução pressupõe" (BELINTANE, 2002, p.189). Pensando nessas colocações, montou-se a equipe da UNESP (ver item 4.2) com profissionais que dominam as áreas de interesse para a efetivação da presente pesquisa.

A fim de não correremos o risco do curso oferecido se concentrar predominantemente no exercício de uma reflexão de caráter pessoal e particular, sobre a prática docente, recorreremos a estudos de textos teóricos e discussões referentes à prática voltada para as temáticas: a) consumo de álcool entre adolescentes; b) formas de identificação dos usuários; c) aplicação de intervenção breve baseada no procedimento BASICS (DIMEFF et al., 2002). Os temas eram apresentados em forma de seminários pelos próprios professores. A cada encontro, uma dupla de professores ficava responsável por apresentar os textos. As dúvidas e comentários eram discutidos de modo reflexivo. O curso teve a duração de três meses com um total de 15 encontros, somando a carga horária de 30 horas/aula.

Dentre os textos selecionados para os estudos teóricos durante o curso de formação continuada destacam-se o manual *Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students – BASICS*, que foi traduzido e publicado em português pela editora UNESP com o título *Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos* (DIMEFF et al., 2002). Este manual

[...] foi projetado para reduzir o consumo de álcool e os problemas associados a ele em estudantes universitários. A avaliação descrita neste manual fornece uma base para dialogar com os estudantes sobre seu padrão de beber e os riscos potenciais para a saúde associados a altos níveis de consumo, bem como sobre estratégias específicas para ajudá-los a reduzir tais riscos (DIMEFF et al., 2002, p.22).

O BASICS salienta que não é preciso ter muitos conhecimentos sobre álcool para executar os exercícios do manual, tampouco um longo treinamento especializado em aconselhamentos de dependentes. Basta se familiarizar com as técnicas básicas de aconselhamento. Por essa razão, adaptamos o procedimento do manual BASICS para os professores se tornarem terapeutas de seus alunos que fossem detectados no levantamento inicial (*Screening*) como já fazendo uso de risco ou uso excessivo de álcool. O BASICS também afirma que não é necessária nenhuma leitura adicional para a aplicação do conteúdo básico do manual. Mesmo assim, optamos por incluir outras leituras referentes ao tema “consumo de álcool” no curso de formação de professores.

Após concluir 30 horas de estudos teóricos, os encontros semanais continuaram, com o objetivo de auxiliar a equipe da escola na realização do levantamento inicial e na aplicação da intervenção breve com os alunos. Nesses encontros simulava-se a forma de realizar a pesquisa e como os profissionais deveriam proceder ao abordar os alunos. Também eram dadas orientações quanto ao preenchimento dos instrumentos. Ao final do curso teórico, os encontros semanais continuaram e, juntamente com os professores, foi feita a organização da aplicação dos instrumentos do levantamento inicial, bem como a programação das atividades a serem realizadas na próxima etapa.

Estas atividades, tanto do curso teórico quanto dos demais encontros, que transcorreram nos anos de 2008 e 2009, foram registradas em áudio e complementadas por anotações feitas durante um dos encontros, para que fossem analisadas posteriormente. No início do curso de formação continuada foi realizada uma entrevista com cada um dos participantes a fim de investigar as implicações na prática dos profissionais da escola.

Como já foi dito na descrição dos participantes, no ano de 2008 participaram do projeto a diretora e a vice-diretora que autorizaram a efetivação do projeto na escola. Elas participaram do curso de formação continuada e

realizaram o levantamento inicial e a IB com os alunos no decorrer de 2008. No início de 2009 elas foram removidas para outras escolas por ordem da Secretaria de Educação. Assim, a escola da pesquisa recebeu outras gestoras que aceitaram participar das reuniões semanais substituindo as anteriores. Além das reuniões, a elas foi dado um aporte teórico orientado pela aluna de mestrado em horário diferente das reuniões feitas com toda a equipe da escola. Portanto, a equipe da escola permaneceu com nove profissionais mesmo com a substituição. Porém, elas não desenvolveram a pesquisa com os alunos quando foi realizado o segundo seguimento da IB por questões relacionadas ao excesso de trabalho na escola, segundo as mesmas.

4.4.3 Detalhamento da pesquisa realizada pela equipe da escola

O desenvolvimento da pesquisa realizada pela equipe da escola teve, como objetivos, a identificação dos alunos que apresentam o padrão de beber de risco e a posterior aplicação de intervenção breve visando à volta ao beber moderado ou à abstinência. A descrição da pesquisa realizada pelos professores será detalhada a seguir:

A pesquisa realizada pelos professores constou de cinco etapas: a) levantamento inicial (*Screening*), utilizando o Alcohol Use Disorders Identification Test – AUDIT (BABOR et al., 1992), adaptado para o Brasil por Méndez (1999), que permite formar grupos de alunos de acordo com o padrão de consumo de álcool. Como em estudos anteriores, utilizou-se a nota de corte oito para os rapazes e sete para as moças (MARTINS et al., 2008); b) entrevista dos grupos para uma caracterização do padrão de uso de álcool e outras drogas; c) aplicação da intervenção breve pautada no procedimento BASICS (DIMEFF et al., 2002) para o grupo experimental; d) seguimentos de quatro meses após a IB; e) seguimento de nove meses após a IB.

4.4.3.1 Participantes

A escola matriculou 634 alunos no ano de 2008 mas, por ocasião da realização do levantamento inicial, 84 deles haviam cancelado as suas matrículas, restando 550 alunos, descritos na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem dos alunos matriculados e que responderam ao levantamento inicial por série e período

	Manhã			Noite			Total		
	f Mat.	f L.I.	% L.I.	f Mat.	f L.I.	% L.I.	f Mat.	f L.I.	% L.I.
1ª Série	170	151	88,8	32	23	71,9	202	174	86,1
2ª Série	118	106	89,8	78	67	85,9	196	173	88,3
3ª Série	74	72	97,3	78	60	76,9	152	132	86,8
Total	362	329	90,9	188	150	79,8	550	479	87,1

Obs.: "f Mat." = frequência dos alunos matriculados; "f L.I." = frequência dos alunos que responderam ao levantamento inicial; "% L.I." = porcentagem dos alunos que responderam ao levantamento inicial.

Responderam aos instrumentos do levantamento inicial 479 alunos de ensino médio da escola participante. Com esse número de respondentes, o levantamento inicial alcançou 87,1% dos alunos matriculados, a maioria deles matriculados no período matutino. Há praticamente o mesmo número de rapazes e moças, com 96,0% deles entre 14 e 18 anos de idade (média de 16,37 e desvio padrão de 1,55 anos de idade). O nível socioeconômico predominante, de acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2007), é o "B2", com 37,0% dos entrevistados, seguido de "C1", com 27,3%. A religião predominante é a católica, com 49,3% dos respondentes, seguida de evangélicos, com 25,7%. Destes alunos, 19,4% deixaram em branco a pergunta sobre religião ou declararam não tê-la. Cerca de 21,5% destes alunos relataram que algum familiar bebeu a ponto de causar problemas. Destes alunos, o familiar mais citado, com 48,5% das escolhas, é alguém da família que não o pai, mãe ou irmãos, seguido da citação do pai, com 35,0%.

No ano de 2009, a escola matriculou 221 novos alunos, sendo que a maioria ingressou na primeira série (94,0%) e no período diurno (90,7%). Destes novos alunos, 183 (82,8%) responderam ao levantamento inicial.

Os alunos participantes, tanto no ano de 2008 quanto os ingressantes em 2009, foram separados em grupos (geral e de risco) de acordo com o padrão de consumo detectado no levantamento inicial, e serão apresentados a seguir.

4.4.3.1.2 Participantes dos grupos geral e de risco

Os grupos foram organizados a partir do resultado de cada aluno no AUDIT (BABOR et al., 1992). Face ao pequeno número de moças, em comparação aos rapazes, que pontuaram oito ou mais no AUDIT, optou-se por reduzir a nota de corte para sete para as participantes, o que aumentou o grupo de risco feminino de 22 para 26 sujeitos e o grupo masculino ficou constituído por 44 rapazes. Assim, o grupo de risco totalizou 70 estudantes. A decisão de diminuir a nota de corte para as moças foi embasada no fato de que as mulheres são mais sensíveis ao álcool, o que justifica uma nota de corte menor para elas (JONES e JONES, 1976). A partir da constituição do grupo de risco, foram sorteados, entre todos os alunos, independente da pontuação no AUDIT, o grupo geral, que ficou formado por 71 participantes (45 rapazes e 26 moças). No total, o grupo entrevistado foi composto por 141 alunos. As características dos participantes dos grupos estão descritas na tabela 2.

Posteriormente, com a realização da última conferência nos dados, foram excluídos dois participantes, um deles por ter sido incluído no grupo de risco indevidamente, uma vez que a sua pontuação não alcançara a nota de corte. O segundo por ter abandonado a escola antes da realização da entrevista. Desta forma, o grupo que foi entrevistado e recebeu a intervenção breve está descrito na tabela 3.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem do número de participantes dos grupos por período, ano escolar, nível socioeconômico (NSE) e religião

	Geral F ¹		Geral M ²		Risco F ¹		Risco M ²	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Período								
Manhã	17	18,5	36	39,1	16	17,4	23	25,0
Noite	9	18,4	9	18,4	10	20,4	21	42,9
Ano escolar								
1º	6	12,0	21	42,0	10	20,0	13	26,0
2º	11	17,7	18	29,0	13	21,0	20	32,3
3º	9	31,0	6	20,7	3	10,3	11	37,9
NSE								
D + C2	8	44,4	7	38,9	2	11,1	1	5,6
C1	7	18,9	9	24,3	8	21,6	13	35,1
B2	8	16,7	20	41,7	9	18,8	11	22,9
B1	1	3,8	5	19,2	4	15,4	16	61,5
A1 + A2	2	16,7	4	33,3	3	25,0	3	25,0
Religião								
Católica	14	17,7	25	31,6	16	20,3	24	30,4
Evangélica	10	43,5	5	21,7	2	8,7	6	26,1
Outras	0	0,0	3	33,3	3	33,3	3	33,3
Nenhuma/em branco	2	6,7	12	40,0	5	16,7	11	36,7

Obs.: 1 = feminino; 2 = masculino.”

Tabela 3 – Frequência e porcentagem dos participantes por grupo e série

		f	%
Geral F		26	18,7
Geral M		45	32,4
	Subtotal	71	51,1
Risco F		25	18,0
Risco M		43	30,9
	Subtotal	68	48,9
	Total	139	100,0

Dos 183 alunos ingressantes em 2009 que participaram do levantamento inicial, 44 participaram da entrevista, 21 compondo o grupo de risco (13 homens e 8 mulheres) e 23 fizeram parte do grupo geral (15 homens e 8 mulheres).

4.4.3.1.3 Participantes do seguimento nº 1 (4 meses após a IB)

O primeiro seguimento foi realizado no início do ano letivo de 2009 e foram localizados 84% dos participantes (N = 117). A maior perda foi com os

alunos da 3ª série, nas quais somente 35,7% dos alunos do grupo de risco responderam ao seguimento. Como mostra a tabela 4, comparando o número de participantes da entrevista e os que participaram do seguimento depois de quatro meses realizada a IB, é evidente a perda de participantes. Esta perda deve-se ao fato de estes alunos terem mudado o número de telefone e de residência, o que impossibilitou contatá-los.

Tabela 4 – Frequência e porcentagem dos participantes submetidos a IB e que concluíram o seguimento nº 1.

	Entrevista				Seguimento nº 1*			
	Grupo geral		Grupo risco		Grupo geral		Grupo risco	
	<i>f</i>	%	<i>F</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1ª Série	27	38,0	22	32,4	23	85,2	19	86,4
2ª Série	29	40,8	32	47,1	28	96,6	29	90,6
3ª Série	15	21,1	14	20,6	13	86,7	5	35,7
Total	71	100,0	68	100,0	64	90,1	53	77,9

* As porcentagens são em relação as frequências da entrevista.

4.4.3.1.4 Participantes do seguimento nº2 (9 meses após a IB)

O segundo seguimento foi realizado no início do segundo semestre de 2009 e foram localizados 61,2% dos participantes (N = 85). A maior perda foi com os alunos da 3ª série, em que não foram localizados nenhum dos pertencentes ao grupo de risco (Tabela 5). Considera-se que os motivos para as perdas ocorridas no primeiro seguimento se acentuaram no segundo. Um dos alunos que responderam este seguimento não havia respondido o primeiro (4 meses) e desta forma foi excluído do grupo para as análises de comparação entre a entrevista e os seguimentos nº 1 e nº 2.

Tabela 5 – Frequência e porcentagem dos participantes submetidos a IB e que concluíram o seguimento n° 2.

	Entrevista				Seguimento n° 2*			
	Grupo geral		Grupo risco		Grupo geral		Grupo risco	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1ª Série	27	38,0	22	32,4	21	77,8	14	63,6
2ª Série	29	40,8	32	47,1	21	72,4	21	65,6
3ª Série	15	21,1	14	20,6	8	53,3	0	0,0
Total	71	100,0	68	100,0	50	70,4	35	51,5

* As porcentagens são em relação as frequências da entrevista.

4.4.3.1.5 Participantes do seguimento com alunos ingressantes em 2009 (4 meses após a IB)

O seguimento realizado com os alunos que ingressaram na escola em 2009 aconteceu no início do segundo semestre de 2009 (quatro meses depois de passarem pela IB). Esse seguimento foi concomitante com o segundo seguimento realizado junto aos alunos que participaram da IB em 2008. Foram localizados 84,1% dos participantes (N = 37). As perdas foram iguais para os dois grupos. Mais uma vez, tal perda deve-se ao fato de estes alunos terem mudado de número de telefone e residência e, assim, impossibilitado o contato (Tabela 6).

Tabela 6 – Frequência e porcentagem dos participantes submetidos à IB e que concluíram o seguimento

	Entrevista				Seguimento 4 meses*			
	Grupo geral		Grupo risco		Grupo geral		Grupo risco	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
1ª Série	23	56,1	18	43,9	19	82,6	15	83,3
2ª Série	0	0,0	2	100,0	0	0,0	2	100,0
3ª Série	0	0,0	1	100,00	0	0,0	1	100,0
Total	23	100,0	21	100,0	19	82,6	18	85,7

* As porcentagens são em relação as frequências da entrevista.

4.4.3.2 Instrumentos do levantamento inicial, da entrevista e dos seguimentos

O instrumento do levantamento inicial constou de seis partes, formando um único instrumento: a) variáveis sociodemográficas: identificação, idade, nível socioeconômico, local de residência, telefone e religião; b) Identificação dos bebedores excessivos com o instrumento AUDIT - Alcohol Use Disorders Identification Test (BABOR et al., 1992); c) "Quantidade e frequência de consumo de álcool" - Q_F (DIMEFF et al., 2002), que verifica a ocasião em que o indivíduo bebeu mais no último mês, a frequência com que bebeu e a quantidade consumida num final de semana; d) avaliação do histórico familiar de problemas associados ao álcool e outras drogas.

O instrumento da entrevista constou de a) avaliação do consumo de bebidas alcoólicas: foi repetido o instrumento Q_F e aplicado também o "Perfil breve do bebedor" (DIMEFF et al., 2002), que avalia a quantidade bebida por horários e dias da semana; e b) Escala de dependência do álcool - EDA (SKINNER & HORN, 1984): avalia a gravidade dos sintomas de dependência física e psicológica ao álcool.

O instrumento Q_F foi repetido a fim de comprovar as respostas dadas no primeiro questionário e serem descartados os falsos positivos (sujeitos que atingiram pontuação maior que oito no AUDIT, mas não apresentam padrão de consumo elevado). Nos seguimentos realizados quatro e seis meses posteriormente a intervenção breve, repetiu-se o Q_F novamente, bem como o Perfil breve do bebedor, o Padrão esporádico e o AUDIT.

4.4.3.3 Procedimentos do levantamento inicial e formação dos grupos

Depois de participar do curso de formação continuada, a equipe da escola foi orientada e auxiliada na realização da pesquisa. Primeiramente, os profissionais da escola foram orientados sobre a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e como deveriam ser entregues aos alunos para levarem aos pais ou responsáveis. O primeiro passo foi um membro da equipe da escola, juntamente com o coordenador da pesquisa, entrar nas salas durante o horário de aula e explicar os objetivos da pesquisa a todos os

alunos e solicitar a concordância de inclusão no estudo. Também foi explicado as garantias de privacidade e confidencialidade dos dados coletados na pesquisa. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram entregues e a equipe da escola se organizou para os recolherem. Recolhidos os TCLE assinados pelos responsáveis (caso fossem menores de 18 anos de idade) ou por eles próprios (caso fossem emancipados), deu-se início ao levantamento inicial (*screening*), que aconteceu da seguinte forma: um membro da equipe da UNESP acompanhou um da equipe da escola e, em conjunto, explicaram aos alunos, novamente, os objetivos da pesquisa (no TCLE já havia os objetivos da pesquisa) e foram convidados a responder o questionário (AUDIT), identificando-se, para que fosse possível entrar em contato posteriormente para a formação dos grupos e realização das próximas etapas.

A aplicação se deu em horário de aula de forma coletiva, nas próprias salas de aula. Cada professor ficou responsável por algumas séries. Quaisquer dúvidas que os estudantes tivessem, os professores ou o membro da equipe da UNESP estavam aptos a responder.

Houve um imprevisto logo no dia seguinte ao início da aplicação dos instrumentos do levantamento inicial: os professores da rede estadual de ensino entraram em greve e os alunos não foram mais à escola. Por esse motivo, o levantamento inicial não foi feito com todos os alunos. Face a essa situação, descartaram-se os dados obtidos com aqueles alunos que já haviam participado da coleta de dados e, assim que terminou a greve, aplicou-se novamente a todos os alunos, inclusive àqueles que já haviam participado antes da paralisação. Por essa razão, o cronograma inicial foi alterado, atrasando as atividades por pelo menos um mês, mas esse atraso não prejudicou a realização das atividades planejadas.

Após a aplicação dos instrumentos do levantamento inicial, os dados foram digitados numa planilha e organizados os grupos em positivo e negativo, de acordo com os resultados dos instrumentos do levantamento inicial. Assim, organizaram-se os estudantes que participaram da etapa seguinte – a entrevista.

Os alunos que apresentaram pontuação no AUDIT maior ou igual a oito foram considerados bebedores de risco. A partir do resultado do levantamento inicial, foram organizados dois grupos: o grupo 1, chamado de "Grupo de Risco" (grupo positivo), formado por alunos que pontuaram oito ou mais pontos no

AUDIT; o grupo 2, chamado de "Grupo Geral" formado com o mesmo número de alunos do grupo 1, e sorteados do conjunto total de alunos, inclusive com os alunos que também compõem o grupo 1. Este procedimento, quase-experimental, é adotado para comparar o grupo de risco (Grupo 1) com ele mesmo no seguimento e com o padrão de todos os alunos da escola.

Justifica-se a utilização de um procedimento quase-experimental, quando da "[...] inexistência ou o pouco controle do contexto e das variáveis intervenientes, bem como da impossibilidade de alocação aleatória dos participantes" (MINAYO et al, 2005, p.76). Minayo et al. (2005) apontam, ainda, que se esse modelo não tem o rigor dos experimentos quanto à inferência causal, permite a adaptação da pesquisa a condições adversas. Por isso "[...] se consegue uma validade interna tão forte quanto em um estudo experimental" (p.76).

A avaliação dos grupos dar-se-á com pré-teste e pós-teste (após a intervenção) e para tanto utilizaremos técnicas de análise multivariada, especialmente a Análise de Variância com Medidas Repetidas (HERTZONG e ROVINE, 1985; KEPPEL, 1973; WEINFURT, 1996), que permite a comparação dos mesmos sujeitos em períodos diferentes (pré e pós-teste).

4.4.3.4 Procedimento da entrevista e intervenção breve

Foi entregue, aos profissionais da equipe da escola, a lista dos alunos que participariam da entrevista individual. Cada professor ficou responsável por entrevistar certo número de alunos que foi distribuído entre os professores em número semelhante. Os instrumentos desta entrevista investigam informações específicas sobre o padrão de beber.

Com os dados da entrevista foi possível elaborar um gráfico personalizado com as informações referentes ao padrão de beber individual. Os professores elaboraram um pequeno relatório contendo o gráfico e informações detalhadas sobre o hábito de beber de cada aluno que pontuou oito ou mais no AUDIT no levantamento inicial (grupo positivo).

De posse dessas informações individualizadas, os professores iniciaram a intervenção breve, que consistiu em devolver, para cada aluno, uma folha com

gráfico personalizado contendo o nível de álcool no sangue atingido na ocasião em que mais bebeu nos últimos três meses. Essa folha foi lida pelo professor juntamente com o aluno e foi questionado o que achava sobre isso, se imaginava que estava bebendo daquela maneira e quais os benefícios e malefícios de beber. Nesse momento também foi entregue um folheto explicativo com informações sobre como beber reduzindo os prejuízos.

A literatura referente a intervenções breves aponta que apenas dois encontros são suficientes para que o estudante modifique seu padrão de beber (DIMEFF et al., 2002, p. 21-22). No caso da presente pesquisa, houve os dois seguimentos. O primeiro depois de quatro meses e o segundo após nove meses (com os alunos ingressantes em 2009 foi feito um seguimento após quatro meses da IB). Esses seguimentos servem como uma sessão de reforço e avaliação de como está o padrão de beber do aluno, ou seja, se diminuiu, aumentou ou continua estável.

Após o levantamento inicial, foram formados os grupos que participaram de uma entrevista com os componentes da equipe da escola. Nesse momento também havia um membro da equipe da UNESP para auxiliá-lo caso necessitasse. Os alunos dos dois grupos (risco e geral) eram convidados a se retirarem de suas salas de aula para responderem à entrevista em outra sala. Na entrevista, foram reiteradas as informações do TCLE, que dispõe sobre a participação voluntária e sigilo de todas as informações dadas. Tendo as informações dessa entrevista sido digitadas e analisadas, foi possível elaborar um retorno individualizado para cada aluno participante da intervenção breve. Apenas os alunos do grupo de risco participaram dessa intervenção. O procedimento da intervenção foi baseado no descrito no livro *Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos* (DIMEFF et al., 2002). Com esse retorno individualizado em mãos, cada membro da equipe da escola convidava o aluno para uma conversa privada em sala à parte. Esta conversa se dava de maneira não confrontacional ou moral. O aluno recebeu, nesse retorno, informações sobre o seu padrão de consumo, riscos e problemas associados ao uso do álcool, assim como foi comparada a taxa de ingestão de bebidas alcoólicas do aluno com a média dos alunos da escola onde ele estuda. Após a entrevista, o aluno levou consigo um sumário das informações recebidas, dicas e sugestões de moderação no consumo de álcool.

Em ambas as fases, os membros da equipe da escola foram acompanhados por algum membro da equipe da UNESP nas primeiras entrevistas e aplicação da intervenção breve. Este procedimento foi adotado para dar mais segurança para estes profissionais e, uma vez tendo eles se sentido preparados para a atividade, não pediram mais a presença da equipe da UNESP e o trabalho transcorreu conforme o planejado.

Em 2009 houve o seguimento de quatro e de nove meses, após a aplicação da IB. Também foi feito levantamento inicial com os alunos ingressantes e posterior IB com os que demonstraram padrão de risco. Nessa etapa, a equipe da escola realizou a pesquisa sem a presença de qualquer membro da equipe da UNESP.

4.4.3.5 Forma de registro e análise de dados da pesquisa realizada pela equipe da escola

Os dados foram obtidos via autopreenchimento de questionários pelos alunos participantes no levantamento inicial e por entrevistas estruturadas, que posteriormente foram analisados com técnicas multivariadas que utilizam procedimentos constantes nas análises feitas nas pesquisas citadas nesta tese (PEREIRA, 1999; KEPPEL, 1973; WEINFURT, 1996).

4. 5 Análise de dados da avaliação do curso de formação continuada

A análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas com os participantes da equipe da escola (professores e gestoras da escola) no início do curso de formação continuada e na conclusão do projeto, findadas as atividades da pesquisa realizada pela equipe da escola, é do tipo Qualitativa. Como afirma Biasoli-Alves (1998), este tipo de análise é o mais adequado quando se trabalha com entrevistas semi-estruturadas e com registros de áudio ou vídeo. A autora salienta que o sistema qualitativo é o

[...] mais complexo e exigente quanto a elaboração e cuidados do pesquisador. Ele se caracteriza por buscar uma apreensão de significados nas falas ou em outros comportamentos observados

dos sujeitos, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, sem a pretensão de atingir o limiar de representatividade (p. 149)

A partir dos objetivos propostos - a saber, avaliar as implicações e limitações da formação continuada no local de trabalho e nas práticas dos professores; no relacionamento escola-universidade (conceito de pesquisa, como se relacionam com as atividades de pesquisa na aplicação da Intervenção Breve e na relação ensino-pesquisa) - destacam-se focos de análise que buscam responder aos objetivos. Como principais focos destacam-se:

- a) A experiência e o conceito prévio de pesquisa dos participantes da equipe da escola;
- b) Os motivos que os levaram a participar do projeto de pesquisa;
- c) O conhecimento dos objetivos principais do projeto e as expectativas dos participantes referentes ao projeto;
- d) O conhecimento prévio sobre o assunto abordado no curso e na pesquisa – consumo de álcool e intervenção breve;
- e) Experiência com alunos embriagados;
- f) Fatores que acreditam ser responsáveis pelo comportamento de beber dos alunos;
- g) A eficácia da intervenção breve segundo suas perspectivas;
- h) As impressões que tiveram sobre as implicações que o curso de formação em serviço teve sobre sua prática docente;
- i) Mudanças no relacionamento entre os participantes da equipe da escola e seus alunos;
- j) Mudanças no relacionamento entre os membros da equipe da escola;
- k) Aspectos que lhes chamaram a atenção;
- l) As dificuldades enfrentadas pelos participantes da equipe da escola;
- m) Segurança para realizar outras pesquisas;
- n) Críticas ao trabalho realizado.

4.6 Considerações éticas

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP e recebeu aprovação em 9 de abril de 2008.

Além de encaminhar o projeto ao Comitê de Ética, tomou-se o cuidado de enviá-lo, para apreciação e discussão, ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e ao Conselho Municipal Sobre Álcool e outras Drogas, dos quais recebeu aval para realização. Esse cuidado foi em razão de ser um trabalho voltado para adolescentes e a abordagem de redução de danos apresenta a abstinência como meta final da intervenção, e não como exigência inicial para ingresso no programa. Nesta perspectiva, em que o adolescente já vem fazendo uso de álcool, tem-se a preocupação de reduzir o padrão de beber, para que, iniciado este processo ele entre na vida adulta com um padrão moderado de beber ou mesmo que faça a opção pela abstinência. A implantação de um projeto de pesquisa desse tipo, em uma cidade do interior, é complexa, pois ao mesmo tempo em que há um clamor da sociedade em relação ao uso de drogas pela juventude, esta não considera as bebidas alcoólicas, especialmente a cerveja, como droga e, quando o fazem, querem, em princípio, a abstinência.

5 RESULTADOS

No presente capítulo, apresenta-se a análise qualitativa dos dados obtidos nas entrevistas realizadas com os profissionais que participaram do curso de formação continuada em serviço sobre consumo de álcool e aplicação de intervenção breve em adolescentes. Em seguida, descrevem-se as análises das observações feitas nos encontros durante o curso. Também são apresentados os resultados obtidos na pesquisa que os professores realizaram com os alunos do ensino médio.

Cabe ressaltar que a forma como se conduziu o curso de formação continuada em serviço e a realização da pesquisa e intervenção breve realizadas pelos profissionais da equipe da escola foi baseada no conceito de professor-reflexivo de Schön (1983). As discussões foram realizadas a partir da relação entre estudos teóricos e a prática dos professores com questões voltadas ao uso de álcool entre os alunos. As vivências pessoais também foram muito importantes e valorizadas a fim de contribuir com a formação de uma identidade epistemológica, ou seja, o conhecimento prévio que cada um dos professores já possuía era de suma importância no processo de construção de conhecimento.

Nos encontros realizados com a equipe da escola, durante o curso de formação, levamos em conta o contexto social e institucional, a identificação entre a ação e pensamento, a valorização do conhecimento teórico, a consideração da cultura como práticas implícitas configuradoras de comportamentos, a compreensão crítica do contexto social, a ênfase no trabalho coletivo e influência da realidade social e institucional sobre as ações e pensamentos das pessoas. Assim, constituiu-se um grupo de trabalho formado pela equipe da escola (sete professores, diretora e vice-diretora) e pela equipe da UNESP (coordenador e alunos de pós-graduação e de graduação).

Esta pesquisa, ao realizar um trabalho que propõe continuidade (acompanhamento e assessoramento posterior a escola) e que aborda um tema ainda não contemplado nos currículos de formação docente – identificação do padrão de uso de álcool entre estudantes e aplicação de intervenção breve – buscou auxiliar os profissionais da escola em suas práticas escolares por meio do conhecimento científico via pesquisa.

São apresentadas, a seguir, as análises das entrevistas realizadas com os professores no início do curso de formação continuada no local de trabalho (discussões teóricas sobre o tema “consumo de álcool entre adolescentes e aplicação de intervenção breve”) e ao final do projeto (após a realização da intervenção breve e dos seguimentos feitos pela equipe da escola com os alunos). Para melhor entendimento dos resultados, são descritas falas dos profissionais da equipe da escola. Tomou-se o cuidado de manter o máximo de correspondência e fidelidade entre as falas originais em áudio e suas versões transcritas, exceto por alguns ajustes gramaticais feitos para melhor compreensão do texto. Também foram analisadas as gravações dos encontros semanais com a equipe da escola.

5.1 Entrevista com a equipe da escola no início do curso

O roteiro da entrevista (Apêndice A) realizada com a equipe da escola no início do curso de formação continuada em serviço sobre uso de álcool entre adolescentes e aplicação de intervenção breve foi composto por dez questões. As questões abordaram a formação e o conhecimento que os profissionais da escola tinham em pesquisa, e informações referentes ao projeto proposto pela equipe da UNESP.

Investigou-se ***a experiência e o conceito prévio de pesquisa entre os participantes da equipe da escola***, ou seja, se algum dos componentes da equipe da escola já havia tido experiência anterior com algum tipo de pesquisa científica. Todos afirmaram nunca terem desenvolvido pesquisa científica, tanto nos seus respectivos cursos de graduação em licenciatura quanto na prática educacional. Esta ausência de prática científica os levou a atribuírem ao conceito de pesquisa, ser um levantamento ou coleta de dados. Dados semelhantes se chegou em estudo de Lüdke e Cruz (2005), em que os professores apontam como um dos fatores determinantes da precária formação em pesquisa a escassez de possibilidade para participarem de programas de iniciação científica e a centralidade da formação teórica do professor, tanto no período pré-serviço quanto na formação continuada ao longo da sua carreira.

As respostas dos participantes 2 e 4 ilustram o conceito de pesquisa dos membros da equipe da escola.

Um levantamento de dados (P2). (sic)

Método de informação, de coleta de dados de informação que seja importante para a comunidade, principalmente (P4). (sic)

Outro foco investigado entre os participantes da equipe da escola foram **os motivos pelos quais se prontificaram a fazer parte da pesquisa**, a maioria falou do desejo em ajudar as pessoas (alunos), por ser um tema interessante e atual já que notam um consumo excessivo de álcool entre os alunos e também por questões pessoais, pois tais conhecimentos poderiam auxiliá-los na educação de seus filhos e netos. Seguem respostas representativas desta posição de desejo em ajudar alunos e familiares:

Porque acho que nós precisamos fazer alguma coisa para auxiliar esses jovens, que já estão abandonados na educação familiar e na formal e se nós não fizermos alguma coisa eu acho que fica faltando um elo de ligação, talvez nós podemos fazer a diferença na vida de alguns (P4). (sic)

Eu tenho filhos adolescentes e também pelos alunos. Então, eu tive problemas com filhos que eu acho que consomem bebida, não que eu tenha problema em casa, mas às vezes eu acho que eles excedem um pouco, foram poucas vezes. E também aluno aqui, e não foram uma ou duas vezes, principalmente quando a gente tem a aplicação de alguma prova como Saesp, olimpíadas, eles costumam vir pra escola bêbados e eles bebem no bar aqui perto e nos causam uma série de problemas. Já pegamos alunos com bebidas dentro da mochila, ano passado uma aluna passou mal aqui na escola porque ela trouxe bebida dentro da mochila (P9). (sic)

Notou-se que o envolvimento dos profissionais da equipe da escola na realização de uma pesquisa científica juntamente com uma equipe de profissionais da universidade deu-lhes sentimentos de valorização. Observa-se, nesse comentário, a necessidade de se sentir útil e importante, e a pesquisa traz esse sentimento valorativo ao professor.

Eu vou te confessar que estou doidinha para me aposentar porque a sala de aula está muito difícil, o desinteresse dos alunos. Olha, minha colega acabou de dizer que quer ir

embora porque ela está se sentindo inútil hoje, a escola está meio agitada e ela quer ir embora porque não está bem. Está difícil! Então, eu até gostaria de me aposentar, eu estava até procurando outra coisa para fazer, mas eu não posso ficar parada, é da minha natureza, eu não consigo me imaginar parada, eu sou uma pessoa assim, que estou aqui, estou lá, agora posso fazer uma coisa diferente que posso me sentir útil (P1). (sic)

Todos os professores sabiam sobre o que se tratava o projeto, tinham noções de que seria realizado um levantamento e que realizariam um trabalho voltado para a diminuição do ato de ingerir bebidas alcoólicas. Isso indica que o projeto foi bem explicado e as dúvidas esclarecidas no momento do convite feito a todos os profissionais da escola em horário de HTPC. Um exemplo de que os participantes tinham **conhecimento sobre o projeto** é a fala que segue:

O projeto é sobre prevenção e o tratamento de como lidar, né? De como abordar, de como tratar a pessoa que é usuária. E nós temos que prevenir primeiro e mostrar mesmo aqueles que não têm o acesso, mas que convivem e antes que ele entre na bebida ou na droga, né? Não só a bebida é o que vai ocasionar, ele vai ter que estar consciente e aqueles que já são usuários tentar tirar (P2). (sic)

Quanto às **expectativas** que tinham sobre o desenvolvimento do projeto, nota-se que eram positivas e a maioria direcionada a aspectos referentes a “ajudar os alunos”, ou seja, mudar o comportamento dos alunos “bebedores” e “auxiliar no trabalho docente”.

Eu acredito nela (na pesquisa), sinceramente. Eu posso me enganar, mas eu acho que alguma coisa tem que ser feita, o que eu vejo no dia-a-dia na escola é uma coisa que assusta, você vê de um ano pro outro você percebe o comportamento dos alunos, eu que acompanho principalmente a turma da noite eu sinto a mudança de comportamento. Por exemplo, estou dando aula para o 2º colegial, você percebe, principalmente nas últimas aulas, o comportamento deles, o tanto que eles faltam, eu vejo uma certa agressividade, eles ficam meio perdidos. Mas eu acredito que possa ter pelo menos alguma coisa de resultado (a pesquisa) (P1). (sic)

Minhas expectativas são boas. Eu acredito que vai ajudar bastante. Acredito que deva me auxiliar, inclusive já falei na sala de aula que estou fazendo um curso assim (P2). (sic)

Buscou-se saber se os participantes tinham algum **conhecimento prévio sobre o assunto abordado – consumo de álcool e intervenção breve**. Todos disseram ter informações superficiais sobre o assunto e as fontes de informações que usavam eram, basicamente, jornais, revistas e mídia televisiva. Também aprendem conversando com os próprios alunos e com cartilhas de programas de prevenção que chegam à escola.

Não sei praticamente nada, até outro dia eu assistia a globo news, e até comentei com a minha filha que o projeto tinha tudo a ver (com a reportagem) e me lembro que teve uma festa em Mirassol e os pais foram chamados por causa dos filhos usando drogas (P1). (sic)

Eu sempre procuro me informar, ler, conversar com as pessoas a respeito, às vezes até conversar com os alunos, eu já trabalhei no Paraguai (Pontaporã) e lá eu vi aluno cheirando cocaína na sala. Tive contato com material do Jairo Bouer tinha alguma coisa sobre álcool e de outras drogas, foi um projeto voltado para o professor de educação física fazer em sala de aula com os alunos (P7). (sic)

Todos os participantes afirmaram já terem tido **experiências com alunos embriagados** em sala de aula.

Nós tínhamos um aluno que saiu no ano passado e ele foi meu aluno desde a sexta série. E nós acompanhamos a ascensão e queda, digamos assim, das drogas. Mas se você for investigar todos eles, a maioria tem um histórico familiar de comprometimento com a droga, o pai estava preso por tráfico e a mãe também. Então, o que ele recebeu de herança? A continuidade do trabalho dos pais. Além de ser usuário ele era também traficante. E ele era muito próximo a nós professores, porque eu acho que nós éramos o único ponto de referência dele e ele contava o que acontecia com ele, "ó professora ontem eu apanhei da polícia" e mostrava as marcas na perna, dizia que tinha passado um dia na cadeia, ele era muito próximo da gente. E você tem que agir com naturalidade, mesmo que por dentro aquilo doa pra você, mas você tem que agir como se aquilo fosse natural e tentar convencê-lo, mas esse tentar convencer é muito pouco porque ele fica comigo 50 minutos e ele está

com o traficante durante todo o resto do tempo. E eles têm muito mais a oferecer do que eu (P4). (sic)

Já vi bebida. Nós percebemos alteração devido ao comportamento, de falar, de andar. Outras drogas eu nunca peguei utilizando, mas dá pra perceber pela forma de olhar, pelo cheiro, sente o cheiro no banheiro (P8). (sic)

Na fala anterior do P4 e na maioria das falas dos demais participantes, a família aparece como culpada pelo uso de álcool e de outras drogas pelos alunos. Ou seja, dentre os **fatores que eles acreditam serem responsáveis pelo comportamento de beber dos alunos**, destacam a família como o principal deles.

É tudo problema da família, a carga que é pesada na casa deles, não digo desestrutura, é o próprio relacionamento da família mesmo (P9). (sic)

Hoje na atual situação, acho que é um pouco de abandono da família, falta de entendimento da família, não é de cuidar, fiscalizar, não é proibir porque não adianta, é conversar, tem que mostrar pra pessoa quais são os benefícios temporários que ela vai ter com o álcool porque vai. É falar das consequências negativas. E status, por influência social, a influência da mídia, a pressão da mídia e da sociedade. Tem adolescente que vai ceder àquela pressão, igual cigarro, acham que é charmoso. Se bobear a classe A está mais abandonada do que a classe C (P7). (sic)

Como mostram os relatos citados acima, a questão do uso de álcool e de outras drogas faz parte do cotidiano escolar, o que mobiliza os profissionais da escola a se interessarem pelo assunto. Depois do curso de formação continuada no local de trabalho sobre consumo de álcool e intervenção breve e da pesquisa feita pela equipe da escola (depois de dois anos de acompanhamento das atividades da equipe da escola) realizou-se outra entrevista com os participantes, buscando as implicações e limitações que o curso possibilitou na pesquisa e prática dos participantes.

5.2 Entrevista com a equipe da escola no término do projeto

O primeiro tópico do roteiro da segunda entrevista realizada com os integrantes da equipe da escola buscou novamente o **conceito de pesquisa** a

fim de comparar com as respostas da primeira entrevista. Os comentários dos professores a respeito do conceito de pesquisa, na segunda entrevista, demonstraram que esse conceito foi ampliado. Agora, ao invés de consenso ao afirmarem que pesquisa significa apenas “coleta de dados ou informações”, os professores acrescentaram ao conceito a construção do conhecimento.

É uma investigação que passa a ser conhecimento, você armazena dados, você transfere de uma situação anterior ou ela sendo boa ou ruim, você pode aproveitá-la ou jogar fora o que não interessa. Essa pesquisa é no cotidiano e tem ligação com a parte afetiva, social e econômica. É uma aprendizagem para você exemplificar melhor, universo de informações que você transfere para todas as outras situações do cotidiano, ela é frequente e não pára nunca (P6). (sic)

A pesquisa pra mim é me aprofundar sobre um determinado assunto, no caso, da gente foi sobre o álcool. Eu entendi que foi o aprofundamento que a gente fez, os estudos que nós fizemos com vocês, aquelas leituras que nós fizemos que foram acrescentadas junto de vocês. Acrescentou muita coisa pra gente. Então, pra mim a pesquisa é um estudo, um aprofundamento de um determinado assunto (P3). (sic)

Perguntou-se aos participantes como foi a **experiência com a pesquisa**. Todos afirmaram que foi positiva e que adquiriram conhecimentos importantes tanto para a prática profissional quanto para a vida pessoal.

Interessante, principalmente pela capacitação, eu acho que a gente aprendeu muito, e é alguma coisa independente do trabalho do projeto, a gente leva pra vida, né? É uma coisa que fica, que você usa para a tua vida, para orientar, ou até mesmo passar para outras pessoas. Eu acho que a capacitação para mim foi o que houve de melhor, além de uma satisfação em ver que os alunos, de alguma forma, pararam para pensar no que eles têm feito, nas consequências do que eles tem feito, de uma forma bem leve, mas eu acho que houve momento para pensar sobre isso (P1). (sic)

Foi muito produtiva, aprendi bastante, passei a ver com outros olhos muitas coisas, a observar, eu não tinha noção da quantidade das coisas, o quanto fazia mal as coisas e a preocupação do adolescente também, foi nesse projeto que

eu vi a idade que o pessoal está começando a beber, eu não tinha essa noção (P2). (sic)

Foi agradável, muito agradável. Eu acho que um enriquecimento, um conhecimento dos alunos, eu pude conhecer melhor meus alunos, principalmente aqueles que eu entrevistei, então foi muito agradável (P4). (sic)

Também foi questionado se a realização da pesquisa **atingiu aos objetivos e expectativas iniciais**. As respostas de alguns (como do P1) indicam que a intervenção breve não coincidiu com o que os participantes imaginavam e, ainda, sentiram falta de palestras ministradas pelos membros da equipe da UNESP aos alunos da escola. Outros, como o participante de número 3, disseram que suas expectativas de diminuir o consumo dos alunos foram alcançadas, pelo menos com alguns deles.

Para ser franca eu pensei que a intervenção fosse um pouco maior, eu até imaginei que houvesse um contato assim mais tipo palestra, assim mais orientação mais em grupo, assim da parte de vocês, além das pesquisas que eles contavam só pra aquela abordagem da intervenção. Até porque quando nós começamos, eu fiquei meio preocupada, eu questionava: nós vamos ter condições de fazer isso, não tem que ser especialistas, psicólogos? Então eu pensei que fosse ser maior (P1). (sic)

Eu esperava poder contribuir com eles, né? Principalmente com os alunos problema, eu esperava que pudesse contribuir mesmo, que eles entendessem, que eles melhorassem, e eu acredito que sim, porque muitos se abriram com a gente. E hoje a gente vê, conversando com eles que muitos pararam, diminuíram, não digo pararam, mas muitos diminuíram o consumo. Esses que a gente tem contato, porque muitos saíram, mas esses que a gente tem contato, alguns a gente percebe sim que melhoraram (P3). (sic)

*Não sei se cheguei aonde eu queria, eu acho que foi importante para os alunos, eles também receberam orientação. A gente teve essa oportunidade de investigar e ir descobrindo o uso do álcool. Apesar de eu achar que pesquisa fosse alguma coisa mais longa, com mais palestras para os alunos eu vi que é uma coisa mais objetiva, uma coisa rápida, então, às vezes a gente até comenta que foi uma coisa muito superficial, mas acho que isso é a pesquisa. **(Você sentiu falta de ter mais encontros com os***

alunos e que tivessem palestras?) *Palestras assim de estar conversando no geral, não individualmente, num primeiro momento eu achava que era mais um trabalho assim, de conscientização no geral, falar mais com eles, mas eu entendo assim que a pesquisa é coletar dados, no caso pra gente ter essa noção do quanto o jovem bebe, se também isso foi importante. A gente percebeu nas últimas entrevistas que muitos diminuíram o beber, estavam mais conscientes sobre o perigo do beber, eu acho que valeu. O resultado foi bom (P5). (sic)*

No relato da participante 5 (P5), além da crença em palestras como intervenção, surgiu a concepção de pesquisa, ainda persistindo a ideia de coleta de dados e ela pensava que seria algo que levasse mais tempo, pois ela sentiu que foi rápido. Cabe dizer que o projeto todo (incluindo curso de formação, levantamento inicial, IB e seguimentos) teve a duração de dois anos. Notou-se, na maioria dos relatos, tanto nas entrevistas quanto durante os encontros semanais, que os participantes da equipe da escola não acreditavam que apenas dois encontros com cada aluno participante da IB seriam suficientes para intervir no comportamento de beber. Os professores almejavam que os membros da equipe da UNESP tivessem contato direto com os alunos, evidencia-se que eles não acreditavam poderem, eles próprios, realizar um trabalho eficaz, mas a P5 concluiu sua resposta dizendo que o trabalho teve eficácia.

Quanto **as implicações do curso de formação contínua na prática docente**, eles afirmaram que o curso contribuiu significativamente em suas atividades docentes, pois adquiriram conhecimentos novos que auxiliam no trabalho com os alunos. Agora se sentem mais seguros ao responderem as indagações dos alunos e estes veem os professores participantes do projeto como referências na escola, em se tratando do tema consumo de álcool (e até de outras substâncias e assuntos relacionados a vida afetiva dos alunos).

Ah sim, a teoria tem que ser a base para a prática, porque prática sem teoria fica muito vazia, porque fica muito no "achismo", então quando você tem uma base teórica você pode desenvolver melhor o seu trabalho (P4). (sic)

(O curso) Contribuiu muito para o conhecimento da gente, até para entender um pouco mais, foi super válido, foi uma fase muito boa, a gente gostava. Apesar, de ser mais estudo mesmo, mais teórico. Foi válido também para você

aplicar a pesquisa, foi importante, sem aquilo a gente não conseguiria (P5). (sic)

Com certeza, contribuiu bastante, porque eu tive um contato maior com esses alunos, muitos que são um pouquinho problemáticos, que têm alguns problemas e isso contribuiu bastante. Até pra gente conhecer melhor cada um, a realidade de cada um, a vida de cada um, né? E o porquê se envolve tanto com bebidas e tem essas reações em sala de aula (P3). (sic)

Os professores notaram que a **intervenção breve foi eficaz** e reduziu o consumo de álcool entre alguns alunos, com outros pelo menos não aumentou o consumo, mas o desejo era o de que todos os alunos parassem de beber. A resposta da participante de número seis (P6) aponta um sentimento de frustração, pois de cada 100 apenas, 10 “deu uma freada” no consumo, ou seja, ela acha que esse número é irrisório, mas na verdade ela notou que alguns alunos realmente diminuíram ou “frearam” o consumo. E ainda atribui como causa do consumo o ambiente familiar.

Pela continuidade da pesquisa a gente percebeu que sim (que teve eficácia), parece que sim, eles (os alunos) ficaram mais alertas, eles pensavam mais antes de beber, alguns passaram de um beber mais pesado para um beber mais moderado, isso eu percebi (P4). (sic)

Acho que teve (eficácia) porque eles respondiam que diminuíram. Até achava que não ia acontecer, mas eles passaram pra gente que foi importante (P5). (sic)

Honestamente, (o consumo continua) a mesma coisa, só chamou a atenção deles, se pegarmos 100 crianças, umas 10 deu uma freada, ou pensou, ou parou, o próprio ambiente, o pai pede pra ir comprar pinga, cerveja. É comum o pai dar para experimentar, a família traz pra dentro da casa, é comum o pai trazer, é comum a mãe beber, eu senti isso, é do universo familiar (P6). (sic)

Um aspecto relevante foi **a cooperação existente entre os participantes da equipe**, os sete professores se ajudaram em todas as etapas da pesquisa. Na entrevista, salientaram o companheirismo e a amizade que envolveu toda a equipe. Um exemplo desse comportamento está em que, tendo, uma das professoras se afastado por cerca de 15 dias das atividades profissionais em razão da cirurgia do filho, a situação mobilizou os demais

membros da equipe da escola a se organizarem de tal forma que fizessem a parte que cabia a professora que se afastou. Era nítido, nos encontros, que todos se importavam e se comoviam com o problema da colega.

Sim, isso foi muito positivo, o grupo todo se uniu, dividiu, colaborou, quem tem mais facilidade com computador colaborava com o restante do pessoal, quem tem mais contato com algum aluno se oferecia pra fazer com ele, isso acredito que favoreceu muito o trabalho, foi positivo (P7). (sic)

Os participantes afirmaram que aumentou a intimidade no **relacionamento com os alunos**. A maioria dos participantes da equipe da escola já tinha bom relacionamento com os alunos. Observou-se que o vínculo positivo foi um dos motivos para que se prontificassem a participar do desenvolvimento do projeto.

Parece que tem uma intimidade maior, uma coisa fora, não vê mais só como professora, às vezes no corredor eles comentam alguma coisa, eles falam da família, se abrem mesmo (P2). (sic)

Como a gente já falava alguma coisa em sala, alguns desinibiram sim. Não ficou com tanta vergonha. Quando chegava com a segunda ou a terceira parte do projeto eles falavam "é do projeto? Dá aqui que a gente faz" (P6). (sic)

Surpreenderam-se, também, com o fato de que muitos alunos faziam uso excessivo de bebidas alcoólicas. **Chamou-lhes a atenção** a quantidade e a frequência com que os alunos consomem álcool.

Fiquei chocada com o tipo de bebida, a quantidade, os dias, quantas vezes na semana. Tem gente que assiste à sessão da tarde bebendo. Pra mim era sábado, sexta-feira à noite, numa festinha só e mais nada (P2). (sic)

Em relação aos alunos, eu não sabia que tantos alunos, principalmente de primeiro ano, de 14, 15 anos bebessem tanto. Isso me chamou muito a atenção e com tanta frequência (P4). (sic)

Quando questionados se em algum momento durante o desenvolvimento do projeto **pensaram em desistir**, todos responderam que não.

Ao serem questionados sobre as **dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho**, com exceção de uma participante, todos os demais responderam que não tiveram nenhuma dificuldade. A participante que disse ter dificuldade foi com relação à compreensão dos textos discutidos nos encontros do curso de formação.

(Dificuldade) Só em compreender os primeiros textos. Quanto a interagir com os alunos não. Eu os endeusava (equipe da UNESP). Depois eu vi que é tão igual quanto eu, que ele (o orientador) sabe uma matéria que eu não sei, de um item da vida, e está trocando comigo (P6). (sic)

Às vezes tive um pouco de dificuldade até pegar o jeito nas primeiras entrevistas, ficava um pouco acanhada. De repente achava que não vai fazer corretamente, mas também tivemos a ajuda de vocês sempre junto, facilitou bastante (P5). (sic)

O **uso do computador** pelos membros da equipe da escola foi uma dificuldade sentida mais pela equipe da UNESP do que pela equipe da escola, pois em todos os momentos do desenvolvimento do projeto que havia a necessidade do uso do computador, um membro da equipe da UNESP ficava ao lado do membro da equipe da escola auxiliando-o a realizar tal tarefa. Alguns dispensavam o auxílio depois de poucas orientações, outros reclamavam justificando que não tinham prática com o computador. Portanto, quando questionados se o uso do computador foi uma dificuldade enfrentada, todos, exceto uma professora, responderam que não enfrentaram dificuldades ao precisarem fazer uso do computador. Apenas uma professora admitiu ter tido um pouco de dificuldades e outra assumiu não saber e não ter aprendido informática (P6).

Não (tive dificuldade), a parte mais difícil foram aqueles cálculos, gráficos, mas vocês estavam sempre com a gente pra orientar (P5). (sic)

Claro! Não sei mexer nesse bicho (P6). (sic)

Quanto a estarem **seguros para realizar outras pesquisas** e quanto a **se sentirem pesquisadores**, todos dizem estar mais preparados, mas esperam ainda um apoio externo, como o de uma equipe da universidade.

Totalmente segura não, tinha que estudar mais um pouquinho. (Se fosse pra você realizar uma pesquisa pra sanar uma curiosidade?) Sim, de realizar, de participar não tenho medo. Preciso estudar mais, a dificuldade um pouco maior eu acredito, até comentamos isso ontem depois que vocês foram embora, o professor Raul vinha nas reuniões de terça com uma proposta e a gente quebrava a proposta dele, a gente falava de outras coisas, também produtivas. A gente precisava ter mais tempo pra isso, a escola toma um pouco do nosso tempo, precisava de mais tempo pra estudo (P2). (sic)

Ao final da entrevista foi pedido que dessem suas **críticas ou sugestões referentes ao projeto**. Nesse momento os membros da equipe da escola colocaram suas opiniões relacionadas ao trabalho realizado. As respostas coincidiram em se tratando da necessidade de os alunos continuarem a ser acompanhados, mas por profissionais externos à escola. As respostas indicam que ainda não se veem capazes de fazer esse acompanhamento, parece que ainda são inseguros quanto aos conhecimentos que obtiveram durante o curso e o desenvolvimento da pesquisa. O acompanhamento e as palestras são citados como importantes na visão deles, mas devem ser feitos por outros profissionais. Há a crença de que o trabalho de profissionais externos à escola surte mais efeito do que o deles que conhecem e possuem vínculos com os alunos.

Faltou um acompanhamento que eu to falando e mais estudos, acho que foi pouco tempo de encontro, porque é uma coisa muito ampla, muitos dados, muitas coisas. Por mais que o professor Raul (Orientador da pesquisa) vem com uma proposta, tem as outras pessoas com um jornal, uma revista, com outros dados novos. Tem muitos dados ali, a gente fica muito metódico. Precisava de mais tempo pra estudar juntos, cada um tem suas vivências, sua rotina diária, é muito rico isso. Precisa de um acompanhamento (com profissionais especializados), ficou muito vago isso. O questionário também podia dar uma mudada, é muito repetitivo, tem algumas questões ali que o aluno mesmo acabou respondendo sem saber (P2). (sic)

Eu acho que, eu não tenho muitas críticas não. Eu acho que a única coisa que demorou um pouquinho foi o retorno para os alunos, acho que a gente deveria ter dado o retorno um pouco mais rápido, porque ficou um pouco distante depois a gente retornar. Agilizar é a única coisa assim. Por exemplo, aqueles alunos que saíram, né? Pra gente é difícil ter o

contato novamente, muitos a gente nem conseguiu. Foi mais isso, porque dentro do trabalho eu acho que foi muito positivo, acho que o que deu pra trabalhar nós trabalhamos, mas acho que tinha que ter um retorno pra eles um pouco mais rápido. E também dar uma continuidade nesse trabalho com eles, com esses alunos que o nível (de álcool no sangue) foi mais alto continuar um outro tipo de trabalho com eles, conversar, fazer uma palestra pra esses alunos. Não simplesmente entregar, olha tá assim, lógico, nós entregamos, conversamos, teve aqueles que se abriram, mas será que não dava pra ter continuidade? Continuar a fazer mais alguma coisa por eles, principalmente pra esses que estão com problemas, pra gente ter certeza depois que realmente tá ajudando. Porque tem aqueles que a gente conversa sempre, tem uma proximidade maior, tem um contato maior, mas as vezes ajudaria mais ainda, continuar pelo menos com esses (P3). (sic)

Quanto às gestoras que participaram no primeiro ano do projeto, elas participaram assiduamente de todas as etapas da pesquisa, mas depois da troca, as gestoras que entraram no segundo ano do projeto não realizaram a pesquisa com os alunos. Elas apenas participavam de algumas das reuniões semanais e costumeiramente tinham algum assunto administrativo da escola para resolver no horário das reuniões. A vice-diretora estava passando por problemas particulares (familiar doente).

Ao final da entrevista todos os participantes da equipe da escola demonstraram interesse em fazer parte de novos projetos com a equipe da UNESP ou em continuar o trabalho sobre consumo de álcool entre os adolescentes, inclusive a diretora e a vice-diretora.

5.3 Análise das gravações dos encontros do curso de formação continuada em serviço e do acompanhamento da pesquisa da equipe da escola

Nos primeiros encontros foram discutidos textos teóricos referentes ao tema *consumo de álcool entre adolescentes* e textos sobre intervenções breves. Os participantes da equipe da escola se organizaram em duplas para estudarem e apresentarem os textos sugeridos pela equipe da UNESP. Os comentários surgidos no decorrer dos primeiros encontros demonstraram certa insegurança por parte da equipe da escola quanto ao papel que eles desempenhariam na pesquisa. Também questionavam se teriam competência para desempenhar a

pesquisa com eficácia. Eles superestimavam a equipe da UNESP e se menosprezavam quanto à capacidade de desenvolver a pesquisa com os alunos. Alguns diziam que não dariam conta, pediam para que algum membro da equipe da UNESP acompanhasse em todas as etapas, o que realmente aconteceu, com exceção da pesquisa realizada com os alunos ingressantes no ano de 2009.

O contato com textos científicos foi novidade entre os integrantes da equipe da escola. Comentavam que os artigos eram difíceis de compreender, pois tinham gráficos e/ou tabelas que não entendiam. As dúvidas e questões colocadas eram sanadas na medida em que surgiam. O coordenador da pesquisa (orientador da presente tese) discorria sobre os pontos salientados por eles. Geralmente surgiam questões referentes a assuntos variados quanto aos comportamentos dos adolescentes, tais como sexualidade, uso de outras drogas, influência da mídia e da família, tipos de tratamento e até sobre a política acerca de álcool e drogas. Também era comum darem exemplos de experiências pessoais ou relatarem exemplos de noticiários, como acidentes automobilísticos com jovens embriagados.

Cada etapa da pesquisa que iriam realizar foi detalhada, cada instrumento foi lido e explicado pela equipe da UNESP. O coordenador do projeto também informava cada passo dado para o envio do projeto à FAPESP. Os participantes da equipe da escola não faziam ideia de como era o processo de envio de um projeto a uma agência de fomento.

Quando o trabalho foi apresentado em congressos nacionais e internacionais, a equipe da escola também era informada sobre o procedimento. Eles faziam comentários a respeito do quanto se sentiam importantes por um trabalho que eles participavam ser divulgado amplamente no campo científico e até em outros países.

Nos encontros sempre surgiam preocupações referentes a como iriam abordar os alunos no momento da intervenção breve. Será que os alunos confiariam neles? Será que os alunos responderiam a verdade? Será que o fato de colocar identificação nos questionários afetaria a veracidade das respostas?

Surgiram, também, dúvidas referentes ao contato "tête-à-tête" que teriam com cada aluno no momento da intervenção breve, se o fato de já possuírem vínculo professor-aluno seria melhor ou pior para falar com os alunos sobre seu padrão de consumo de álcool. Eles temiam que os alunos não se "abrissem" com eles.

E os resultados da entrevista com os participantes da equipe da escola, depois da realização da pesquisa, indicam que tais dúvidas foram sanadas e que se surpreenderam com a forma tranquila com que os alunos responderam aos questionários e entrevistas. Parece que o vínculo já existente foi um fator facilitador que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa.

O fato de demorar vários encontros para terminar a discussão de um texto, muitas vezes, irritava o grupo, mas essa demora era decorrente das dúvidas e discussões realizadas pelo grupo. Eles não percebiam que o aprendizado estava também nas discussões e não só na leitura dos textos. Essa percepção aconteceu posteriormente, na última entrevista, quando vários professores comentaram sobre o quanto foram importantes as discussões durante o curso.

Existia, também, a preocupação, por parte dos professores, se iriam conseguir manter uma postura neutra diante dos alunos que passariam pela intervenção breve, pois foi discutido durante o curso a importância de não julgar e não serem preconceituosos ao abordar os alunos. As inseguranças foram diminuindo na medida em que a pesquisa foi se concretizando. Primeiro foi organizada a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Alguns membros da equipe da escola se prontificaram a serem os responsáveis por recolhe-los. A etapa seguinte foi organizar a aplicação do instrumento do levantamento inicial. Os membros da equipe tentaram organizar uma escala, ficando cada membro responsável por uma sala, mas houve muita confusão nessa tentativa de organização. Acabaram se organizando, finalmente, no momento da aplicação. É interessante notar que, por mais que prevalecesse um clima harmonioso no grupo, as tentativas de dividir as tarefas para cada membro sempre eram problemáticas. Todos queriam ajudar, todos queriam desenvolver alguma atividade, mas a divisão das tarefas levava horas e a equipe da UNESP interferia o mínimo possível, inclusive para dar-lhes a chance de eles mesmos se organizarem com o máximo de autonomia, mas era nítido que esperavam que a decisão final fosse da equipe da UNESP ou que tomasse as decisões por eles.

Quando a equipe da escola iniciou a pesquisa, ou seja, o levantamento inicial, os membros da equipe relatavam seus sentimentos de insegurança que logo foram substituídos pela autonomia. Como um todo, eles acharam a experiência de aplicar os instrumentos do levantamento inicial tranquila. E se surpreenderam com o fato de nenhum aluno ter se recusado a participar.

Enquanto se realizava o levantamento inicial, surge um imprevisto: as escolas estaduais aderiram à greve dos professores, o que impediu que prosseguisse a aplicação do levantamento inicial. A greve aconteceu no final do primeiro semestre e foi imediatamente seguida das férias de julho, o que prolongou a pausa nas atividades. Como não houve tempo para realizar o levantamento inicial em todos os alunos, apenas em poucos, reaplicou-se os instrumentos no início do segundo semestre, inclusive com aqueles que já haviam respondido no final do primeiro semestre e prosseguiu-se com o levantamento em todos os alunos da escola. Como já haviam realizado a coleta com alguns alunos antes da greve, ao retomarem à coleta no segundo semestre, os integrantes da equipe da escola demonstravam sentirem-se mais tranquilos na realização do levantamento inicial ao ponto de, muitas vezes, dispensarem a presença dos membros da equipe da UNESP. As dúvidas agora eram referentes à entrevista com os alunos. Esse momento em que ficariam frente a frente com cada aluno do grupo positivo (que pontuou oito ou mais no AUDIT aplicado no levantamento inicial) gerava uma ansiedade e medo de que não dariam conta de responder às questões dos alunos ou de que não conseguiriam adotar a postura de não julgamento diante das respostas dos alunos.

Foi combinado que realizariam a pesquisa em horários que não correspondessem às suas aulas, para não prejudicar seus trabalhos como docentes, mas a diretora reclamou à equipe da UNESP que alguns professores estavam coletando dados no horário de suas aulas. Por essa razão, o combinado inicial foi retomado, lembrando que a pesquisa é uma atividade complementar às suas funções docentes.

Após a coleta dos dados do levantamento inicial, os dados foram digitados por membros da equipe da UNESP, e os alunos organizados em grupos (grupo geral e grupo de risco). Foi dada à equipe da escola uma lista com a relação dos alunos que participariam da entrevista. Depois das primeiras entrevistas feitas, os professores perceberam que eles davam conta de realizar as entrevistas sem ajuda da equipe da UNESP. Mesmo assim um membro da UNESP sempre acompanhava as atividades de pesquisa da equipe da escola. Tomou-se esse cuidado caso acontecesse algum imprevisto ou algum membro da equipe da escola precisasse de apoio. No ano seguinte (em 2009), não houve esse acompanhamento para que a equipe da escola tivesse autonomia na realização da pesquisa.

Depois de terminarem a aplicação das entrevistas com os alunos, os membros da equipe da escola tinham que preparar o retorno para cada aluno que participaria da IB. Esse retorno consistia em elaborar uma carta contendo o padrão de consumo individual detalhado, com o gráfico do nível de álcool no sangue (NAS) e um folheto explicativo que seria entregue junto com a carta. A elaboração desse retorno foi assessorada pela equipe da UNESP em todos os passos, já que era feito com auxílio do computador.

Alguns professores não dominavam o uso de computador, mas é interessante notar que ao serem questionados na entrevista ao final da pesquisa se foi uma dificuldade trabalhar com computador, apenas uma professora admitiu tal dificuldade. Os demais professores disseram que não houve dificuldade para desenvolver as atividades que exigiam o uso do computador.

5.4 Resultados da pesquisa e da IB realizada pela equipe da escola com os alunos do ensino médio

Considerando que os professores são os profissionais que estão presentes diariamente nas escolas e são referências para os alunos, um dos objetivos deste estudo foi capacitá-los para a aplicação da intervenção breve (IB) pautada no procedimento BASICS. A IB foi realizada com dois grupos de alunos. O primeiro, composto por estudantes das três séries do ensino médio, matriculados no ano de 2008 e, o segundo, pelos ingressantes em 2009, que em sua maioria matricularam-se na primeira série. Ao propormos este delineamento, pretendíamos avaliar, junto ao segundo grupo, se realmente os professores dominaram os procedimentos de identificação de alunos que fazem uso de risco de álcool e a aplicação da IB.

Nesta seção serão apresentados os resultados do levantamento inicial, da entrevista e da IB realizada pela equipe da escola com os alunos.

5.4.1 Resultados do Levantamento Inicial

Apresentam-se os dados relativos aos 479 alunos participantes do levantamento inicial, tais como distribuição por série e período, idade média, nível socioeconômico e familiar do aluno que bebeu ao ponto de causar

problemas no último ano. Nesta seção apresentamos os resultados das questões sobre o AUDIT e "Quantidade e Frequência de Consumo de Álcool – Q_F".

O AUDIT selecionou 67 alunos que pontuaram oito ou mais neste teste, o que representa 14% do grupo. Com a finalidade de se conhecer as características destes alunos, foram feitos cruzamentos da pontuação (0 a 7 pontos e 8 ou mais pontos) por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião.

Os resultados mostram que os alunos pontuando oito ou mais predominam no período noturno ($\chi^2 = 6,56$, $p = 0,01$; Zres. = 2,0), entre os alunos do sexo masculino ($\chi^2 = 8,51$, $p = 0,016$; Zres. = 1,60) e no nível socioeconômico B1 ($\chi^2 = 18,10$, $p = 0,001$; Zres. = 3,0). Religião e ano escolar não apresentaram diferenças significativas (Tabela 7).

Tabela 7 – Frequência e porcentagem do resultado do AUDIT por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião

	0 a 7 pontos		8 ou mais pontos	
	f	%	f	%
Período				
Manhã	292	88,8	37	11,2
Noite	120	80,0	21	20,0
Ano escolar				
1º	152	87,4	22	12,6
2º	142	82,1	31	17,9
3º	118	89,4	14	10,6
Sexo				
Feminino	213	89,9	24	10,1
Masculino	199	82,2	43	17,8
NSE				
D + CE	59	95,2	3	4,8
C1	113	86,3	18	13,7
B2	158	89,3	19	10,7
B1	54	73,0	20	27,0
A1 + A2	24	77,4	7	22,6
Religião				
Católica	198	83,9	38	16,1
Evangélica	114	92,7	9	7,3
Outras	21	77,8	6	22,2
Nenhuma/em branco	79	84,9	14	15,1

O teste que avalia a quantidade e a frequência de consumo de álcool - Q_F (DIMEFF, 2002), contém três variáveis categóricas e uma contínua. As variáveis categóricas foram transformadas para que se minimizasse a presença de células com valores abaixo de cinco (Quadro 1). Realizaram-se dois tipos de

análise. Para as variáveis categóricas, o teste de Qui-Quadrado e, para a contínua, a análise de variância.

Quadro 1 – Valores antigos e novos das variáveis categóricas do teste Q_F

Quantidade de doses			
Valor	Descrição no teste	Código	Descrição nova
0	"0 doses"	0	Não beber
1 e 2	"1 a 2 doses" e "3 a 4 doses"	1	Beber moderado
3 a 5	"5 a 6 doses", "7 a 8 doses" e "Mais que 8 doses"	2	Beber excessivo
Frequência de beber			
Valor	Descrição no teste	Código	Descrição nova
0	"Não bebi"	0	Não beber
1 e 2	"Aproximadamente uma vez por mês" e "2 a 3 vezes por mês"	1	Beber até 3 vezes ao mês
3 a 6	"1 ou 2 vezes por semana", "3 a 4 vezes por semana", "Quase todos os dias" e "Uma vez por dia ou mais"	2	Beber 1 vez por semana ou mais

Os resultados dos cruzamentos da variável "Quantidade", com a nova codificação, por pontuação no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião mostram que, entre os que pontuaram oito ou mais no AUDIT, 61,2% apresentam beber excessivo ($\chi^2 = 133,08$, $p = 0,0001$; Zres. = 11,0). Ocorreram, também, diferenças significativas para sexo, com os rapazes apresentando 31,3% de participantes na categoria "Beber excessivo" ($\chi^2 = 12,33$, $p = 0,02$; Zres. = 2,3); para nível socioeconômico, com 25,7% dos alunos do nível "B1" na categoria "Beber excessivo" ($\chi^2 = 17,24$, $p = 0,028$; Zres. = 3,0). Período, ano escolar e religião não apresentaram diferenças significativas.

Tabela 8 – Frequência e porcentagem de respostas na variável “Quantidade” por resultado no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião

	Não beber		Beber moderado		Beber excessivo	
	f	%	f	%	f	%
Audit						
0 a 7 pontos	275	66,7	116	28,2	21	5,1
8 a 40 pontos	7	10,4	19	28,4	41	61,2
Período						
Manhã	200	60,8	91	27,7	38	11,6
Noite	82	54,7	44	29,3	24	16,0
Ano escolar						
1º	99	56,9	54	31,0	21	12,1
2º	100	57,8	52	30,1	21	12,1
3º	83	77,7	29	37,2	20	17,1
Sexo						
Feminino	145	61,2	74	31,2	18	7,6
Masculino	137	56,6	61	25,2	44	31,3
NSE						
D + CE	38	59,4	21	32,8	5	7,8
C1	79	59,8	42	31,8	11	8,3
B2	108	60,7	49	27,5	21	11,8
B1	40	54,1	15	20,3	19	25,7
A1 + A2	17	54,8	8	25,8	6	19,4
Religião						
Católica	129	54,7	71	30,1	36	15,3
Evangélica	84	68,3	32	26,0	7	5,7
Outras	17	63,0	6	22,2	4	14,8
Nenhuma/em branco	52	55,9	26	28,0	15	16,1

Os resultados dos cruzamentos da variável “Frequência” mostraram efeito significativo para pontuação no AUDIT, com 47,8% dos que pontuaram oito ou mais ficando na categoria “Beber 1 vez por semana ou mais” ($\chi^2 = 115,97$, $p = 0,02$; Zres. = 9,5), e para religião, com os “Evangélicos” apresentando uma baixa participação na categoria “Beber 1 vez por semana ou mais” ($\chi^2 = 12,64$, $p = 0,049$; Zres. = 1,6). As demais variáveis não apresentaram diferenças significativas (Tabela 9).

A variável “Consumo médio em finais de semana” não será apresentada em razão de muitos alunos não conseguirem relatar adequadamente este consumo.

Tabela 9 – Frequência e porcentagem de respostas na variável “Frequência” por resultado no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião

	Não beber		Beber até 3x mês		Beber 1x sem. ou +	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Audit						
0 a 7 pontos	281	68,2	113	27,4	18	4,4
8 a 40 pontos	7	10,4	28	41,8	32	47,8
Período						
Manhã	204	62,0	91	27,7	34	10,3
Noite	84	56,0	50	33,3	16	10,7
Ano escolar						
1º	101	58,0	54	31,0	19	10,9
2º	102	59,0	52	30,1	19	11,0
3º	85	64,4	35	26,5	12	9,1
Sexo						
Feminino	149	62,9	69	29,1	19	8,0
Masculino	139	57,4	72	29,8	31	12,8
NSE						
D + CE	42	65,6	18	28,1	4	6,2
C1	78	59,1	41	31,1	13	9,8
B2	111	62,4	51	28,7	16	9,0
B1	38	51,4	23	31,1	13	17,6
A1 + A2	19	61,3	8	25,8	4	12,9
Religião						
Católica	129	54,7	76	32,2	31	13,1
Evangélica	86	69,9	30	24,4	7	5,7
Outras	20	74,1	4	14,8	3	11,1
Nenhuma/em branco	53	57,0	31	33,3	9	9,7

A análise do beber se embriagando (*Binge drinking*) foi realizada somente com os 87 sujeitos que apresentaram este padrão de consumo, que representa 18,2% do grupo de alunos. Resultados mostraram efeito significativo somente para pontuação do AUDIT, com os que pontuaram oito ou mais apresentando a média de 3,91 episódios de beber se embriagando no último mês (Tabela 10).

Tabela 10 – Média, desvio padrão e “p” do número de eventos de beber se embriagando por pontuação no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião

	Média	DP	P
Audit			0,005
0 a 7 pontos	1,95	1,46	
8 a 40 pontos	3,91	2,28	
Período			0,634
Manhã	2,83	2,44	
Noite	3,06	1,56	
Ano escolar			0,721
1º	2,89	2,11	
2º	2,75	2,08	
3º	3,21	2,30	
Sexo			0,452
Feminino	2,70	2,17	
Masculino	3,06	2,13	
NSE			0,06
D + CE	2,17	1,52	
C1	2,33	1,37	
B2	2,88	2,07	
B1	4,00	2,79	
A1 + A2	3,00	2,34	
Religião			0,585
Católica	2,89	2,34	
Evangélica	2,40	1,64	
Outras	4,33	1,52	
Nenhuma/em branco	3,06	1,79	

5.4.2 Resultados da Entrevista

A partir da constituição do grupo de risco foram sorteados, entre todos os alunos, independente da pontuação no AUDIT, o grupo geral, que ficou formado por 71 participantes (45 rapazes e 26 moças). No total, o grupo que foi entrevistado ficou composto por 141 alunos. Os resultados são apresentados por cada um dos três testes aplicados na entrevista: Quantidade e Frequência, Perfil Breve do Bebedor e o EDA.

5.4.2.1 Resultados do teste Quantidade e Frequência – Q_F

Por ocasião da aplicação da entrevista, dois alunos do Grupo de Risco foram retirados. Um por ter pedido transferência para outra escola e o outro por verificar-se que ele havia preenchido o levantamento inicial com informações

irreais, retirando-o do quadro de usuários de bebidas alcoólicas. Desta forma, o Grupo de Risco passou a contar com 68 participantes.

As análises das questões deste teste foram realizadas como no levantamento inicial, as variáveis deste instrumento foram condensadas para minimizar a ocorrência de células com frequência menor do que cinco. A codificação encontra-se do quadro 1. Os resultados são semelhantes aos encontrados no levantamento inicial (Tabela 7), com os participantes do Grupo de Risco apresentando maior porcentagem de sujeitos nas categorias "Beber excessivo" e "Beber uma vez por semana ou mais" (Tabela 11).

Tabela 11 – Frequência e porcentagem das respostas das questões sobre quantidade e frequência de beber do teste Q_F por grupos

	Grupo Geral		Grupo de Risco	
	f	%	f	%
Quantidade				
Não beber	51	81,0	12	19,0
Beber moderado	14	32,6	29	67,4
Beber excessivo	6	18,2	27	81,8
Frequência				
Não beber	48	82,8	10	17,2
Beber até 3 vezes ao mês	19	32,8	39	67,2
Beber 1 vez por semana ou mais	4	17,4	19	82,6

A análise de variância da questão sobre beber se embriagando mostra que mesmo entre os participantes do Grupo Geral quando tem este comportamento, ele também é elevado, não mostrando diferença significativa com o Grupo de Risco (Tabela 12).

Tabela 12 – Média, desvio padrão e "p" do número de eventos de beber se embriagando por grupo

	Média	DP	P
Grupo Geral	2,67	1,21	0,796
Grupo Risco	3,03	3,32	

5.4.2.2 Resultados do teste Perfil Breve do Bebedor

Este teste procura avaliar o consumo dos participantes dia a dia e é aplicado somente naqueles que respondem, na questão nº2 do teste Q_F, a partir da opção nº 3 (Beber 1 ou 2 vezes por semana). A razão desta limitação deve-se ao fato de este teste avaliar o padrão dos sujeitos que bebem pelos menos uma vez por semana. São três medidas realizadas no teste: a primeira corresponde ao tipo de bebida consumida, a segunda ao número total de doses consumidas na semana, e a última ao tempo gasto bebendo. A primeira será descrita em termos de frequência e porcentagem e às duas últimas será aplicada uma análise de variância.

A partir do cálculo da frequência de beber por dia da semana, verificou-se que de segunda-feira a quarta-feira as ocorrências foram menores que cinco ou não ocorreram. Os dias em que os participantes mais bebem são sexta-feira e sábado, seguido de domingo. A partir desta constatação, apresenta-se o tipo de bebida consumida por dia da semana e grupo na tabela 13. Observa-se que a bebida mais consumida é a cerveja, seguida de destilados.

Tabela 13 – Frequência e porcentagem do tipo de bebida por grupo de dia da semana

	Grupo Geral						Grupo Risco					
	6ª feira		Sábado		Domingo		6ª feira		Sábado		Domingo	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Nenhuma	68	60,7	65	62,5	69	54,3	44	39,3	39	37,5	58	45,7
Cerveja	1	5,9	2	9,5	2	22,2	16	94,1	19	90,5	7	77,8
Vinho	0	0,0	1	50,0	0	0,0	1	100,0	1	50,0	1	100,0
Destilado	0	0,0	2	40,0	0	0,0	3	100,0	3	60,0	1	100,0
Batida	1	50,0	0	0,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0	0	0,0
Cerveja + destilado	1	33,3	1	16,7	0	0,0	2	66,7	5	83,3	1	100,0
Cerveja + vinho	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0	0	0,0
Outras	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0

Resultados da análise de variância mostram diferença significativa entre os dois grupos, tanto para o número de doses consumidas na semana ($F_{1,137} = 20,500$, $p = 0,0001$) como o tempo gasto para consumi-las ($F_{1,137} = 14,781$, $p = 0,0001$). O grupo geral consome, em média, 0,76 doses por semana (DP = 2,81) e o grupo de risco 5,66 (DP = 8,65). O tempo médio gasto para beber pelo

grupo geral é de 31,97 minutos (DP = 155,39) e o do grupo de risco é de 210,12 minutos (DP = 356,74).

5.4.2.3 Resultados do EDA

Em sequência ao levantamento do consumo de bebidas alcoólicas, procurou-se avaliar a existência de dependentes. Para tanto, utilizou-se a escala "Alcohol Dependence Scale – ADS" (SKINNER & HORN, 1984), que avalia a gravidade dos sintomas de dependência de álcool. Jorge e Masur (1986), com pacientes hospitalizados, utilizaram as seguintes pontuações: a) Comprometimento baixo: 1 a 13; b) Comprometimento moderado: 14 a 21; c) Comprometimento substancial: 22 a 30; e d) Comprometimento severo: 31 a 47 (Considera-se pontuação igual a zero como nenhum comprometimento). Por sua vez, o National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (2009) recomenda a nota de corte nove, pontuação esta que SIMÃO et al. (2008) utilizaram entre estudantes universitários.

Os resultados mostram a existência de 33 alunos no grupo de comprometimento baixo, sendo seis deles no grupo geral. Estes últimos alunos são aqueles que pontuaram até sete no AUDIT ou são aqueles que pertencem aos dois grupos. Os três alunos que apresentam comprometimento moderado pertencem ao grupo de risco, assim como o único na categoria "Comprometimento moderado". Usando-se a classificação do NIAAA, encontram-se nove alunos positivos, sendo que dois deles pertencem ao grupo geral, mas fazem parte, também, do grupo de risco (Tabela 14).

Tabela 14 - Frequência e percentagem dos participantes no teste EDA por grupos

	Grupo Geral		Grupo Risco	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Nota de corte Jorge e Masur				
Nenhum comprometimento: 0	64	63,4	37	36,6
Comprometimento baixo: 1 a 13	6	18,2	27	81,8
Comprometimento moderado: 14 a 21	1	25,0	3	75,0
Comprometimento substancial: 22 a 30	0	0,0	1	100,0
Nota de corte do NIAAA				
Negativos: 0 a 8	69	53,1	61	46,9
Positivos: 9 a 47	2	22,2	7	77,8

5.4.3 Resultados da intervenção breve

A intervenção breve foi aplicada de acordo com o planejado: o aluno era convidado, em sala de aula, para ir com o professor a uma sala destinada a este fim e, após uma introdução, iniciava-se a intervenção propriamente dita, mostrando uma descrição detalhada com os resultados do levantamento inicial e entrevista (APÊNDICE E e APÊNDICE F). Nesta descrição, constam o padrão de beber do aluno e um gráfico no qual é apresentado o nível de consumo de álcool. Inicia-se uma conversa sobre o padrão de consumo do aluno e, ao mesmo tempo, entrega-se um folheto com dicas e explicações sobre o consumo de álcool (APÊNDICE G). Os riscos atuais e futuros do consumo excessivo de bebidas alcoólicas são enfatizados. Esta conversa transcorre em um clima não confrontacional e, após esclarecer todas as dúvidas do aluno, encerra-se a sessão comentando que futuramente ele será convidado para uma nova entrevista.

Tanto nas primeiras intervenções, realizadas por professores da equipe da escola acompanhados de um membro da equipe da UNESP, como as seguintes, somente com os professores, os alunos relataram ao final do encontro ter gostado das recomendações e que pretendiam segui-las.

5.4.4 Resultados dos seguimentos

Nesta seção são apresentadas as análises comparativas dos dados provenientes dos instrumentos Quantidade e Frequência - Q_F, Perfil Breve do Bebedor e do AUDIT coletados por ocasião da entrevista e dos seguimentos de quatro e nove meses. Os resultados são apresentados por instrumento de coleta.

5.4.4.1 Resultados do seguimento nº 1 (4 meses após a IB)

Inicialmente são apresentadas as análises realizadas para três medidas originadas do instrumento Quantidade e Frequência - Q_F. A quarta medida, média de beber no fim de semana, não foi adequadamente coletada, pois os participantes tinham muitas dúvidas sobre como calcular a quantidade média consumida nos finais de semana. A ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, realizada separadamente para Quantidade, Frequência e *Binge* mostrou os seguintes resultados: a) Quantidade: efeito de tempo ($F_{1,115} = 8,914$ $p < 0,003$) e interação tempo com grupo ($F_{1,115} = 5,410$, $p < 0,022$); b) Frequência: não apresentou efeito significativo para tempo e para interação tempo com grupo; c) *Binge*: praticamente alcançou efeito de tempo ($F_{1,115} = 4,077$, $p < 0,053$) e a interação tempo com grupo ficou próxima de efeito significativo ($F_{1,115} = 3,172$, $p < 0,087$). A inspeção das médias e dos gráficos mostra que o grupo de risco diminuiu de forma significativa a quantidade de beber, manteve a frequência de beber e diminuiu o número de *Binge* próximo de um efeito significativo (Tabela 15, Figuras 1, 2 e 3).

Tabela 15 – Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1

	Grupo Geral				Grupo Risco			
	IB		Seg. 4 m.		IB		Seg. 4 m.	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Quantidade	0,64	1,32	0,55	1,07	2,25	1,70	1,49	1,49
Frequência	0,53	0,92	0,48	0,90	1,85	1,24	1,55	1,44
Binge	0,22	0,82	0,19	0,75	1,19	1,43	0,70	1,23

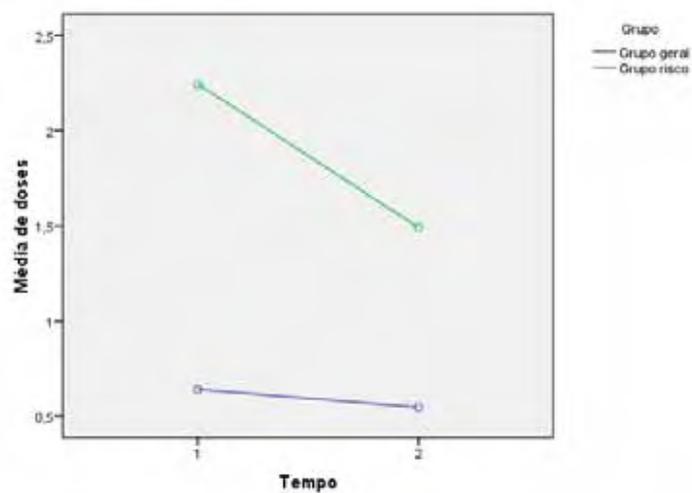


Figura 1 – Quantidade média de doses consumidas por grupos

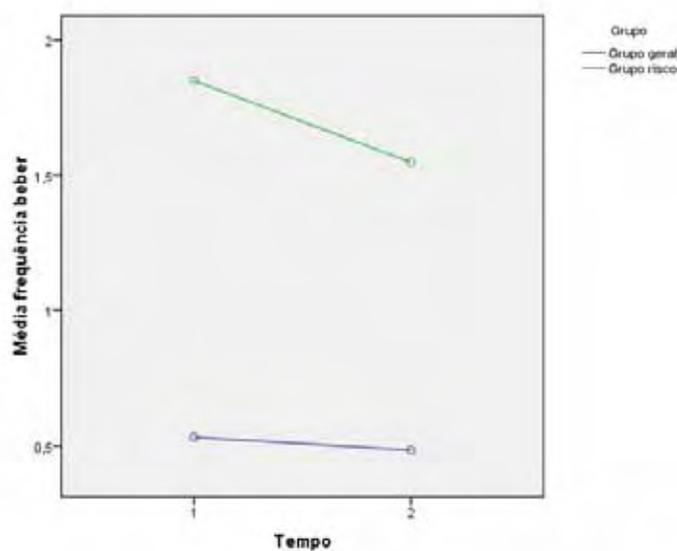


Figura 2 – Frequência média de beber por grupos

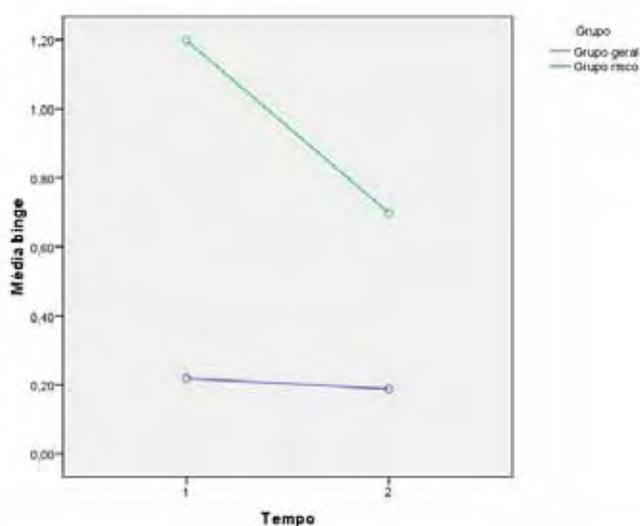
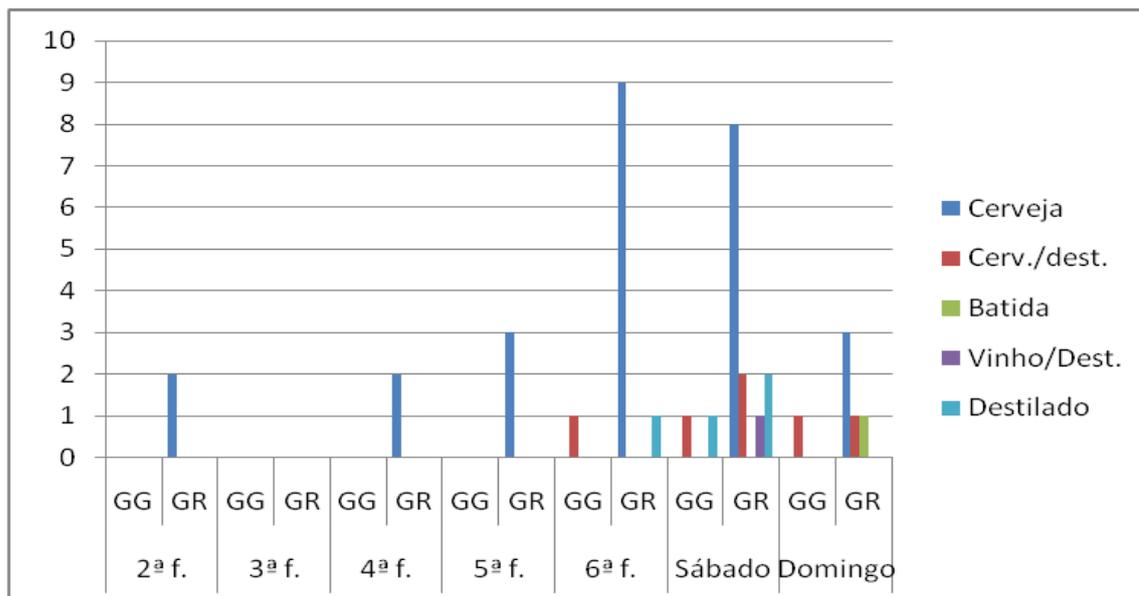


Figura 3 – Padrão *binge* de beber por grupos

O instrumento Perfil Breve do Bebedor detalha a conduta de beber dos participantes que bebem regularmente. Fazem parte deste grupo todos os participantes que assinalam as opções 3, 4, 5 e 6 da segunda questão do instrumento Quantidade e Frequência – Q_F. Estas opções correspondem à frequência de beber de “1 ou 2 vezes por semana” (opção 3) a “Uma vez por dia ou mais” (opção 6). São retiradas as seguintes medidas deste instrumento: os dias da semana em que a pessoa bebe, o tipo de bebida consumida, o total de dias que bebe e o número de doses consumidas.

Dos 117 estudantes que responderam o seguimento de quatro meses, 16 (13,7%) deles responderam este instrumento, sendo que, destes, somente dois são do grupo geral. A bebida mais consumida entre eles é a cerveja, seguida de destilados e combinações de bebidas. Estes adolescentes bebem principalmente no fim de semana (Figura 4).



GG = Grupo Geral; GR = Grupo de risco; Cerv. = Cerveja; Dest. = Destilado

Figura 4 – Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana

Analizamos, também, no Perfil Breve, o número de dias em que se bebe e a quantidade de doses consumidas por dia. A ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, realizada separadamente para número de dias e quantidade de doses, não mostrou efeitos para tempo ou interação tempo com grupo. A inspeção dos gráficos mostra que os participantes do grupo de risco diminuíram o número médio de dias em que consomem bebidas, assim como o número médio de doses consumidas (Figuras 5 e 6).

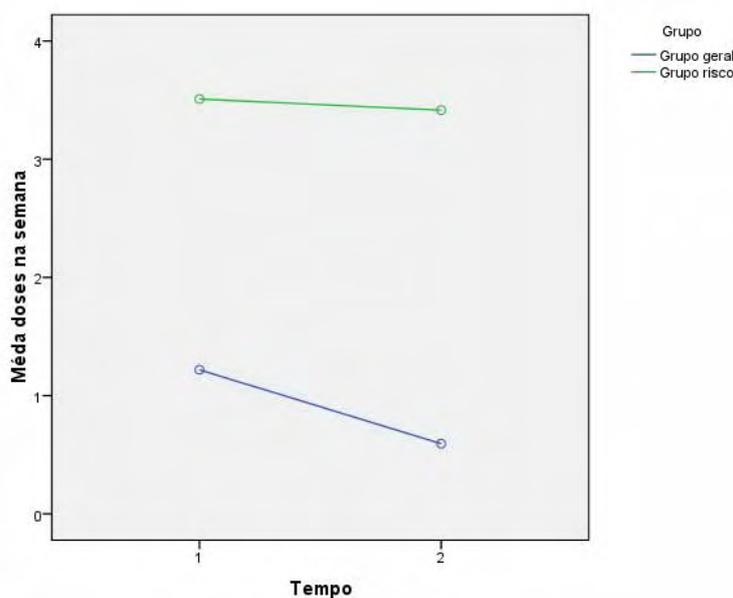


Figura 5 – Média de doses na semana por grupos

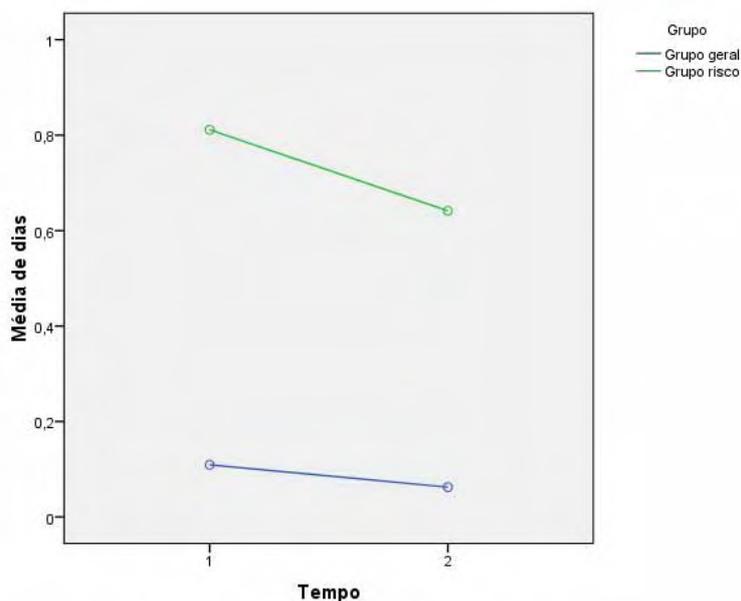


Figura 6 – Média de dias na semana por grupos

O último instrumento, o AUDIT, foi analisado com uma ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, com a pontuação como variável dependente. Resultados mostraram efeitos significantes para tempo ($F_{1,115} = 41,265, p < 0,0001$) e tempo com grupo ($F_{1,115} = 10,532, p < 0,002$) (Figura 7).

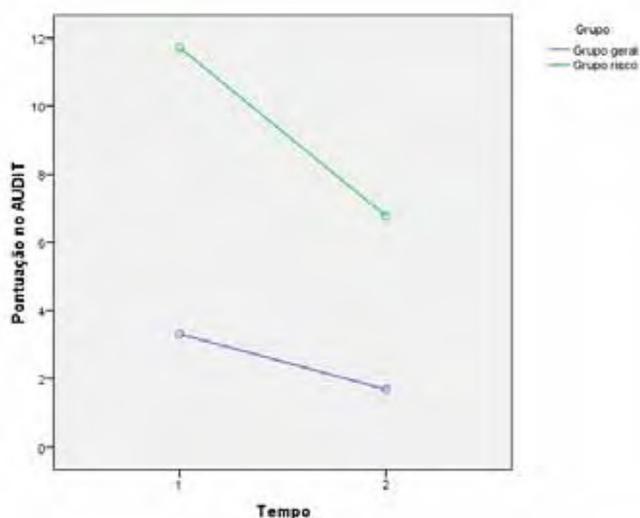


Figura 7 – Pontuação no AUDIT por grupos

5.4.4.2 Resultados do seguimento nº 2 (9 meses após a IB)

O número de participantes neste último seguimento foi reduzido substancialmente, tendo sido localizados apenas 61,2% (N = 85) dos que formaram os dois grupos iniciais. Foi retirado, ainda, um aluno, por ele não ter participado dos dois seguimentos, o que resultou em um grupo de 84 participantes. Embora com um grupo menor, especialmente entre os adolescentes do grupo de risco, foram realizadas as mesmas análises do primeiro seguimento.

As três variáveis do instrumento Quantidade e Frequência - Q_F (Quantidade de doses, frequência de beber e *binge*), foram analisadas separadamente utilizando-se a ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, e apresentaram os seguintes resultados: a) Quantidade: efeito de tempo ($F_{2,82} = 3,756, p < 0,028$) e a interação tempo com grupo próximo de efeito significativo ($F_{2,82} = 2,442, p < 0,090$); b) Frequência: não apresentou efeito significativo para tempo e para interação tempo com grupo; c) *Binge*: efeito de tempo ($F_{2,82} = 4,434, p < 0,018$) e a interação tempo com grupo próximo de efeito significativo ($F_{2,82} = 2,459, p < 0,097$). A inspeção das médias e dos gráficos mostra que o grupo de risco diminuiu de forma próxima ao significativo a quantidade de beber e o número de ocasiões em que realizou *Binge* (Tabela 16, Figuras 8, 9 e 10).

Tabela 16 - Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1 e 2

	Grupo Geral						Grupo Risco					
	IB		Seg. 4 m.		Seg. 9 m.		IB		Seg. 4 m.		Seg. 9 m.	
	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP	Media	DP
Quantidade	0,65	1,31	0,59	0,99	0,55	1,00	2,29	1,70	1,57	1,53	1,77	1,68
Frequência	0,53	0,93	0,55	0,96	0,51	0,79	1,94	1,30	1,66	1,29	1,66	1,23
Binge	0,28	,93	0,16	0,65	0,27	0,86	1,41	1,61	0,69	1,20	0,91	1,33

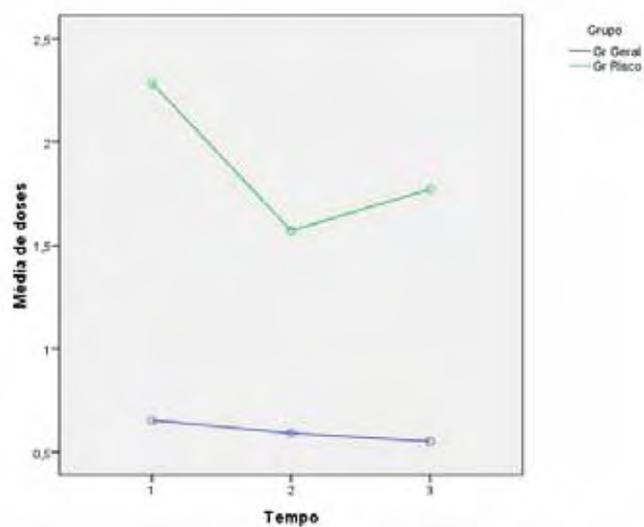


Figura 8 – Quantidade média de doses consumidas por grupos

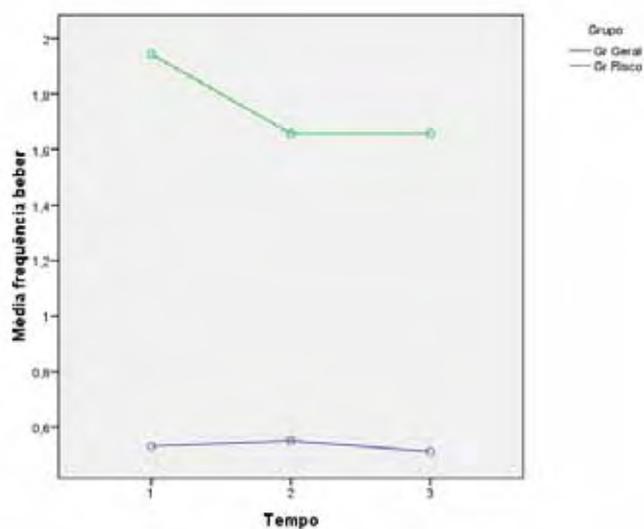


Figura 9 – Frequência média de beber por grupos

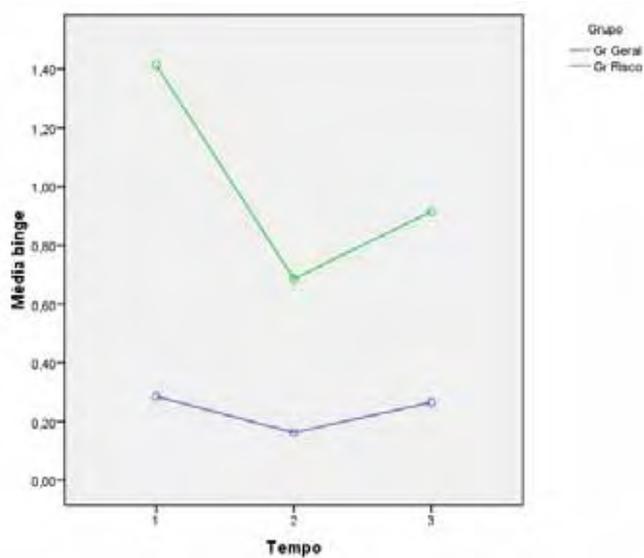
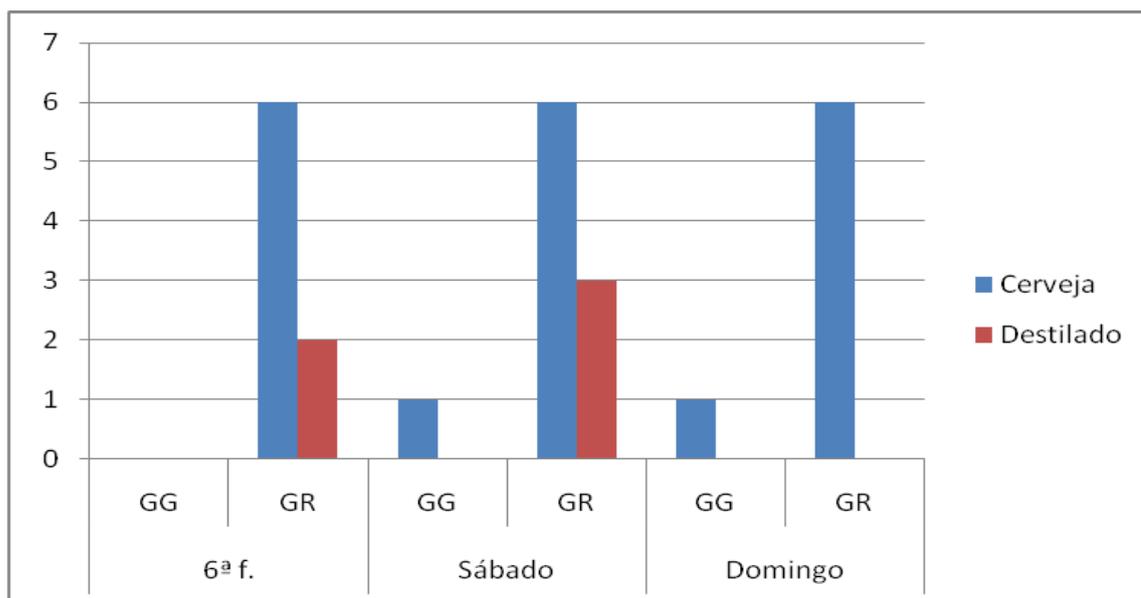


Figura 10 – Padrão *binge* de beber por grupos

Dos 85 estudantes que foram acompanhados no seguimento de nove meses, 13 (15,3%) deles responderam ao instrumento Perfil Breve do Bebedor, sendo que, destes, somente um é do grupo geral. A bebida mais consumida é a cerveja, seguida de destilados. Estes adolescentes bebem principalmente aos finais de semana (Figura 11).



GG = Grupo Geral; GR = Grupo de risco

Figura 11 – Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana

Analisamos, também, no Perfil Breve, o número de dias em que se bebe e a quantidade de doses consumidas por dia. A ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, realizada separadamente para número de dias e quantidade de doses, não mostrou efeitos para tempo ou interação tempo com grupo. A inspeção dos gráficos mostra que os participantes do grupo de risco mantiveram a redução do número médio de dias que consomem bebidas, assim como o número médio de doses consumidas (Figuras 12 e 13).

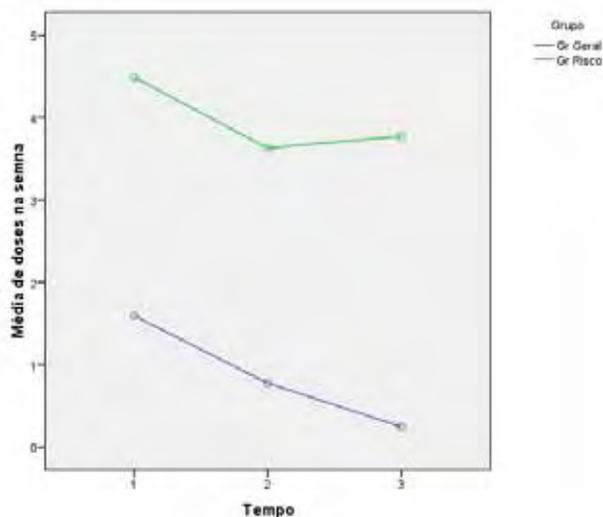


Figura 12 – Média de doses na semana por grupos

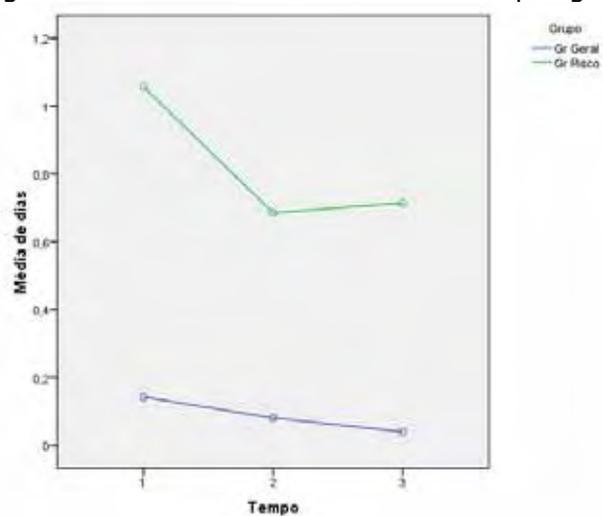


Figura 13 – Média de dias na semana por grupos

O último instrumento, o AUDIT, foi analisado com uma ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, com a pontuação como variável dependente. Resultados mostraram efeitos significantes para tempo ($F_{2,82} = 9,157, p < 0,0001$) e tempo com grupo ($F_{2,82} = 14,992, p < 0,0001$) (Figura 14).

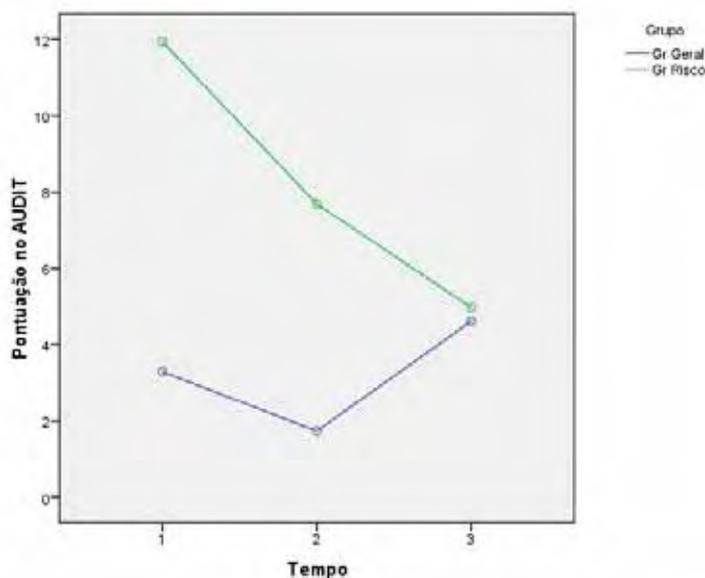


Figura 14 – Pontuação no AUDIT por grupos

5.4.5 Resultados da pesquisa realizada com os alunos ingressantes em 2009

Nesta seção, é apresentada a pesquisa realizada pela equipe da escola com os alunos ingressantes em 2009. O procedimento foi o mesmo realizado com os alunos no ano de 2008. A única diferença é que, nesta etapa, os participantes da equipe da escola tiveram mais autonomia para realizarem a pesquisa com os alunos (183 alunos responderam ao levantamento inicial e 44 participaram da entrevista da IB). E depois de quatro meses, no início do segundo semestre de 2009, foi realizado o seguimento com 37 alunos (apenas estes foram localizados). Os resultados são apresentados por fase da pesquisa e, desta forma, os primeiros se referem ao levantamento inicial, que são seguidos pela entrevista e seguimento de quatro meses.

5.4.5.1 Resultados do levantamento inicial com os alunos ingressantes em 2009

O AUDIT selecionou 19 alunos que pontuaram oito ou mais neste teste, o que representa 10,4% do grupo. Com a finalidade de se conhecer as características destes alunos, foram feitos cruzamentos da pontuação (0 a 7 pontos e 8 ou mais pontos) por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião. Somente o item "período" apresentou efeito significativo, sendo que os alunos que pontuaram oito ou mais predominam no período noturno ($\chi^2 = 12,500$, $p = 0,0001$; $Z_{res.} = 3,2$) (Tabela 17).

Tabela 17 – Frequência e porcentagem do resultado do AUDIT por período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico (NSE) e religião

	0 a 7 pontos		8 ou mais pontos		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Período						
Manhã	153	92,2	13	7,8	166	90,7
Noite	11	64,7	6	35,3	17	9,3
Ano escolar						
1º	156	90,7	16	17,9	172	94,0
2º	3	60,0	2	40,0	5	2,7
3º	5	83,3	1	16,7	6	3,3
Sexo						
Feminino	84	93,3	6	6,7	90	49,2
Masculino	80	86,0	13	14,0	93	50,8
NSE						
D + E	7	100,0	0	0,00	7	3,8
C1 + C2	71	92,2	6	7,8	77	42,1
B1 + B2	82	86,3	13	13,7	95	51,9
A1 + A2	4	100,0	0	0,00	4	2,2
Religião						
Católica	86	87,8	12	12,2	98	53,6
Evangélica	46	95,8	2	4,2	48	26,2
Outras	7	77,8	2	22,2	9	4,9
Nenhuma/em branco	25	89,3	3	10,7	28	15,3

O teste Q_F contém três variáveis categóricas e uma contínua. As variáveis categóricas foram transformadas para se minimizar a presença de células com valores abaixo de cinco (Quadro 1). Realizaram-se dois tipos de análises: para as variáveis categóricas, o teste de Qui-Quadrado e, para a contínua, a análise de variância.

Os resultados dos cruzamentos da variável "Quantidade", com a nova codificação, por pontuação no AUDIT, período, ano escolar, sexo, nível socioeconômico e religião mostram que entre os que pontuaram oito ou mais no AUDIT, 68,4% apresentam beber excessivo ($\chi^2 = 69,057$, $p = 0,0001$; Zres. = 7,3). Ocorreu, também, diferença significativa para período, com 35,3% dos alunos do noturno apresentando beber excessivo ($\chi^2 = 12,009$, $p = 0,02$; Zres. = 2,9) (Tabela 18).

Tabela 18 – Frequência e porcentagem de respostas na variável "Quantidade" por resultado no AUDIT, período, sexo, nível socioeconômico e religião

	Não beber		Beber moderado		Beber excessivo	
	f	%	f	%	f	%
Audit						
0 a 7 pontos	127	77,4	29	17,7	8	4,9
8 a 40 pontos	3	15,8	3	15,8	13	68,4
Período						
Manhã	123	74,1	28	16,9	15	9,0
Noite	7	41,2	4	23,5	6	35,3
Sexo						
Feminino	65	72,2	19	21,1	6	6,7
Masculino	65	69,9	13	14,0	15	16,1
NSE						
D + E	6	85,7	1	14,3	0	0,0
C1 + C2	60	77,9	13	16,9	4	5,2
B1 + B2	62	65,3	16	16,8	17	17,9
A1 + A2	2	50,0	2	50,0	0	0,0
Religião						
Católica	65	66,3	20	20,4	13	13,3
Evangélica	41	85,4	6	12,5	1	2,1
Outras	5	55,6	2	22,2	2	22,2
Nenhuma/em branco	19	67,9	4	14,3	5	17,9

Os resultados dos cruzamentos da variável "Frequência" mostraram efeito significativo para pontuação no AUDIT, com 42,1% dos que pontuaram oito ou mais ficando na categoria "Beber 1 vez por semana ou mais" ($\chi^2 = 41,123$, $p = 0,0001$; Zres. = 4,9) e, para o item "período", com 47,1% dos alunos do período noturno apresentando "Beber até três vezes no mês" ($\chi^2 = 9,226$, $p = 0,01$; Zres. = 2,5) (Tabela 19).

Tabela 19 – Frequência e porcentagem de respostas na variável “Frequência” por resultado no AUDIT, período, sexo, nível socioeconômico e religião

	Não beber		Beber até 3 x mês		Beber 1 x sem ou +	
	f	%	f	%	f	%
Audit						
0 a 7 pontos	127	77,4	29	17,7	8	4,9
8 a 40 pontos	3	15,8	8	42,1	8	42,1
Período						
Manhã	123	74,1	29	17,5	14	8,4
Noite	7	41,2	8	47,1	2	12,5
Sexo						
Feminino	65	72,2	19	21,1	6	6,7
Masculino	65	69,9	18	19,4	10	10,8
NSE						
D + E	6	85,7	1	14,3	0	0,0
C1 + C2	60	77,9	12	15,6	5	6,5
B1 + B2	62	65,3	22	23,2	11	11,6
A1 + A2	2	50,0	2	50,0	0	0,0
Religião						
Católica	65	66,3	24	24,5	9	9,2
Evangélica	41	85,4	6	12,5	1	2,1
Outras	5	55,6	2	22,2	2	22,2
Nenhuma/em branco	19	67,9	5	17,9	4	14,3

A análise do beber se embriagando (*Binge drinking*) foi realizada somente com os 21 sujeitos que apresentaram este padrão de consumo, que representam 11,5% do grupo de alunos. Resultados do teste não apresentaram efeito significativo para pontuação no AUDIT, período e sexo, ainda que, para pontuação no AUDIT, o valor de “p” tenha sido próximo do significativo. Nível socioeconômico e religião não foram analisados porque o número de sujeitos em cada nível foi muito pequeno (Tabela 20).

Tabela 20 – Média, desvio padrão e “p” do número de eventos de beber se embriagando por pontuação no AUDIT, período, período e sexo

	Média	DP	P
Audit			0,065
0 a 7 pontos	2,00	1,00	
8 a 40 pontos	3,00	1,33	
Período			0,764
Manhã	2,59	1,22	
Noite	2,00	1,41	
Sexo			0,514
Feminino	2,62	1,18	
Masculino	2,38	1,32	

5.4.5.2 Resultados da Entrevista com os alunos ingressantes em 2009

Os grupos foram organizados a partir do resultado de cada aluno no AUDIT. O grupo de risco, formado por 19 participantes (13 masculinos e seis femininos), pontuaram oito ou mais no AUDIT. Face ao pequeno número de moças em relação ao de rapazes, optou-se por reduzir a nota de corte para sete no caso das moças, o que aumentou o grupo de risco feminino para oito sujeitos e o total do grupo de risco para 21 participantes. Esta decisão foi tomada no primeiro levantamento (em 2008) em razão do fato de as mulheres serem mais sensíveis aos efeitos do álcool, o que justifica uma nota de corte menor para elas (JONES e JONES, 1976). A partir da constituição do grupo de risco, foram sorteados, entre todos os alunos, independente da pontuação no AUDIT, o grupo geral, que ficou formado por 23 participantes, sendo 15 rapazes e oito moças. Neste grupo geral, foram sorteados três alunos que também fazem parte do grupo de risco. No total, o grupo entrevistado ficou composto por 44 alunos.

As análises das questões do teste Quantidade e Frequência (Q_F) foram realizadas como no levantamento inicial. As variáveis deste instrumento foram condensadas para minimizar a ocorrência de células com frequência menor do que cinco. A codificação é apresentada no quadro 1. Os resultados são semelhantes aos encontrados no levantamento inicial, com os participantes do Grupo de Risco apresentando maior porcentagem de sujeitos nas categorias "Beber excessivo" e "Beber uma vez por semana ou mais" (Tabela 21).

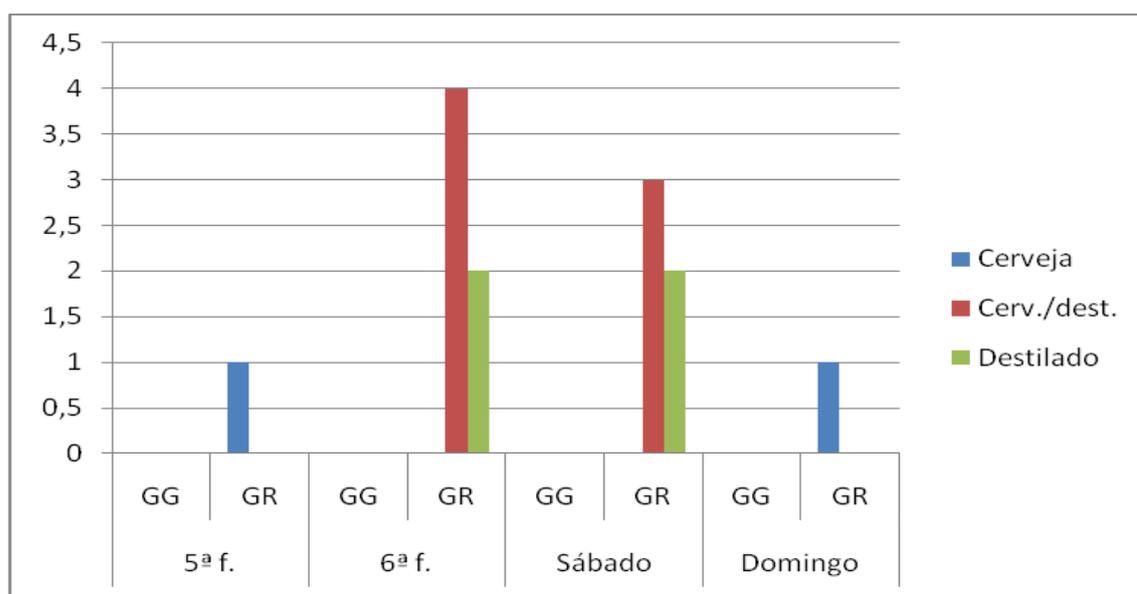
Tabela 21 – Frequência e porcentagem das respostas das questões sobre quantidade e frequência de beber do teste Q_F por grupos

	Grupo Geral		Grupo de Risco	
	f	%	f	%
Quantidade				
Não beber	16	80,0	4	20,0
Beber moderado	7	41,2	10	58,8
Beber excessivo	0	0,0	7	100,0
Frequência				
Não beber	16	80,0	4	80,0
Beber até 3 vezes ao mês	7	38,9	11	61,1
Beber 1 vez por semana ou mais	0	0,0	6	100,0

A análise de variância da questão sobre beber se embriagando mostra efeito significativo ($F_{1,43} = 11,526$, $p < 0,002$), com o grupo de risco apresentando uma média de ocorrências (Média = 1,0; DP = 1,41).

O teste Perfil Breve do Bebedor procura avaliar o consumo dos participantes dia a dia e é aplicado somente àqueles que respondem, na questão nº 2 do teste Q_F, a partir da opção nº 3 (Beber 1 ou 2 vezes por semana). A razão desta limitação se deve ao fato de este teste avaliar o padrão dos sujeitos que bebem pelos menos uma vez por semana. São três medidas realizadas neste teste: a primeira, o tipo de bebida consumida; a segunda, o número total de doses consumidas na semana; e a última, o número de dias em que se bebe. A primeira é descrita em termos de frequência e porcentagem e, às duas últimas, é aplicada análise de variância aos dados. A análise dos dados contínuos (número total de doses e total de dias com ocorrências de beber) não pode ser realizada por conta de grupo geral não apresentar ocorrências e, assim, não haver sentido em realizar uma comparação de médias em que uma delas equivale a zero.

A partir do cálculo da frequência de beber por dia da semana, verificou-se que estes participantes bebem de quinta-feira a domingo, com predominância de cerveja e destilados. O grupo geral não apresenta ocorrências neste teste (Figura 15).



GG = Grupo Geral; GR = Grupo de risco

Figura 15 – Número de participantes que consomem bebidas alcoólicas por tipo de bebida consumida, grupos e dias da semana

Em sequência ao levantamento do consumo de bebidas alcoólicas, procurou-se avaliar a existência de dependentes. Para tanto, utilizou-se a escala "Alcohol Dependence Scale – ADS" (SKINNER & HORN, 1984), que avalia a gravidade dos sintomas de dependência de álcool. Jorge e Masur (1986), com pacientes hospitalizados, utilizaram as seguintes pontuações: a) Comprometimento baixo: 1 a 13; b) Comprometimento moderado: 14 a 21; c) Comprometimento substancial: 22 a 30; e d) Comprometimento severo: 31 a 47 (Considera-se pontuação igual a zero como nenhum comprometimento). Por sua vez, o National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism - NIAAA (1995) recomenda a nota de corte nove, pontuação esta que SIMÃO et al. (2008) utilizaram com estudantes universitários.

Resultados mostram, segundo critério de Jorge e Masur (1986), a existência de 24 alunos com comprometimento baixo, com 70,8% deles pertencendo ao grupo de risco e um com comprometimento moderado, também pertencente ao grupo de risco. Utilizando o critério da NIAAA (2009), foram registrados oito alunos como positivos, sendo que 87,5% deles são do grupo de risco (Tabela 22).

Tabela 22 – Frequência e porcentagem dos participantes no teste EDA por grupos

	Grupo Geral		Grupo Risco	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Nota de corte Jorge e Masur				
Nenhum comprometimento: 0	16	84,2	3	15,8
Comprometimento baixo: 1 a 13	7	29,2	17	70,8
Comprometimento moderado: 14 a 21	0	0,0	1	100,0
Nota de corte do NIAAA				
Negativos: 0 a 8	22	61,1	14	38,9
Positivos: 9 a 47	1	12,5	7	87,5

5.4.5.3 Resultados da intervenção breve com os alunos ingressantes em 2009

A intervenção breve com os alunos ingressantes no ano de 2009 foi realizada da mesma forma que aconteceu em 2008: o aluno era convidado, em sala de aula, para ir com o professor a uma sala destinada a este fim e, após uma introdução, iniciava-se a intervenção propriamente dita, apresentando uma descrição detalhada com os resultados do levantamento inicial e entrevista (APÊNDICE E e APÊNDICE F). Nesta descrição constava o padrão de beber do aluno e um gráfico com o nível de consumo de álcool do sujeito. Conversava-se sobre o padrão de consumo do aluno e, ao mesmo tempo, entregava-se um folheto com dicas e explicações sobre o consumo moderado de álcool (APÊNDICE G). Enfatizava-se, também, os riscos atuais e futuros do consumo excessivo de bebidas alcoólicas. A conversa transcorre em um clima não confrontacional e após o esclarecimento de todas as dúvidas do aluno encerra-se a sessão comentando que ele seria procurado para uma nova entrevista posteriormente.

O aspecto diferencial, nesta etapa, foi que a equipe da escola realizou a intervenção breve com total autonomia, sem a presença de um membro da equipe da UNESP. E tanto nas primeiras intervenções (em 2008), realizadas por professores da equipe da escola acompanhados de um membro da equipe da UNESP, como naquelas em que somente um professor da equipe da escola atuava, os alunos relataram, ao final dos encontros, ter gostado das recomendações e que pretendiam segui-las.

5.4.5.4 Resultados do seguimento com os alunos ingressantes em 2009 (após 4 meses da IB)

Inicialmente são apresentadas as análises realizadas para três medidas originadas do instrumento Quantidade e Frequência – Q_F. A quarta medida - “média de beber no fim de semana” - não foi adequadamente coletada, pois os participantes tinham muitas dúvidas sobre a quantidade média que bebiam nos finais de semana. A ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, realizada separadamente para Quantidade, Frequência e *Binge* mostrou efeito significativo para tempo nas variáveis “Quantidade e Frequência”, bem como efeito praticamente significativo para a variável *Binge*. A

interação tempo com grupo foi significativa para as três variáveis, com os seguintes resultados: a) Quantidade: tempo ($F_{1,35} = 5,178, p < 0,045$), interação tempo por grupo ($F_{1,35} = 6,259, p < 0,031$); b) Frequência: ($F_{1,35} = 5,966, p < 0,020$), interação tempo por grupo ($F_{1,35} = 4,455, p < 0,042$); c) *Binge*: ($F_{1,35} = 3,942, p < 0,055$), interação tempo por grupo ($F_{1,35} = 9,588, p < 0,004$). A inspeção das médias e dos gráficos mostra que o grupo de risco diminuiu de forma significativa a quantidade e a frequência de beber, assim como os episódios de *Binge* (Tabela 23 e Figuras 16, 17 e 18).

Tabela 23- Médias e desvio padrão das variáveis do Q_F por grupos e seguimento 1

	Grupo Geral				Grupo Risco			
	IB		Seguimento		IB		Seguimento	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Quantidade	0,32	0,58	0,37	0,95	2,11	1,71	1,00	1,32
Frequência	0,26	0,45	0,21	0,53	1,67	1,08	0,94	0,99
<i>Binge</i>	0,00	0,00	0,16	0,375	0,89	1,13	0,17	0,51

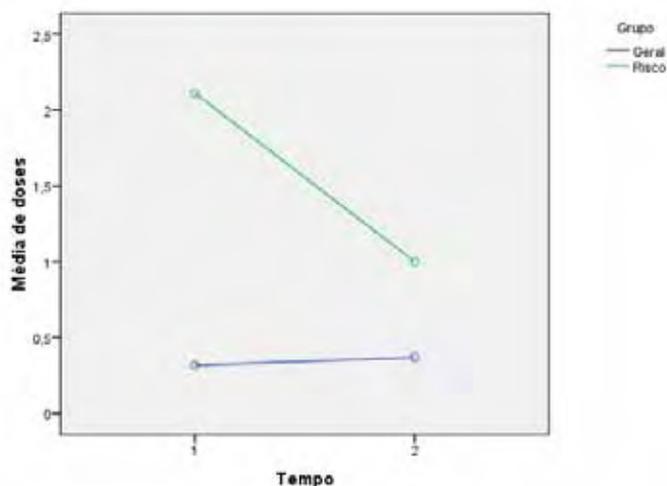


Figura 16 – Quantidade média de doses consumidas por grupos

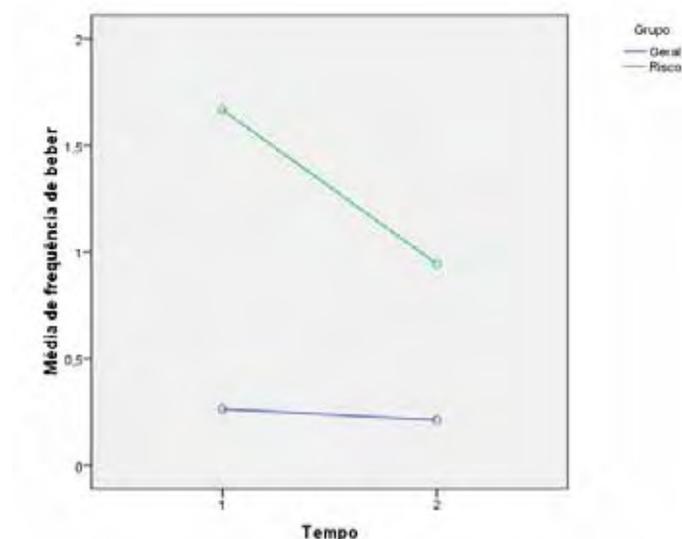


Figura 17 – Frequência média de beber por grupos

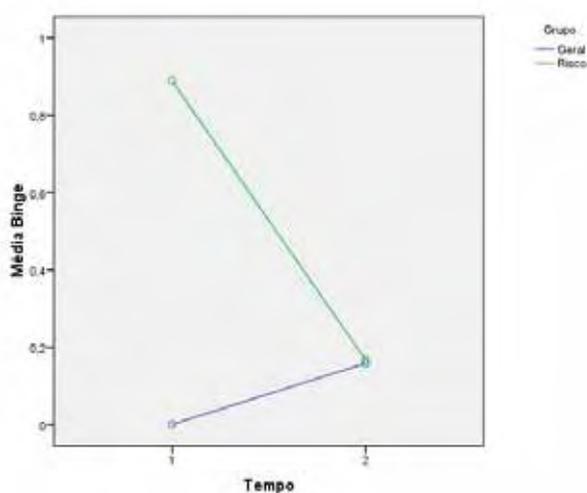


Figura 18 – Padrão *binge* de beber por grupos

O instrumento “Perfil Breve do Bebedor” detalha a conduta de beber dos participantes que bebem regularmente. Fazem parte deste grupo todos os participantes que assinalam as opções 3, 4, 5 e 6, da segunda questão do instrumento Quantidade e Frequência – Q_F. Estas opções correspondem à frequência de beber de “1 ou 2 vezes por semana” (opção 3) a “Uma vez por dia ou mais” (opção 6). São retiradas as seguintes medidas deste instrumento: os dias da semana em que a pessoa bebe, o tipo de bebida consumida, o total de dias em que se bebe e o número de doses consumidas.

Dos 37 estudantes que responderam ao seguimento, somente uma participante foi elegível para responder este instrumento, o que não impediu que

fossem realizadas as análises estatísticas. Esta aluna é do grupo de risco e manteve o seu padrão de beber.

O último instrumento, o AUDIT, foi analisado com uma ANOVA 2 (Grupo) x 2 (Tempo), com grupo entre-sujeitos e tempo intra-sujeitos, com a pontuação como variável dependente. Resultados mostraram efeitos significantes para tempo ($F_{1,35} = 17,107, p < 0,0001$) e tempo com grupo ($F_{2,82} = 18,634, p < 0,0001$) (Figura 19).

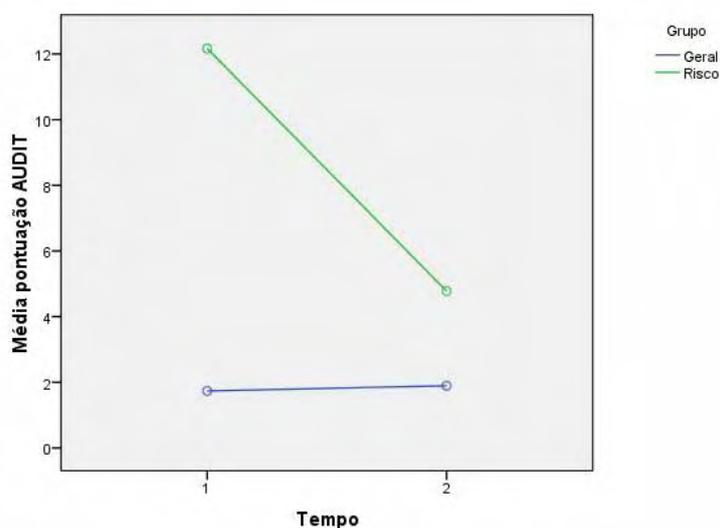


Figura 19 – Pontuação no AUDIT por grupos

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, apresentam-se as considerações referentes aos resultados obtidos na presente tese, primeiramente relacionadas à experiência de formar professores para pesquisa e aplicação de Intervenção Breve (IB) por meio de um curso de formação continuada. Em seguida, são apresentadas algumas considerações sobre os resultados alcançados na pesquisa que os professores realizaram com os alunos do ensino médio.

6.1 Formação continuada

Retomando aos objetivos propostos nesta Tese, buscou-se avaliar as implicações e limitações da formação continuada no local de trabalho no desenvolvimento de uma pesquisa e aplicação de IB para a redução do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio público. Também procurou-se avaliar as implicações e limitações da formação continuada, nas práticas dos professores e no relacionamento escola-universidade (conceito de pesquisa, como se relacionam com as atividades de pesquisa na aplicação da IB e na relação ensino-pesquisa).

Para alcançarmos tais objetivos, tomou-se o cuidado em oferecer um curso teórico e prático. O domínio dos conhecimentos envolveu o estudo de três tópicos: o primeiro, relativo à epidemiologia do uso de bebidas alcoólicas; o segundo, sobre os instrumentos de medidas de consumo de álcool; e o terceiro, sobre a intervenção BASICS (DIMEFF et al., 2002). Combinado ao conhecimento, procurou-se desenvolver habilidades para a aplicação dos instrumentos (levantamento inicial, entrevista e seguimentos) e para a IB. O desenvolvimento de uma IB exige uma postura ética do profissional, como a aceitação incondicional do outro e a não emissão de julgamentos de valor. Assim, após 30 horas de estudos teóricos, deu-se início a parte prática – a pesquisa dos professores com os alunos do ensino médio – sempre com acompanhamento por um membro da equipe da UNESP, tanto na pesquisa de campo quanto na parte teórica-metodológica.

Como trazem Lüdke e Cruz (2005) os cursos de formação de professores

[...] tem sofrido as consequências de um defeito congênito de sua constituição: a separação entre teoria e prática no esforço de formação, colocando, em geral, em posição precedente a teoria, vindo a prática sempre depois, por meio de estágios de duração insuficiente e, sobretudo, de concepção precária (p.85).

Para não correremos esse risco de distanciar a teoria da prática, a equipe da UNESP acompanhou cada etapa da pesquisa realizada pela equipe da escola (professores, diretora e vice-diretora), concomitante ao levantamento inicial e à realização da IB. Os encontros semanais foram úteis como ocasiões para discussão, para tirar dúvidas e para o monitoramento de todos os passos da pesquisa.

Quanto às implicações do curso, pode-se dizer que ele foi um instrumento de reflexão muito eficaz. As discussões acerca do tema, a partir de artigos científicos e de experiências pessoais e profissionais dos integrantes das equipes (da UNESP e da escola) foram profícuas. Prova disto foi o desempenho da equipe da escola na execução da pesquisa.

No início do curso os professores demonstraram insegurança quanto a serem responsáveis por conduzir as discussões dos textos teóricos. No segundo mês essa insegurança foi substituída pela insegurança em realizarem a pesquisa propriamente dita com os alunos.

Depois que o curso terminou e a equipe deu início ao levantamento de dados, aplicando os instrumentos em todos os alunos do ensino médio da escola, a insegurança cedeu lugar para a autonomia da equipe. Muitas vezes eles dispensavam a presença da equipe da UNESP, pois já haviam “pego o jeito”, como alguns deles diziam.

Cabe ressaltar que os participantes que se prontificaram a fazer parte da equipe da escola são profissionais diferenciados. Todos tinham entre 16 e 40 anos de experiência profissional, em pleno exercício docente, sendo que o profissional com menos tempo na escola já computava dois anos de trabalho na mesma. Os demais já trabalhavam lá há mais de oito anos. Esse fato – professores atuando muitos anos na mesma escola – é uma exceção no cenário educacional brasileiro, pois a rede pública de ensino não oferece condições aos profissionais para uma dedicação

exclusiva à escola e à pesquisa, especialmente no ensino médio, nível trabalhado nesta pesquisa, em que os professores, para integralizarem as suas cargas horárias, precisam trabalhar, no mínimo, em duas escolas.

Retomando os resultados das análises das entrevistas realizadas com os profissionais da escola, os relatos afirmaram que nenhum deles teve contato anterior com pesquisa científica e as instituições de ensino superior que se graduaram não incentivaram o seu desenvolvimento. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Lüdke e Cruz (2005), com professores da educação básica e seus formadores. Mesmo sendo professores de uma instituição escolar diferenciada, que oferecia incentivos para a realização de pesquisas, metade deles não desenvolvia. Eles justificavam que não tiveram incentivos durante a graduação, sinalizaram ausência de disciplinas específicas sobre o assunto e a falta de possibilidade de participação em programas de iniciação científica. Ainda nesse estudo de Lüdke e Cruz (2005), notou-se que os formadores de futuros docentes não consideram a prática de pesquisa e a formação para ela como importantes e necessárias para a formação do futuro professor.

Sabe-se que há muitos aspectos envolvidos na questão da presença da pesquisa na graduação e não se pode reduzir à um ou outro fator somente, é uma questão muito complexa que necessita de mais estudos aprofundados.

No presente estudo, o fato de a equipe da escola carecer de experiência anterior com pesquisas fez com que o conceito de pesquisa fosse reduzido a um levantamento ou coleta de dados. Na segunda entrevista, depois de terem concluído a pesquisa e a IB, o conceito ampliou-se um pouco, mesmo aparecendo ainda a ideia de levantamento e coleta de dados, acrescentou-se ao conceito a construção de conhecimento. Contudo, a visão do que significa pesquisa ainda é muito reduzida. Cabe lembrar que não foi foco do presente estudo ampliar e discutir conceitos de pesquisa com os professores, mas pôde-se observar que a participação no curso e o desenvolvimento da pesquisa com os alunos não foram suficientes para que os professores ampliassem a visão geral sobre o que é pesquisa e incorporassem-na em suas práticas docentes diárias. Ou seja, parece que ainda veem a pesquisa como algo distante de suas práticas.

Ao final do projeto, quando questionados se fariam outra pesquisa, eles afirmaram que sim, mas com a condição de receberem apoio de profissionais externos à escola, como aconteceu nesta pesquisa, com pesquisadores de uma universidade.

Temos entendido que a pesquisa pode representar um componente a mais na formação do professor. Ela pode conferir ao professor uma ótima condição para o exercício de uma atividade criativa e crítica, onde há o questionamento, mas, também, a indicação de soluções para os problemas investigados. Mas para isso é preciso superar os obstáculos, sendo um deles a própria formação docente. Como formar profissionais práticos, reflexivos, capazes de analisar, de teorizar sobre suas ações, e, mais do que isso, de pesquisar? (LÜDKE; CRUZ, 2005, p.98).

Na citação anterior, as autoras colocam que a pesquisa é um dos elementos importantes para a prática docente, mas nos deparamos com obstáculos como a formação docente ineficiente. As autoras ainda deixam uma questão profícua para se pensar em como podemos modificar o cenário atual da formação e prática docente. Não foi foco desta Tese investigar ou tratar da questão da formação do professor, mas tal questão é inerente à formação continuada.

Voltando aos dados da primeira entrevista realizada com a equipe da escola, observa-se que a maioria dos professores diz que o principal motivo pelo qual aceitaram participar do projeto foi para tentar ajudar os alunos. Também tinham interesse pelo assunto por motivos pessoais e pelo fato de terem presenciado, em sala de aula, algum aluno que havia consumido álcool e não souberam como agir diante dessa situação. Depois de concluírem a pesquisa, todos afirmaram ter sido uma experiência rica e positiva, em razão de terem adquirido conhecimentos importantes, tanto para a prática profissional quanto para a vida pessoal.

Nenhum dos participantes desistiu ou pensou em desistir (foi uma das questões da segunda entrevista) durante o andamento do projeto, com exceção da diretora e vice-diretora que, por ordem da Secretaria de Educação, foram removidas de escola. Mesmo com a remoção, elas manifestaram desejo em continuar participando do projeto. Isso não aconteceu porque as novas gestoras não concordaram.

Comparando as expectativas iniciais e posteriores, se foram alcançadas ou não, nota-se que os professores tinham interesse em ajudar os alunos, mudando o comportamento de beber deles e que a experiência com a pesquisa ajudasse no trabalho docente. Segundo os professores, tais expectativas foram alcançadas. Porém, outras referentes à IB não corresponderam ao que esperavam, pois acharam que a equipe da UNESP ministraria palestras aos alunos e que houvesse uma continuidade no trabalho com os alunos bebedores de risco depois de finalizada a pesquisa. Uma provável falha do curso foi não ter enfatizado ainda mais a importância do papel que eles (profissionais da escola) desempenham na escola. Mesmo surgindo o sentimento de valorização na equipe da escola, há evidências de que isso não foi suficiente para se sentirem protagonistas neste trabalho.

Provavelmente, a forma como o projeto foi apresentado aos professores foi adequada, pois todos demonstraram saber do que se tratava antes de iniciarem o curso e o trabalho de campo, embora talvez não tenha ficado claro que o papel da equipe da UNESP fosse o de formação e orientação aos professores, para que eles desempenhassem o trabalho de pesquisa e intervenção autonomamente.

Dentre as sugestões que a equipe da escola propôs, o acompanhamento aos alunos que bebem excessivamente por profissionais externos à escola e as palestras informativas também ministradas por profissionais que não são da escola foram as mais citadas, o que demonstra, ainda, uma supervalorização de agentes externos e desvalorização de si próprios. Só foi possível notar esse dado na última entrevista, ao final do projeto. Cabe, como sugestão para trabalhos futuros, enfatizar de forma ostensiva com o grupo a importância do professor no desenvolvimento da pesquisa.

Uma dificuldade que foi sentida mais pela equipe da UNESP do que pela equipe da escola foi o uso do computador. Uma professora nunca tinha usado computadores e algumas faziam uso esporádico e com pouco conhecimento de informática, mas para a pesquisa esse "bloqueio tecnológico" "forçou" alguns a usarem com maior frequência. Além disso, é importante enfatizar que o fato de alguns não "dominarem" o computador estimulou maior cooperação entre os integrantes do grupo da escola.

Aqueles que tinham habilidades em computador auxiliaram os demais que não tinham.

Um ponto positivo observado foi a cooperação entre os membros da equipe da escola. Todos se ajudavam e colaboravam entre si quando necessário. De forma geral, o relacionamento entre os membros do grupo era amigável e respeitoso. Mesmo antes da constituição da equipe da escola, entre os professores já havia um clima de coleguismo. Durante os encontros semanais, esse clima se intensificou e contagiou a equipe da UNESP. Sempre que os integrantes da equipe da UNESP chegavam à escola, eram recebidos com abraços, brincadeiras e muita simpatia pela equipe da escola. Portanto, os encontros se davam em clima descontraído e harmonioso.

O relacionamento dos professores com os alunos antes do início da pesquisa já era positivo. Segundo relato dos próprios professores, depois da realização da pesquisa, esse relacionamento melhorou. Aumentou o número de alunos que tiram dúvidas com os professores sobre diversos assuntos (drogas, sexo, amizade, entre outros assuntos da adolescência) e agora os professores se sentem mais seguros para lidar com tais assuntos.

Foi surpresa para os professores a quantidade e a frequência do beber entre os alunos. Eles não faziam idéia do quanto os alunos bebiam. Contudo, não houve grandes dificuldades, na visão deles, para realizarem a pesquisa.

Pelos relatos da equipe da escola e pelas observações que fizemos, pode-se afirmar que o curso de formação contínua contribuiu significativamente na prática docente dos participantes. As informações anteriores à participação no curso eram de fontes diversas e não científicas (mídia impressa e televisiva). Mesmo não tendo alterado a visão que tinham referente aos fatores que influenciam no comportamento de beber, a família ainda é vista como a principal responsável. Muitos conceitos foram reelaborados como, por exemplo, abordar o assunto sem julgar e que é necessário tocar nesse assunto porque os adolescentes estão bebendo precocemente e em excesso.

6.2 Consumo de álcool entre adolescentes

Os fatores que podem levar uma pessoa a experimentar ou usar algum tipo de substância psicoativa são vários, podendo ser de origem biológica, psicológica, sócio-cultural ou a interação destas. A família certamente exerce influência no estímulo ao uso precoce do álcool, uma vez que, ao introduzir o adolescente ao hábito da bebida, pode potencializar a interação dessas variáveis. Estudos mostraram que o primeiro contato com bebidas alcoólicas ocorre geralmente no lar e em companhia dos pais e com a aprovação deles (ALAVARSE e CARVALHO, 2006; CRUZ, 2006).

Outro fator que contribui para o uso de álcool é o fácil acesso ao produto “proporcionado pelo baixo preço, falta de fiscalização, aceitabilidade da sociedade, publicidade direcionada ao público jovem, condescendência da família e até, muitas vezes, pelo seu estímulo, pode ser responsabilizado por esse alto consumo de álcool em idade cada vez mais precoce” (ALAVARSE e CARVALHO, 2006, p.414).

Com relação aos fatores protetivos, estudos apontam a religião como um fator de proteção para o uso ou não uso de álcool ou outras drogas (DALGALARRONDO et al., 2004; GALDURÓZ et al., 2005; KERR-CORRÊA et al., 2002; PATOCK-PECKHAM et al., 1998; SOLDERA et al., 2004). Cabe dizer que o fato de investigarmos a religião que os alunos declaram ter (mesmo não sendo objeto deste estudo) se justifica como uma informação adicional para compreender o perfil dos adolescentes que usam álcool. Na presente pesquisa, os estudantes que indicaram fazer parte das religiões evangélicas são abstêmios ou fazem uso moderado de álcool. Os que se consideram católicos apresentam padrão de risco maior do que os que se consideram evangélicos. Portanto, ser evangélico é um fator de proteção e não somente o fato da pessoa indicar que possui uma religião já basta para ser protetivo. Lembrando que não foi investigada a aderência à religião, isto é, o número de vezes em que participam de atividades religiosas.

A IB foi eficaz do ponto de vista dos professores, mesmo apresentando o desejo de que “todos” os alunos diminuíssem ou parassem o consumo. Os resultados, tanto no primeiro seguimento (depois de quatro meses da aplicação da IB) quanto no segundo (após nove meses da IB) e no seguimento com os alunos ingressantes em 2009 na escola, confirmaram

a eficácia da IB. Em todos os seguimentos, os dados mostraram que o grupo de risco diminuiu de forma significativa a quantidade de beber, manteve a frequência e diminuiu o número de *Binge*, próximo de um efeito significativo. Ambas as turmas diminuíram, também, o resultado no AUDIT, de forma significativa nos seguimentos. Um diferencial no seguimento com a turma de ingressantes em 2009 (depois de quatro meses da IB) foi que eles também reduziram a frequência (além da quantidade e dos episódios de *binge*). Como hipótese para esse diferencial, coloca-se a menor idade dos ingressantes em 2009 (praticamente todos eram do 1º ano do ensino médio), o que demanda realizar a IB em estudantes dos últimos anos no ensino fundamental (oitavo e nono ano, por exemplo).

O segundo seguimento realizado pela equipe da escola com os alunos, depois de nove meses da IB, foi realizado somente com a turma de 2008, que apresentou efeito próximo do significativo para as interações tempo com grupo nas medidas quantidade e *Binge*. Comparando estas duas variáveis com o primeiro seguimento, nota-se que os alunos aumentaram a quantidade de doses bebidas e as ocasiões de episódios de *Binge*, mas não retornaram ao padrão existente antes da intervenção. Esses estudantes mostraram uma diminuição significativa na pontuação do AUDIT nesse seguimento. O aumento na quantidade e nos episódios de *binge* depois de um intervalo de cinco meses entre o primeiro e o segundo seguimento atenta para realizar sessões esporádicas de entrevista motivacional para talvez manter-se a redução logo após a sessão de IB.

Estes resultados mostram um avanço em relação às pesquisas internacionais desenvolvidas (WERCH et al., 1996; GIL et al., 2004; PELEG et al., 2001; BORSARI e CAREY, 2000). A primeira, de Werch e colegas (1996), relata uma intervenção com adolescentes (idade média de 12,2 anos) de baixa renda de uma escola urbana, em uma grande cidade do sul dos EUA. O procedimento da IB, aplicado no grupo experimental, constituiu-se de uma consulta individual do adolescente com uma enfermeira e mais seis consultas de acompanhamento. Os resultados mostram efeito somente na redução do beber pesado mas, embora não significativo, os participantes do grupo experimental mantiveram o padrão de consumo nas variáveis quantidade e frequência e os do grupo controle aumentaram.

A segunda, de Gil e colegas (2004), utilizando uma IB baseada na linha motivacional e cognitiva-comportamental, trabalharam com alunos de origem afro-americana e hispânica, que haviam cometido infrações legais. Os participantes apresentaram redução do uso de maconha e bebidas alcoólicas no grupo experimental.

A terceira, desenvolvida por Peleg e colegas (2001), com adolescentes estudantes, foi voltada para auxiliar o adolescente a decidir o uso ou não de bebidas alcoólicas. O grupo experimental recebeu, durante três dias, uma intervenção em que foram trabalhados processos sociais, morais e pessoais nos níveis cognitivo, emocional, afetivo e comportamental. Os resultados mostram que após um e dois anos de seguimento, os participantes do grupo experimental permaneceram com o mesmo padrão de beber, enquanto os do grupo controle aumentaram de modo significativo.

A última pesquisa de Borsari e Carey (2000) com uma sessão de IB motivacional com 16 estudantes que faziam uso pesado de álcool (*binge drinkers*), demonstra que houve significativa redução na quantidade (número de doses consumidas por semana), na frequência do consumo (número de vezes que bebeu no último mês) e na frequência do *binge*.

Entre pesquisadores brasileiros, o uso de IB ainda é tímido, mas já tem-se pesquisadores ampliando e demonstrando as vantagens de usá-la (ANDRETTA e OLIVEIRA, 2008; MARTINS, 2006; DIMEFF et al., 2002; FORMIGONI, 1992; SIMÃO et al., 2008; FORMIGONI, 1992; SIMÃO et al., 2008)

Andretta e Oliveira (2008) realizaram estudo fazendo uso de uma sessão apenas de entrevista motivacional (uma das ferramentas da IB) com adolescentes usuários de drogas que cometeram ato infracional. Houve aumento do número de dias de abstinência de maconha e álcool; diminuição da quantidade de uso de álcool, tabaco e maconha; abstinência de cocaína, *crack* e solventes. Houve também diferenças significativas no estágio motivacional da pré-contemplação e nas crenças cognitivas acerca do uso de substâncias. Os dados evidenciaram que, após a entrevista motivacional, houve mudança no consumo de drogas, nos estágios motivacionais e nas crenças cognitivas em adolescentes infratores usuários de drogas.

Na revisão da literatura feita por Marques e Furtado (2004), apresenta-se uma discussão sobre os resultados dos estudos de revisão sistemática e meta-análise que investigaram a efetividade das IBs no Brasil. Enfatiza-se a importância do treinamento de profissionais de saúde e a adoção das IBs nos diferentes contextos assistenciais, considerando sua efetividade comprovada e sua viabilidade econômica.

É consenso entre pesquisadores sobre IBs afirmarem as vantagens em usá-las, mas nenhum deles cita o contexto escolar como campo de aplicação. Cabe salientar que não se encontrou, nos artigos pesquisados e citados no presente estudo, a possibilidade de profissionais da educação realizarem uma IB em instituição escolar de ensino fundamental ou médio.

6.3 Recomendações

Comprovada a eficácia da IB, recomenda-se a adoção da IB como prática na rotina diária nos atendimentos de saúde, no ambiente de trabalho e também no contexto escolar, inclusive porque adolescentes não costumam frequentar serviços de saúde. Desde que os profissionais (tanto da saúde quanto da educação) sejam capacitados adequadamente, é possível desempenhar com sucesso intervenções breves. Um corpo sólido de evidências fornece apoio para a recomendação de sua adoção em diferentes contextos de tratamento, especialmente aqueles voltados para usuários com padrão de consumo de risco ou diagnóstico de uso nocivo, não necessariamente dependentes.

Mesmo com as dificuldades e limitações apontadas no decorrer dessas conclusões, o saldo final foi positivo. Um fator que pode ter contribuído positivamente foi o fato dos professores já possuírem vínculo com os alunos contribuiu de forma positiva no processo de IB, pois os alunos se sentiram mais confortáveis em falar e ouvir seus professores. Prova disso foi que muitos passaram a procurar os professores para conversar sobre questões pessoais, assuntos não somente relativos ao uso de álcool, mas também relacionados a sexualidade ou problemas pessoais/familiares.

Em relação aos instrumentos, o AUDIT (BABOR et al., 1992), mostrou-se adequado para a utilização nesta população, como já haviam mostrado Martins et al. (2008), mas é preciso refinar os instrumentos Quantidade_Frequência e Perfil Breve do Bebedor (DIMEFF et al., 2002) para uma melhor avaliação do padrão de beber de adolescentes. Esta constatação deve-se ao fato de esses estudantes variarem o seu padrão de beber mês a mês, e na medida em que não se tem estudos de acompanhamento longitudinal para comparações, não se pode afirmar que o efeito encontrado foi devido, totalmente, à intervenção, ou devido a efeitos sazonais no beber destes jovens. Na entrevista feita com a equipe da escola, ao final da pesquisa, muitos salientaram a necessidade da adequação deste instrumento para os alunos, pois notaram certa dificuldade por parte dos alunos para responderem.

Assim, conclui-se que o trabalho realizado em conjunto entre uma equipe de pesquisadores de uma universidade e de uma instituição de ensino médio, além de alcançar os objetivos propostos pelo presente projeto, também está abrindo novos caminhos para a reflexão sobre pesquisa na prática docente.

Quanto à formação de professores no local de trabalho pode-se afirmar que essa prática mostrou ser viável. A equipe da escola, formada por sete professores, associada à diretora e vice-diretora, envolveu-se intensamente e de forma responsável no desenvolvimento da pesquisa. Um fator a ser destacado no desenvolvimento desta pesquisa foi o pagamento de bolsas aos professores participantes. Nota-se que esse elemento contribuiu consideravelmente para manter o envolvimento da equipe da escola. A bolsa, para estes professores, foi mais que o dinheiro em si, uma vez que o valor não era muito alto (R\$ 300,00), foi o reconhecimento, de uma importante agência de fomento a pesquisa (FAPESP), de que eles são capazes de desenvolver uma relevante pesquisa.

Contudo, o curso foi eficiente, os professores estão melhor preparados para lidar com questões referentes ao uso de álcool. Porém, o que ficou claro é que dificilmente algum professor vai realizar pesquisa na escola (levantamentos e intervenções breves) sem o incentivo e auxílio de pesquisadores de uma universidade. Eles ainda não têm autonomia

suficiente para pesquisar sozinhos, mas certamente já deram algum passos rumo à pesquisa.

Finalizando, consideramos que tenhamos desenvolvido um conhecimento que permitirá que as escolas possam realizar um trabalho de diagnóstico e intervenção com aqueles alunos que já apresentam conduta de beber de risco e, desta forma, fazer um trabalho preventivo para o uso pesado de bebidas alcoólicas, assim como das demais drogas. Este conhecimento deverá ser sistematizado sob o formato de um livro destinado às equipes de coordenação das escolas com o objetivo de realizem pesquisa semelhante à que foi desenvolvida neste projeto. Além dessa divulgação, necessita-se de novos estudos com padronização de instrumentos para se conhecer melhor o padrão beber em adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ALAVARSE, G. M. A.; CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. *Esc Anna Nery R Enferm*, v. 10, n. 3, 2006, p. 408-416.
- ALMEIDA, P. M.; WICKERHAUSER, H. *O critério ABA/ABIPEME: em busca de uma atualização*. São Paulo: LPM/Burke & Marplan. 1991.
- ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In.: ANDRÉ, M. (Org.) *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. (série prática pedagógica).
- ANDRÉ, M.; SIMÕES, R. H. S.; CARVALHO, J. M. e BRZEZINSKI, I. Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XX, n. 68, p. 301-309, 1999.
- ANDRETTA, I.; OLIVEIRA, M. S. Efeitos da entrevista motivacional em adolescentes infratores. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 25, n.1, p. 45-53, 2008.
- BABOR, T. F. et al. *AUDIT - The alcohol use disorders identification test: guidelines for use in primary health care*. Genebra: World Health Organization/PAHO-92, n. 4, p. 1-29, 1992.
- BELINTANE, C. Por uma ambiência de formação contínua de professores. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 177-193, 2002.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In.: *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Legis Summa, Ribeirão Preto, 1998.
- BORSARI, B.; CAREY, K. B. Effects of a brief motivational intervention with college student drinkers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v.68, n.4, p. 728-733, 2000.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996a.
- _____. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9424 de 24 de dezembro de 1996. Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Brasília, 1996b.
- _____. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de educação Fundamental. *Referenciais para Formação de Professores*. Brasília: MEC, 1999.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Orientações Gerais para Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Ministério da saúde, Secretaria executiva, Secretaria de atenção a Saúde, Coordenação Nacional DST/AIDS. *Política Nacional sobre drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. *Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior*. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/curdiretriz/ed_basica/ed_basdire.doc >. Acesso em: 2 ago. 2007.

BRASÍLIA. *Glossário de álcool e drogas*. Tradução e notas: BERTOLOTE, J. M. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

BRASÍLIA. Secretaria Nacional Antidrogas: Serviço Social da Indústria. *Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho: conhecer para ajudar*. Brasília: SENAD: SESI, 2008.

BUCHER, R.; OLIVEIRA, S. R. M. O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. *Revista de Saúde Pública*, v. 28, n. 2, p. 137-145, 1994.

CARLINI, E. A.; CARLINI-COTRIN, B.; SILVA FILHO, A. R.; BARBOSA, M. T. S. *Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópico em estudantes de 1º e 2º graus, 1989*. São Paulo: CEBRID/Escola Paulista Medicina. 1990.

CARLINI, E.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. I *levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CARLINI, E. (supervisão) [et. al.] *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005*, São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

CARLINI-COTRIN, B.; CARLINI, E. A.; SILVA FILHO, A. R.; BARBOSA, M. T. S. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987. Em: *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde (Série C: Estudos e Projetos 5). p.09-84. 1989.

CARLINI-COTRIN, B.; CARLINI, E. A.; SILVA FILHO, A. R.; BARBOSA, M. T. S. *II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópico por estudantes de 1º e 2º graus*. São Paulo: CEBRID/Escola Paulista de Medicina. 1990.

CRUZ, L. A. N. Uso de álcool e julgamento sócio-moral entre estudantes do ensino médio. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília. 2006.

CRUZ, L. A. N.; MARTINS, R. A.; TEIXEIRA, P. S. Julgamento sócio-moral entre estudantes que fazem uso de bebidas alcoólicas: aceitabilidade,

categorias de justificação e jurisdição de autoridade. *Revista eletrônica de saúde mental álcool e drogas*, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2008a.

DALGALARRONDO, P. et al. Religion and drug use by adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 26, n. 2, p. 82-90, 2004.

DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R.; MARLATT, G. A. *Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos*. São Paulo: Editora da Unesp. 2002.

DUARTE, P. C. A. V.; CARLINI-COTRIM, B. Álcool e violência: estudo dos processos de homicídio julgados nos Tribunais de Júri de Curitiba, PR, entre 1995 e 1998. *Jornal Brasileiro de Dependências Químicas*, v.1, n. 1, p. 17-25, 2000.

FORMIGONI, M. L. O. S. (Coord.) *A intervenção breve na dependência de drogas: a experiência brasileira*. São Paulo: Contexto. 1992.

GALINDO, C. J. Necessidade de formação continuada de professores do 1º ciclo do ensino fundamental. 2007. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista de Araraquara, 2007.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A.; CARLINI, E. A. *I Levantamento Domiciliar Nacional sobre Uso de Drogas Psicotrópicas. Parte A: Estudo Envolvendo as 24 Maiores Cidades do Estado de São Paulo - 1999*. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. 2000.

GALDURÓZ, J.C.F.; ALMEIDA, V.; CARVALHO, V.E.; CARLINI, E.A. *III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras - 1993*. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. 1994.

GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; CARLINI, E.A. *IV Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. 1997.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; FONSECA, A. M.; CARLINI, E. A. *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras - 2004*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2005.

GARRIDO, E. Pesquisa universidade-escola e desenvolvimento profissional do professor. Tese de livre-docência, Faculdade de Educação, São Paulo: USP, 2000.

GATTI, B. A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, p. 191-204, 2003.

GIL, A. G.; WAGNER, E. F. e TUBMAN, J. G. Culturally sensitive substance abuse intervention for Hispanic and African-American adolescents: empirical examples from "Alcohol Treatment Targeting Adolescents in Need" (ATTAIN). *Addiction*, n. 99 (Supl. 2), p. 140-150, 2004.

GOMIDE, P. I. C.; PINSKY, I. A influência da mídia e o uso das drogas na adolescência. In: PINSKY, I; BESSA, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto. 2004.

GOUVEIA, J. P.; RAMALHEIRA, C; ROBALO, M. T.; BORGES, J. C.; ROCHA-ALMEIDA, J. Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). São Paulo (SP): Casa do Psicólogo. 1996.

HAWKINS, J. D.; CATALANO, R. F. & ARTHUR, M. W. Promoting science-based prevention in communities. *Addictive Behaviors*, v. 27, p. 951-76, 2002.

HERTOZOG, C. e ROVINE, M. Repeated-measures analysis of variance in developmental research: selected issues. *Child Development*, v. 56, p. 787-809, 1985.

JESSOR, R; JESSOR, S.L. *Problem behavior and psychosocial development: a longitudinal study of youth*. New York: Academy Press, 1977.

JONES, B. M.; JONES, M. K. Women and alcohol: Intoxication, metabolism and the menstrual cycle. In: GREENBLATT, M; SCHUCKIT, M. A. eds. *Alcoholism Problems in Women and Children*. New York, NY: Grune , Stratton. p. 103-136, 1976.

JORGE, M. R.; MASUR, J. Questionários padronizados para avaliação do grau de severidade da síndrome de dependência do álcool. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.35. n. 5, p. 287-292, 1986.

KANDEL, D.B. ANDREWS, K. Processes of adolescent socialization by parents and peers. *International Journal os the Addictions*, v.22, p. 319-42, 1987.

KEPPEL, G. *Design and analysis. A research handbook*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1973.

KERR-CORRÊA, F.; DALBEN, I.; TRINCA, L.; SIMAO, M. O.; MATTOS, P. F.; CERQUEIRA, A. T. A. R., et al. Levantamento do uso de álcool e de drogas e das condições gerais dos estudantes da UNESP. Vunesp, São Paulo, SP (1998). 2001.

_____. et al. Possíveis fatores de risco para o uso de álcool e drogas em estudantes universitários e colegiais da Unesp. *Jornal Brasileiro de Dependências Químicas*, v. 3. n. 1, p. 32-41, 2002.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I.; ZALESKI, M.; CAETANO, R. *I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola*. Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In.: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOCATELLI, D. P.; OPALEYE, E. S.; SANCHEZ, Z. V. D. M.; NOTO, A. R. Padrão de uso de bebidas alcoólicas de estudantes de escolas particulares de São Paulo: dados preliminares. In: II Congresso da Abramd sobre drogas e dependências, n. 1, 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Local: UFRJ, 2009. CD ROM.

LÜDKE, M. (org.) *O professor e a pesquisa*. Campinas: Papyrus, 2001 (Série prática Pedagógica).

_____; CRUZ, G. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 81-109, 2005.

MARQUES, A.C.P.R.; FURTADO, E.F. Intervenções breves para problemas relacionados ao álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, n.26, p. 30-34, 2004.

MARLATT, G. A. Harm reduction: come as you are. *Addictive Behaviors*, v. 21, n. 6, p. 779-788, 1996.

MARLATT, G.A.; BAER, J.S.; KIVLAHAN, D.R.; DIMEFF, L.A.; LARINER, M.E.; QUIGLEY, L.A.; SOMERS, J.M.; WILLIAMS, E. Harm reduction for alcohol problems: early intervention reduces drinking risks in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 66, p. 604-615, 1998.

MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. A. N. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. In.: *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Org. CASTRO, L. R.; CORREA, J. Rio de Janeiro, NAU Editora: FAPERJ. p. 301-326, 2005.

MARTINS, R. A. Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente. 211 f. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) - Instituto de Biociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2006.

MARTINS, R. A.; CRUZ, L. A. N.; TEIXEIRA, P. S.; MANZATTO, A. J. Padrão de consumo de álcool entre estudantes do ensino médio de uma cidade do interior do estado de São Paulo. *Revista eletrônica de saúde mental álcool e drogas*, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2008a.

MARTINS, R. A.; MANZATTO, A. J.; CRUZ, L. A. N.; POIATE, S. M. G.; SCARIN, A. C. C. F. Utilização do *Alcohol Use Disorders Identification Test* (Audit) para Identificação do Consumo de Álcool entre Estudantes do Ensino Médio. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 42, n.2, p. 307-316, 2008b.

MARTINS, R. A.; CRUZ, L. A. N.; SILVA, I. A. Identificação de estudantes usuários de álcool e outras drogas e aplicação de intervenção breve. In.: PINHO, S.Z. (Org.). *Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação*. 1ª Ed. São Paulo, SP: Editora UNESP, v. 1. 2009a. p. 491-518

MARTINS, R. A.; PARREIRA, G. V.; CRUZ, L. A. N.; SILVA, I. A. Expectativas sobre os efeitos do uso de álcool e padrão de beber em alunos de ensino médio. *Revista eletrônica de saúde mental álcool e drogas*, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2009b.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. C. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagens de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005. p.71-103.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (Org.). *Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R.; REYES, C. R.; MARTUCCI, E. M.; LIMA, E.F.; TANCREDI, R. M. S. P.; MELLO, R. R. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

MIZUKAMI, M. G. N. Programa de melhoria do ensino público da Fapesp: especificidades e contribuições. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.) *Formação de educadores: artes e técnicas, ciências políticas*. São Paulo: editora UNESP, 2006.

MONTEIRO, S.; REBELLO, S.; BRANCO, C. C.; CRUZ, M. *Educação, drogas e saúde: uma experiência com educadores de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde. 2008.

NALDEMAN, E. Drogas: a proibição falou de novo. *Foreign Policy*, n.2, nov/dez,2007 (Edição FP Portugal).

NIAAA - National Institute of Alcohol Abuse and Alcoholism. *Assessing alcohol problems: a guide for clinicians and researches*. NIAAA Treatment Handbook Series 4. 1995.

NOTO, A. R.; BAPTISTA, M. C.; FARIA, S. T; NAPPO, S. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; CARLINI, E. A. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 69-79. 2003.

- NOTO, A. R.; GALDURÓZ, J. C. F.; NAPPO, S.A.; CARLINI, E. A. Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras – 2003. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2004.
- NUNES, D. Teoria, pesquisa e prática em Educação: a formação do professor-pesquisador. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.1, p. 97-107. 2008.
- PATOCK-PECKHAM, J. A. et al. Effect of religion and religiosity on alcohol use in a college student sample. *Drug and Alcohol Dependence*. v. 49. p. 81-88. 1998.
- PELEG, A.; NEUMANN, L.; FRIGER, M.; PELEG, R.; SPERBER, A.D. Outcomes of a brief alcohol abuse prevention program for Israeli high school students. *Journal of Adolescent Health*. v. 28, n. 4, p. 263-269. 2001.
- PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. v. 31, n.3, p. 521-539, 2005.
- PIMENTA, S.G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In.: PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- PINSKY, I. (Org.) *Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil. 2009.
- RAPOSO, M.; MACIEL, D.A. As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 3, p. 309-317, 2005.
- RIBEIRO, T.W.; PERGHER, N.K.; TOROSSIAN, S.D.; Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público, *Psicologia Reflexão Crítica*. vol.11 n.3 Porto Alegre 1998.
- ROBAINA, J. V. L. Drogadição: prevenir ou remediar. *Revista do Professor*, v. 32, p. 24-29, 1992.
- SÃO PAULO, (Estado). Secretaria da Educação. *Escola é vida*. São Paulo. 1996.
- SANTOS, L.C.P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, M. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. (série prática pedagógica).
- SCIVOLETTO, S.; TSUJI, R.K.; ABDO, C.H.N.; QUEIRÓZ, S.; ANDRADE, A.G.; GATTAZ, W.F. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual

de estudantes de 2o grau de São Paulo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 87-94, 1999.

SCHÖN, D. *Educating the reflective practitioner*. Londres: Jossey Bass Publishers, 1987.

SILBER, T.J.; SOUZA, R.P. (1998). Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. *Adolescencia Latinoamericana*, v. 3, n. 1, p. 148-162, 1998.

SILVA, E.F.; PAVANI, R.A.B.; MORAES, M.S.; CHIARAVALLOTTI NETO, F. Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do Município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, v.22, n. 3, p. 1151-1158, 2006.

SIMÃO, M. O.; KERR-CORREA, F.; SMAIRA, S. I.; TRINCA, L. A.; FLORIPES, T. M.F.; DALBEN, I.; MARTINS, R. A.; OLIVEIRA, J. B.; CAVARIANI, M. B.; TUCAOCI, A. M. Prevention of Drinking among Students at a Brazilian University. *Alcohol and Alcoholism (Oxford)*, v.43, p. 470-476, 2008.

SKINNER, H. A. & HORN, J. L. Alcohol dependence scale (ADA). Toronto, Canadá: *Addiction Research Foundation*. 1994.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; CORRÊA FILHO, H.R.; SILVA, C.A.M. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.26, n. 3, p. 174-179, 2004.

SOLDERA, M. et al. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 38, n. 2, p. 277-283, 2004.

SOUZA, D.P.O.; ARECO, K.N.; SILVEIRA FILHO, D.X. Alcohol and alcoholism among Brazilian adolescent public-school students. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 4, p.585-592, 2005.

SOUZA, D. P. O.; MARTINS, D. T. O. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, p. 391-400, 1998.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. In: *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v.35, n. 2, p 150-158, 2001

VIVARTA, V. (Coord.). *Equilíbrio distante: tabaco, álcool e adolescência no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Cortez, v 3. 2003. (Série mídia e mobilização social).

VELHO, G. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: INEM, C.L.; ACSELRAD, G. (Orgs.). *Drogas: uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, p. 274-279, 1993.

WEINFURT, K. P. Multivariate analysis of variance. In: GRIMM, L.G.; YARNOLD, P.R. (Eds.). *Reading and understanding multivariate statistics*. Washington: American Psychological Association. 1996.

WERCH, C. E.; CARLSON, J. M.; PAPPAS, D. M. e DICLEMENTE, C. C. Brief nurse consultations for preventing alcohol use among urban school youth. *The Journal of School Health*, v.66, n.9, p. 335-38, 1996.

WERNER, M.J.; ADGER, H. Early identification, screening, and brief intervention for adolescent alcohol-use. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 149, n. 11, p. 1241-1248, 1995.

WOOD, M.D.; MITCHELL, R.E.; READ, J.P.; BRAND, N.H. Do parents still matter? Parent and peer influences on alcohol involvement among recent high school graduates. *Psychology of Addictive Behaviors*, v.18, n.1, p. 19-30, 2004.

ZUCKER, R. A.; FITZGERALD, H.E.; MOSES, H. D. Emergence of alcohol problems and the several alcoholisms: a developmental perspective os etiological theory and life course trajectory. In.: CICCHETTI, D.; COHEN, D.J. (Ed.) *Developmental psychopathology*. New York: Wiley, v. 2, p. 677-711, 1995.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
"Campus" de São José do Rio Preto

APÊNDICE – A
Roteiro da entrevista realizada com a equipe da escola em 2008

Processo FAPESP nº 2007/04849-0

Nome: _____

Tel.: _____ Idade _____ Sexo _____

Tempo de serviço na área da Educação _____

Tempo de serviço na escola _____

Formação _____

1. O que você entende por pesquisa?
2. Já teve alguma experiência com pesquisa? Quais?
3. Na graduação desenvolveu pesquisa? Havia por parte da faculdade algum incentivo à pesquisa?
4. Por que se prontificou a participar da presente pesquisa?
5. O que sabe sobre a pesquisa que realizaremos?
6. Existem dúvidas quanto à realização da pesquisa? Quais?
7. Quais suas expectativas (objetivos) ao participar dessa pesquisa?
8. O que sabe sobre o assunto: uso de drogas? Onde obteve informações?
9. Você já notou em sala de aula algum aluno alcoolizado ou que tenha usado drogas? O que você fez?
10. A seu ver porque alguns adolescentes iniciam o uso de drogas? E o álcool?



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
"Campus" de São José do Rio Preto

APÊNDICE – B

Roteiro da entrevista realizada com a equipe da escola em 2009

Processo FAPESP nº 2007/04849-0

Nome: _____

No início do projeto fiz perguntas referentes a pesquisas com o tema consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. Agora que a pesquisa está chegando ao fim gostaria de saber como foi essa experiência para você, por isso elenquei algumas questões:

1. Na sua opinião o que é pesquisa?
2. Como foi participar dessa pesquisa?
3. Por que aceitou participar dessa pesquisa?
4. Seus objetivos ou expectativas iniciais foram alcançados ao realizar a pesquisa?
5. O curso sobre consumo de álcool e intervenção breve contribuiu nas suas atividades como professor? Explique.
6. Você acha que essa pesquisa foi importante? Por quê?
7. Enfrentou algum tipo de dificuldade? Quais?
8. O uso do computador foi uma dificuldade enfrentada por você?
9. Houve alguma situação que lhe chamou mais a atenção durante a realização desse trabalho? Se houve, relate qual. (por exemplo, algum comentário ou conduta de algum aluno, ou membro da equipe, ou com você mesmo)
10. Mudou algo no seu relacionamento com os alunos?
11. O que você acha da intervenção breve?
12. Você notou alguma eficácia na realização da intervenção breve entre os alunos?
13. Você teve apoio dos colegas (professores, diretora e vice-diretora)?
14. Em algum momento pensou em desistir de participar do projeto? (se sim, em que momento e por que?)
15. Você se sente seguro(a) ou preparado(a) para realizar outras pesquisas? (sem auxílio externo como da equipe da UNESP)?
16. Você se vê como um pesquisador(a)? Por quê?
17. Quais críticas/sugestões você tem a respeito do trabalho realizado (críticas a equipe da UNESP)?
18. Se essa pesquisa fosse realizada novamente, o que você faria diferente (o que mudaria)?

APÊNDICE – C

Ementa do Curso de formação continuada para professores em serviço sobre uso de substâncias psicoativas entre estudantes e intervenção breve

Componente Curricular: **USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE ESTUDANTES E APLICAÇÃO DE INTERVENÇÃO BREVE**

Semestre/ano: 1º semestre de 2008

Professores: Raul Aragão Martins / Luciana Ap. Nogueira da Cruz

EMENTA

O consumo de drogas, tanto lícitas (álcool e tabaco) quanto ilícitas (crack, cocaína, maconha, drogas sintéticas, entre outras) entre crianças e adolescentes tem sido objeto de preocupação em nossa sociedade nas últimas décadas. Em se tratando do álcool, que é a droga mais usada entre os adolescentes e jovens, ainda há complacência social diante de sua venda e seu uso por menores de 18 anos de idade. Em consequência disso, os danos sociais são alarmantes. Pesquisas de cunho nacional e realizadas na região noroeste do estado de São Paulo indicam a média de 13,5 anos de idade para início de consumo de bebidas alcoólicas. Esse dado alerta para o começo do consumo entre estudantes que estão ainda no ensino fundamental.

OBJETIVOS

- Reconhecer os fatores sócio-culturais que influenciam o uso de SPA;
- Avaliar a situação do uso de álcool e outras drogas entre os estudantes para propor a intervenção a ser realizada;
- Compreender o método BASICS e ser capaz de realizar o trabalho de identificação e intervenção breve com os estudantes quanto ao uso de bebidas alcoólicas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Epidemiologia;
- Características do uso de álcool e de outras drogas entre adolescentes;
- Detecção do uso abusivo de SPA;
- Intervenção breve para casos de uso de risco de álcool
- Entrevista motivacional e Prevenção de recaídas

METODOLOGIA

- Oficinas
- Discussão de textos

AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem será feita mediante análise dos participantes e responsáveis pelo curso. Também usaremos dos seguintes recursos:

- Gravações dos encontros;
- Entrevistas com os professores

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DIMEFF, L. A. et al. *Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos*. São Paulo: Editora Unesp. 2002

MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. A. N. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Org.

CASTRO, L. R.; CORREA, J. Rio de Janeiro, NAU Editora: FAPERJ. p. 301-326, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MARTINS, R. A. Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente. 211 f. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) - Instituto de Biociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2006.

MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.

APÊNDICE – D

Cronograma do curso de formação continuada para os membros da equipe da escola

Data	Atividades	H
08/04/08	Apresentação da programação do curso e das atividades do semestre. Distribuído do material (textos) para as discussões dos futuros encontros.	2
15/04/08	Discussão referente ao texto de MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. A. N. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. <i>Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais</i> . Org. CASTRO, L. R.; CORREA, J. Rio de Janeiro, NAU Editora: FAPERJ. p. 301-326, 2005.	2
22/04/08	Continuação da discussão referente ao texto de MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. A. N. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. <i>Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais</i> . Org. CASTRO, L. R.; CORREA, J. Rio de Janeiro, NAU Editora: FAPERJ. p. 301-326, 2005.	2
29/04/08	Explicação detalhada do instrumento do Levantamento inicial	2
06/05/08	Discussão referente ao capítulo I do método BASICS de DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R. & MARLATT, G. A. <i>Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos</i> . São Paulo: Editora da Unesp. 2002	2
13/05/08	Continuação da discussão referente ao capítulo I do método BASICS de DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R. & MARLATT, G. A. <i>Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos</i> . São Paulo: Editora da Unesp. 2002	2
20/05/08	Discussão referente ao capítulo I do texto de MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. <i>Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.	2
27/05/08	Continuação da discussão referente ao capítulo I do texto de MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. <i>Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. Entrega do material (termos de consentimento livre e esclarecido) aos professores para distribuírem aos alunos)	2
03/06/08	Discussão referente ao capítulo II do texto de MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. <i>Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.	2
10/06/08	Continuação da discussão referente ao capítulo II do texto de MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. <i>Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. Pagamento das bolsas aos professores. Organização da aplicação do levantamento inicial.	2
17/06/08	Continuação da discussão referente ao capítulo II do texto de MILLER, W. R. e ROLLNICK, S. <i>Entrevista Motivacional. Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. Comentários sobre a aplicação do levantamento inicial	2
24/06/08	Discussão referente ao capítulo IV do método BASICS de DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R. & MARLATT, G. A. <i>Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos</i> . São Paulo: Editora da Unesp. 2002	2

01/07/08	Continuação da discussão referente ao capítulo IV do método BASICS de DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R. & MARLATT, G. A. <i>Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos</i> . São Paulo: Editora da Unesp. 2002	2
08/07/08	Continuação da discussão referente ao capítulo IV do método BASICS de DIMEFF, L. A.; BAER, J. S.; KIVLAHAN, D. R. & MARLATT, G. A. <i>Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos</i> . São Paulo: Editora da Unesp. 2002	2
30/07/08	Organização da aplicação dos instrumentos do levantamento inicial. Programação das atividades a serem realizadas no segundo semestre.	2
Total de horas do curso		30

- 9. Com que frequência você toma bebidas de álcool?**
0 – Nunca **3** – Duas a três vezes por semana
1 – Uma vez por mês ou menos **4** – Quatro ou mais vezes por semana
2 – Duas a quatro vezes por mês
- 10. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você costuma tomar?**
0 – 1 a 2 doses **3** – 7 a 9 doses
1 – 3 ou 4 doses **4** – 10 ou mais doses
2 – 5 ou 6 doses
- 11. Com que frequência você toma "seis ou mais doses" em uma ocasião?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 12. Com que frequência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 13. Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 14. Com que frequência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 15. Com que frequência, durante o último ano, você sentiu culpa ou remorso depois de beber?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 16. Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?**
0 – Nunca **3** – Uma vez por semana
1 – Menos que uma vez ao mês **4** – Todos os dias ou quase todos
2 – Uma vez ao mês
- 17. Alguma vez na vida você ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de você ter bebido ?**
0 – Não **4** – Sim, durante o último ano
2 – Sim, mas não no último ano
- 18. Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?**
0 – Não **4** – Sim, durante o último ano
2 – Sim, mas não no último ano

Questões 19 e 20: assinale a resposta de acordo com a pergunta.

- 19.** Considerando o último ano, algum membro de sua família bebeu a ponto de causar problemas em casa, no trabalho ou com amigos?
 Não Sim
- 20.** Se respondeu SIM na questão anterior assinale o membro da família.
 Pai Mãe Irmão(ã) Outro



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
 "Campus" de São José do Rio Preto

APÊNDICE F
Aplicação de intervenção breve por professores de escola pública para
redução do uso de álcool entre estudantes de ensino médio
(Entrevista)

Nome:				Nº do questionário:	
Endereço:					
Telefone:	Período:	Série e turma:	Idade:	Sexo:	

Nas questões de números 1 a 3 faça um círculo ou um X na opção correspondente a sua resposta e na questão 4 coloque o números de vezes pedido (caso não tenha bebido coloque zero)

Cada dose equivale a: 1 coquetel (batida)
 1 lata de cerveja (355 ml)
 1 taça de vinho (150 ml)
 1 dose de destilado (pinga, whisky) à 10% (36 ml)

1 – Lembre da ocasião que **mais** bebeu neste mês. Quanto você bebeu?
 (0) 0 doses (3) 5 a 6 doses
 (1) 1 a 2 doses (4) 7 a 8 doses
 (2) 3 a 4 doses (5) Mais que 8 doses

2 – Com que **frequência** você bebeu bebidas alcoólicas no mês passado?
 (0) Não bebi (4) 3 a 4 vezes por semana
 (1) Aproximadamente um vez por mês (5) Quase todos os dias
 (2) 2 a 3 vezes por mês (6) Uma vez por dia ou mais
 (3) 1 ou 2 vezes por semana

3 – Nos últimos 30 dias quantas doses você bebeu, em **média**, nos **finais de semana**? [some o que você bebeu nos finais de semana (de 6^a feira a noite ao domingo) e divida por 4]
 (0) 0 doses (3) 5 a 6 doses
 (1) 1 a 2 doses (4) 7 a 8 doses
 (2) 3 a 4 doses (5) Mais que 8 doses

4 – Nos últimos 30 dias quantas vezes você bebeu **mais que 5 doses** em uma única ocasião?

.....

PERFIL BREVE DO BEBEDOR (Modificado)

Se o respondente bebe, no mínimo, uma vez por semana (opção 3 a 6), complete a Tabela de constância do padrão, e então complete o resumo dos dados Q/F (quantidade e frequência). Para cada período de tempo, coloque o tipo de bebida, a quantidade consumida e o tempo aproximado que ficou bebendo.

PESO:

Período	Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta		Sábado		Domingo	
	Dose	Tempo	Dose	Tempo	Dose	Tempo	Dose	Tempo	Dose	Tempo	Dose	Tempo	Dose	Tempo
Manhã														
Tarde														
Noite														
T. doses														
T. CPE														

Dose: colocar o número de doses bebidas

Bebida: especificar o tipo de bebida (ex.: cerveja = cer; uísque = uis; batida = bat; coquetel = coq)

Tempo: especificar o tempo consumido para beber a(s) dose(s)

PADRÃO ESPORÁDICO DE USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES

Descrição breve do episódio	Tipo de bebida consumida	
	Duração do episódio em horas	
Quantidade de doses consumidas	Quantidade de CPE	
Pico de NAS	Número de vezes do episódio	

TOTAL DE CPE NA SEMANA: _____

TOTAL DE DIAS QUE BEBEU: _____

TOTAL DE DOSES BEBIDAS NA SEMANA: _____

As questões abaixo (5 a 30) se referem aos últimos 6 meses (EDA, Skinner & Allen, 1982)

- 5 Quanto bebeu da última vez?
- (0) Suficiente para ficar "alegre" ou menos
(1) Suficiente para ficar bêbado(a)
(2) Suficiente para desmaiar
- 6 Você sempre tem ressaca aos domingos ou nas segundas feiras de manhã?
- (0) Não (1) Sim
- 7 Você tem "tremedeiras" quando está se recuperando de um "porre" (as mãos tremem, sente-se trêmulo(a) por dentro)?
- (0) Não (1) As vezes (2) Frequentemente
- 8 Fica fisicamente doente (vômitos, dores de estômago) por causa da bebida?
- (0) Não (1) As vezes (2) Quase sempre que bebo
- 9 Como resultado da bebida, você já teve *delirium tremens* (sentiu, viu ou ouviu coisas que na verdade não existiam)?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Várias vezes
- 10 Você pode normalmente beber mais do que os outros da sua idade sem ficar bêbado(a)?
- (0) Não (1) As vezes (2) Frequentemente
- 11 Por causa da bebida você já sentiu muito calor e suando muito (febril)?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Várias vezes
- 12 Por causa da bebida, já viu coisas que não existiam?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Várias vezes
- 13 Entra em pânico com medo de não poder beber quando quiser?
- (0) Não (1) Sim
- 14 Já teve *blackouts* ("perda de memória" sem desmaiar) por causa da bebida?
- (0) Não, nunca (1) As vezes (2) Com frequência (3) Sempre que bebe
- 15 Carrega uma garrafa com você ou tem sempre uma ao seu alcance?
- (0) Não (1) Poucas vezes (2) A maior parte do tempo
- 16 Após um período de abstinência (sem beber), você acaba bebendo em excesso novamente?
- (0) Não (1) As vezes (2) Quase sempre
- 17 Nos últimos 12 meses, você desmaiou por causa da bebida?
- (0) Não (1) Uma vez (2) Duas ou mais vezes
- 18 Já teve convulsão após beber?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Sim, várias vezes
- 19 Você bebe durante o dia?
- (0) Não (1) Sim
- 20 Por ter bebido muito, já se sentiu confuso(a) ou com o raciocínio comprometido?
- (0) Não (2) Sim, por um ou dois dias
(1) Sim, por poucas horas (3) Sim, por muitos dias
- 21 Por causa da bebida, já sentiu seu coração bater muito rápido?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Sim, várias vezes
- 22 Você, com frequência, fica pensando muito em beber?
- (0) Não (1) Sim
- 23 Por causa da bebida, ouviu "coisas" que na verdade não existiam?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Sim, várias vezes
- 24 Já teve sensações estranhas ou muito amedrontadoras quando bebeu?
- (0) Não (1) Sim, talvez uma ou duas vezes (2) Sim, com frequência
- 25 Por causa da bebida, sentiu "coisas" pelo seu corpo que não existiam (como aranhas ou insetos)?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Sim, várias vezes
- 26 Com relação a *blackouts* (perda de memória):
- (0) Nunca teve
(1) Teve, e durou menos de uma hora
(2) Teve, e durou muitas horas
(3) Teve, e durou por um dia ou mais
- 27 Já tentou parar de beber e não conseguiu?
- (0) Não (1) Sim, uma vez (2) Sim, várias vezes
- 28 Você acaba logo (rápido) seu drinque quando bebe?
- (0) Não (1) Sim
- 29 Depois de beber um ou dois drinques, você geralmente consegue parar?
- (0) Não (1) Sim
- 30 Score

Efeitos típicos do álcool

- 0,02% - relaxamento, tempo de reação diminui, bem estar.
- 0,04% - o bem estar e o relaxamento continuam, mas o tempo de reação continua a diminuir e a descoordenação começa.
- 0,06% - prejuízo do raciocínio, menor capacidade de processar informações.
- 0,08% - a coordenação motora piora.
- 0,10% - prejuízo evidente do raciocínio e de coordenação; visivelmente bêbado.
- 0,15 a 0,25% - risco alto de *blackouts* (apagamento) e acidentes.
- 0,25 a 0,35% - a pessoa pode desmaiar; perder a consciência; risco de morte.
- 0,40% - dose letal.

APÊNDICE G

Ingestão de doses no período de uma hora

Homens										
1	,015	,010	,007	,004	,002	,001				
2	,046	,037	,030	,025	,021	,018				
3	,077	,064	,054	,046	,040	,035				
4	,109	,091	,077	,067	,059	,052				
5			,101	,088	,077	,069				
6					,096	,086				
Peso (kg)	54	64	73	80	90	100				

Mulheres										
1	,029	,021	,016	,012	,009	,006				
2	,074	,059	,048	,040	,034	,029				
3	,119	,096	,080	,068	,059	,051				
4			,112	,096	,084	,074				
5						,096				
Peso (kg)	45	54	64	73	80	90				

JOVENS E AS BEBIDAS ALCOÓLICAS

Aplicação de intervenção breve por professores de escola pública para redução do uso de álcool entre estudantes de ensino médio

Coordenador:
Prof. Dr. Raul Aragão Martins

Apoio:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

Contato:
Raul Aragão Martins
UNESP – IBILCE
R. Cristovão Colombo 2265
Jardim Nazareth
Tel.: (17) 3221 2317
E-mail: raul@ibilce.unesp.br

O que você quer...

Você já se perguntou por que bebe? Veja se você já se colocou as questões abaixo:

- Beber é o meu jeito de não pensar na escola.
- Beber ajuda a me sentir bem em uma festa.
- Beber me torna mais sociável. Sinto-me mais à vontade para conversar com as pessoas depois de um trago.
- Beber é o jeito como eu e meus amigos nos divertimos.

O que você não quer...

Você já se perguntou:

- Não quero ficar bêbado, mas não me sinto bem sem um copo na mão. Como fazer para beber a noite inteira?
- O que fazer para não engordar? Eu não quero ter um barrigão de cerveja.
- Como saber quando devo parar de beber e assim evitar vômitos, sentir-me mal e ficar sem dinheiro?
- Como evitar ressacas?
- Perco muitas aulas. Será que não é porque vou demais a festas?

O que o álcool faz?

O álcool é um depressivo. Isto significa que deprime e lentifica o funcionamento do sistema nervoso. Ele é rapidamente absorvido, vai para a corrente sanguínea e para todos os órgãos, inclusive o cérebro. **No cérebro, o álcool afeta nossa capacidade de processar informações.**

- A atenção fica prejudicada para reagir a situações como, por exemplo, às mudanças de um semáforo.
- A coordenação motora fica prejudicada.
- A pessoa fica menos consciente para julgar se deve ou não fazer sexo numa determinada situação.

Sensações

O álcool é um depressivo estranho. No começo, faz com que você se sinta bem. Pessoas que falam que álcool é gostoso provavelmente estão gostando dessas sensações iniciais.

Mas o álcool não segue a regra "quanto mais melhor". Ao contrário, depois de certo ponto, mais álcool não fará com que se sinta melhor. E beber mais, faz com que ocorram coisas que você provavelmente gostaria de evitar.

a) OUTROS EFEITOS

Engordar

O álcool tem calorias vazias, fornece pouca energia e é mais difícil de queimar que as calorias comuns. Uma lata de cerveja tem 150 calorias (o equivalente a um cachorro quente). Mesmo cerveja light tem 100 calorias. Beber moderadamente fará com que você não engorde de forma indesejada.

Ressaca

Beber moderadamente reduzirá o risco de ressacas. Tomar vitaminas B12 ou aspirina não cura ressaca. Mas, beber bastante água pode reidratar seu corpo e ajudar a diminuir os sintomas. Se você teve ressaca seu corpo está lhe dizendo que você bebeu muito.

Acidentes

Qualquer quantidade de álcool no seu corpo afetará seu tempo de reação e quanto mais você beber mais seu raciocínio e coordenação serão prejudicados. Um motorista com NAS de 0,05% tem duas vezes mais chances de provocar um acidente do que um que não bebeu. O risco é 10 vezes maior com 0,10%. Com 0,15%, é 25 vezes maior. Ao dirigir esteja 100% sóbrio.

Qual é o limite?

Se o percentual de 0,055% de álcool no sangue for ultrapassado, as consequências negativas quase sempre vão aparecer. Você se sentirá doente. Ficará desajeitado. Terá problemas de raciocínio.

Algumas regras para minimizar os efeitos negativos da bebida:

- 1) Coma primeiro.** Com comida no estômago o álcool é absorvido mais lentamente. Isto fará com que você não fique intoxicado muito rapidamente.
- 2) Dê um espaço entre os drinques.** Se você acha que precisa de um copo na mão, alterne bebida alcoólica com refrigerantes ou sucos.
- 3) Beba devagar.** Não dê goladas, não faça "vira-vira". Quanto mais rápido você beber, mais rapidamente ficará bêbado. Cuide de seu drinque: faça-o durar.

Nível de álcool no sangue

O volume total de álcool no sangue pode ser calculado de acordo com o sexo, peso e número de drinques consumidos pela pessoa em um período de tempo. Essa medida é conhecida como Nível de Álcool no Sangue (NAS). Usando as tabelas que estão no final deste panfleto, você pode ter uma idéia de qual seria o NAS para uma pessoa do seu sexo e peso baseado no número de drinques tomados em uma hora.